

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

JUAN C. PEIXOTO PEREIRA

CLÍNICA DA ESQUIZOFRENIA: COMO UM FILÓSOFO
PRODUZIU UM NOVO CONCEITO

Vitoria
2009

JUAN C. PEIXOTO PEREIRA

CLÍNICA DA ESQUIZOFRENIA: COMO UM FILÓSOFO PRODUZIU
UM NOVO CONCEITO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth B. de Barros

VITORIA
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Pereira, Juan Peixoto, 1953-

P436c Clínica da esquizofrenia, como um filósofo produziu um novo conceito / Juan Peixoto Pereira. – 2009.

123 f.

Orientadora: Maria Elizabeth Barros de Barros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Bleuler, Eugen, 1857-1939. 3. Deleuze, Gilles, 1925-1995. 4. Esquizofrenia. I. Barros, Maria Elizabeth Barros de, 1951-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

JUAN C. PEIXOTO PEREIRA

CLÍNICA DA ESQUIZOFRENIA: COMO UM FILÓSOFO PRODUZIU UM NOVO
CONCEITO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Clínica.

Aprovada em 1º de junho de 2009.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
ORIENTADORA

Professora Doutora Maria Cristina Campello Lavrador
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Professor Doutor Nelson Antonio Alves Lucero
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Professor Doutor Eduardo Henrique Passos Pereira
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

VITORIA
2009

*Ao meu Pai In Memoriam
Llewellyn (Leoelin) 1928-2001*

À generosidade e delicadeza de meus colegas do DPSI

Amor Dei intellectualis qui ex tertio cognitionis genere oritur, est æternus.

Ethica V; prop. XXXIII. *Ethica More Geometrico Demonstrata. Pars quinta. De potentia intellectus seu de libertate humana. Spinoza*

O amor intelectual de Deus, que nasce do terceiro gênero de conhecimento, é eterno. Proposição XXXIII; Spinoza. Ética demonstrada segundo o costume dos geômetras. Quinta Parte. Da potência do entendimento ou da liberdade humana.

RESUMO

A Esquizofrenia é um signo negativo quando se instala como patologia – campo das psicoses. O discurso médico psiquiátrico celebrou seu advento, comemorou as possibilidades que o pensamento “freudo-bleuleriano”, isto é devido a Freud e Bleuler, abriu e desvelou. Todavia a carreira da Esquizofrenia – atravessando o movimento político da antipsiquiatria – teve-se confrontar com outra sorte de experiências. Elas foram registradas segundo uma nova Lógica que – sob as condições impostas pelo acontecimento freudiano – havia transtornado o Saber no século XX. Gilles Deleuze compreendeu esse aturdimento, recolheu a parte que lhe cabia e documentou-a, em particular, em sua Lógica do Sentido de 1969. Assim fazendo inverteu a polaridade dos signos, positivando-a (a esquizofrenia).

ABSTRACT

Schizophrenia is a negative sign when it installs as pathology - field of psychosis. The medical discourse psychiatric celebrated its advent, celebrated the possibilities that the thought "freudo-bleuleriano", that is due to Freud and Bleuler, opened and unveiled. However the career of Schizophrenia - crossing the political movement of anti-psychiatry - was due to face with another sort of experience. They were registered under a new logic that - under the conditions imposed by the event Freud - had upside-down the knowledge in the twentieth century. Gilles Deleuze understood this stunning, took in part due to it and documented it, in particular, in his Logic of Sense, 1969. In doing so reversed the polarity of the signs of positivity (schizophrenia).

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
1 ONDE SE DESENHA UM CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO, CRÍTICO E CLÍNICO <i>SUI GENERIS</i>	11
2 DECISÃO DO FILÓSOFO, CLÍNICA DA ESQUIZOFRENIA	12
1 O ESQUIZO E AS LÍNGUAS OU A FONÉTICA NO PSICÓTICO	17
1.1 PALAVRAS DESPEDAÇADAS EM LETRAS E SEUS SONS: EXERCÍCIO DE FONÉTICO	17
1.1.1 Dimensões de um problema.....	19
1.1.2 Mas aqui se trata do pensamento de um filósofo.....	21
1.2 A TÍTULO DE HIPÓTESE	22
1.3 NOTA PRELIMINAR SOBRE O TERMO <i>SCHIZOPHRENIE</i>	22
1.4.1 Obra de Eugen Bleuler.....	24
1.4.2 Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen, processos inconscientes e criatividade	24
1.5.1 “... <i>detectar a lógica que comanda – no limite, o capital...</i> ”	27
1.5.2 Fronteira da linguagem	28
1.5.3 Arrisco a pensar nestes termos o lugar do delírio.....	29
1.5.4 Um outro saber, um saber diferente (conceito).....	30
1.6 QUESTÕES RELATIVAS À LETRA E ESQUIZOFRENIA.....	31
1.6.1 Inflexão da crítica para a clínica.....	34
1.6.2 Uma contextualização feliz.....	38
O verbete enciclopédico Esquizofrenia e Sociedade (1975) Sobre Capitalismo e Esquizofrenia ou como um filósofo encontra um psicanalista militante.	38
1.6.3 Decidindo-se por um problema.....	39
1.6.4 Um traço de história: psicoterapia institucional	40
2 INTRODUÇÃO AO <i>MORE</i> , MAS NEM TANTO <i>GEOMETRICO</i>	48
2.1 PROBLEMAS QUE A AI DEVE VERIFICAR	48
2.2 USOS E INVENÇÕES DE CONCEITOS	48
2.3 <i>PÉNSEE-DELEUZE</i> E CONCEITOS DO AI.....	50
2.4 UMA PROBLEMÁTICA, CLÍNICA	54
3 CLÍNICA, ESBOÇO DE DEFINIÇÃO	57
3.1 UM PEQUENO ARDIL, ASTÚCIA DO FILÓSOFO	57
3.1.1 Artaud: Duplo de Carrol se perguntou Deleuze?	57
3.2 A LINGUAGEM DA ESQUIZOFRENIA	59
3.3 COMO O FILÓSOFO PRESENTIU A PASSAGEM DO PENSAMENTO-LINGUAGEM PARA O CORPO	62
3.4 UM CORPO ESBURACADO.....	63
4 EUGEN BLEULER, LUGAR DA INVENÇÃO DAS ESQUIZOFRENIAS.....	65
4.1 O CONCEITO DE ESQUIZOFRENIA NA PALAVRA <i>SCHIZOPHRENIEN</i> EM BLEULER	65
4.2 ORGANIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DA MONOGRAFIA DE BLEULER E SUAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS	66
4.3 A COMPOSIÇÃO FORMAL DA MONOGRAFIA É ESTA.....	67
4.4 CONSIDERAÇÕES	72
5 PARA ESTABELEECER UMA DEFINIÇÃO, DICIONÁRIO.....	76

5.1 À LAPLANCE E PONTALIS COUBE UMA TAREFA DE EXITOSO RIGOR	76
5.1.1 Sobre o verbete esquizofrenia: psiquiatria, e psicanálise	77
6 A GUIA DE CONCLUSÃO ... A QUESTÃO DO PROCEDIMENTO	82
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	87
ANEXO A – TEXTO: ESQUIZOFRENIA E SOCIEDADE	88
ANEXO B - PREFÁCIO DO LIVRO DE LOUIS WOLFSON	102
ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DE RADIODIFUSÃO DO JORNAL L’HUMANITÉ	120

PRÓLOGO

1 ONDE SE DESENHA UM CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO, CRÍTICO E CLÍNICO *SUI GENERIS*

Consideremos, durante um instante por *fingimento*, que não sabemos quem é o autor deste texto:

Como regra geral a análise psicossocial das famílias de esquizofrênicos só pode ser conduzida pela intermediação das regras formais instauradas pelo pensamento esquizofrênico, e não o inverso. O estudo dessas regras formais não é certamente favorecido pelos antigos-lugares comuns sobre o pensamento pré-lógico, a participação, a identificação, a dissociação, os mecanismos do sonho: ao contrário. O estudo do formalismo esquizofrênico, e do ‘não-sentido’ onde ele se desdobra por si mesmo e positivamente, encontrou já um certo desenvolvimento nos trabalhos de G. Bateson e sua escola cf. *Toward a theory of schizophrenia* [Para uma teoria da esquizofrenia], Behavioral Science, 1966 [e o relatório que dele fez Pierre Fédida, Psychose et Parenté, Critique, octobre 1968]. É certo que a teoria lacaniana, relativa à posição do esquizofrênico na ordem simbólica, é suscetível de dar a essa pesquisa novas bases (DELEUZE, 1970, p. 11).

Sob todos os aspectos trata-se de uma observação com alto grau de elaboração teórica, acuidade técnica e aguda crítica epistemológica.

Ao se atribuir ao “*pensamento pré-lógico, a participação, a identificação, a dissociação, os mecanismos do sonho*” – a qualificação de *clichés* – destitui-se e desautoriza-se boa parte de idéias e práticas relativas à questão da *psicose esquizofrenia*. Em favor de uma iniciativa que se quer nova – estampada com todas as letras nessa nota. Posto que se possa depreender que doravante ele (o pensamento esquizofrênico) comporta um elemento de positividade.

Ademais me parece assegurado que o deslocamento de eixos do campo das *neuroses* para a psicose inicia uma nova *torção*. Com este último termo nos vemos confrontado com uma dimensão que se nos impõe: a da *clínica*. O que acima se lê é uma observação clínica. Clínica das psicoses.

2 DECISÃO DO FILÓSOFO, CLÍNICA DA ESQUIZOFRENIA

De bom grado gostaria de apresentar esta dissertação como se segue: um relatório de leitura de um filósofo de acordo com cláusulas que, aqui e ali, encontrei entre os comentadores de Deleuze. Um exercício acadêmico. Nada mais. Afora a máxima comum do tipo “um dia [...] será deleuziano [...]”, há um motivo razoável e simples: é que “[...] ainda não conhecemos o pensamento de Deleuze” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 3). Considerei a Leitura de Lógica do sentido (1969) e seus 5 anexos como um balanço (contábil) da situação da filosofia nos anos 1964-1969, assim denominei isso – para mim – como período Deleuze e suas intervenções. Só muito depois é que se transformou em *Pensée-Deleuze*. Em algum lugar li que “Deleuze é diabólico”. Se isso quer dizer que ele é um estrategista está ótimo. Estrategista do argumento. Da astúcia do pensamento. E que me perdoe o leitor por deixar texto em língua estrangeira. Tentarei minimizar essa falha referenciando meu próprio texto com os Anexos (A, B e C).

A noção de loucura (no nome esquizofrenia) deverá vir a ser solidária com a linguagem que, por sua vez, relacionar-se-á com o saber.

Esse reconhecimento (essa solidariedade) deve-se a história da filosofia, lá, na aurora do pensamento. Senão vejamos.

A astuciosa sugestão deleuziana concerne à leitura de Platão. É que após a admissão do dualismo de Platão (Idéia e Matéria) é necessário continuar. Todavia a dualidade **admitida é outra** “[...] mais profunda, mais secreta, oculta nos próprios corpos sensíveis e materiais: dualidade subterrânea entre o que recebe a ação da Idéia e o que se subtrai a esta ação” (DELEUZE, 1969, p. 2). Se assim é, algo sempre pode ser revelado, desvelado. Há alguma coisa que se encontra por debaixo. Algo clandestino, oculto.

Esse algo “[...] não é a distinção do Modelo e da cópia, mas das cópias e simulacros” (DELEUZE, 1969, p. 2), trabalho já feito pela *divisão*, seleção e *exclusão*. Do método platônico.

No Platão deleuziano duas dimensões são apontadas: “[...] a das coisas limitadas e medidas, das qualidades fixas [...] permanentes ou temporárias [...]” e “[...] um puro devir sem medida, verdadeiro devir-louco que não se detêm nunca, nos dois sentidos ao mesmo tempo, sempre se furtando ao presente, fazendo coincidir o futuro e o passado [...]” (DELEUZE, 1969, p. 2).

O que disso podemos compreender? O que da astúcia do historiador de filosofia podemos acompanhar?

Da Leitura crítica de um pensamento distanciado mais de dois milênios em nossa cronologia trivial – pensamento milenar que insiste e subsiste nesse lapso temporal vazado pelo próprio signo que define essa duração, quer dizer, A.C e D.C –, dessa leitura surge, cintila, o que se segue: “[...] o puro devir, o ilimitado, é a matéria do simulacro [...]” (que muito exatamente *fora excluído* pelo método de *divisão* – platônica) “[...] na medida em que se furta à Ação da Idéia, na medida em que contesta ao mesmo tempo tanto o *modelo* como a *cópia*” (DELEUZE, 1969, p. 2).

Donde conviria a suspeição: “As coisas medidas acham-se sob as Idéias; mas debaixo das próprias coisas não haveria ainda este elemento louco que subsiste, que ‘sub-vem’, aquém da ordem imposta pelas Idéias e recebida pela coisa?” (DELEUZE, 1969, p. 2).

É do próprio texto platônico que caberia “[...] perguntar se este puro devir não estaria numa relação muito particular com a linguagem [...]. Não seria talvez esta relação essencial à linguagem, como em um ‘fluxo’ de palavras, um discurso enlouquecido que não cessaria de deslizar sobre aquilo que remete sem jamais se deter?” (DELEUZE, 1969, p. 2).

Desse movimento, que não cessa, podem-se extrair conseqüências: o *nome próprio*, “[...] pois o nome próprio ou singular é garantido pela permanência de um *saber*. Este saber é encarnado em nomes gerais que designam paradas e *repousos, substantivos e adjetivos*, com os quais o próprio [o saber] conserva uma relação constante” (DELEUZE, 1969, p. 2, grifos nossos).

O saber pode ser talvez isso que repousa nas palavras – quando o fluxo desatinado cessa, estabiliza.

No sentido contrário a perda do nome próprio pode desencadear o fluxo disparatado, fraturar a relação constante.

Nesta situação tem-se então um “fluxo louco”.

Para realizar parte desta dissertação utilizei – no básico – textos do período compreendido entre 1964 e 1969 e contidos no livro *Lógica do sentido* – para a noção de clínica presente na *Décima terceira Série: Do Esquizofrênico e da Menina*; e nisso em que este livro recompila obra dispersa, mas que convergem. Contentar-me-ei – portanto me limitarei – com a temática que alinha loucura e linguagem em seus aspectos mais visíveis, mais abertos e acessíveis ao não-filósofo.

Fora deste período de bom grado vou me servir do verbete de 1975 “Esquizofrenia e Sociedade” da enciclopédia francesa universalis.

No Anexo A deixei a tradução que fiz do verbete. Pois ele atenderia aos seguintes propósitos: estar em língua portuguesa e pela clara vivacidade e coloratura do texto. E por uma pequena (in-)virtude do meu ofício – razões de clareza didática, isto é, onde não seria possível a paráfrase, sem que disso decorresse um demasiado empobrecimento daquilo que o autor deseja afirmar. E, mesmo em virtude da polissemia ou a sintaxe de uma única frase de Deleuze. Explico esta possibilidade como algo assim: certas passagens textuais assemelham-se como um fotograma, negativo em preto-e-branco – que faz surgir do jogo de luzes da técnica barroca claro-escuro um detalhe que quase configura toda a composição. Em certos momentos tem-se a nítida impressão de que certas linhas obscuras estão ali para iluminar outros pontos, outras linhas, outra perspectiva.

Se o desejo e o inconsciente freudiano aí figura (no verbete da enciclopédia) é já por uma torção. Perguntei-me como seria possível exigir de Freud mais do que o *estabelecimento* do próprio conceito de *das Unbewusste* (o Inconsciente) quando para Freud era crucial – missão crítica – fazer a *exposição* deste mesmo conceito num terreno de extrema hostilidade; numa geografia implacavelmente anti-semita e de ódio étnico.

Mas os traços históricos – do imaginário da história falada ao documento epistolar, até o escrito teórico – vazam nos *pequenos grupos* institucionalizados. Tentarei recuperar *pelo menos um* destes traços históricos, aquele apontado pela conjunção dos nomes Bleuler–Freud.

Se desse modo a invenção freudiana capengou quando – após ser confrontada com as estratégias estruturalistas – encontrou-se com o pensamento do acontecimento é porque havia algo mais (+).

É porque a partir do campo do inconsciente tornou-se possível o engendramento de condições outras que ele impunha.

Porque foi possível antever, vislumbrar novas possibilidades distintas daquelas que o Édipo permitia como *medida* – fixado como estava ao dispositivo da genealogia familiar. Na teoria geral das neuroses freudiana que compreendia como sua base o recalçamento (*Verdrängung*), este mecanismo etiopatogênico era o obstáculo a ser ultrapassado. Havia algo, alguma coisa que ainda resistia ao novo saber. Isso não passou despercebido aos freudianos mais inventivos – tornou-se então um capítulo apartado. O capítulo das psicoses, da pura loucura ou da loucura pura, que fazia questão – insistia e perdurava (Ver Anexo A).

Quer me parecer que é isso que emerge que está impresso sob o título inconsciente, *esquizofrênico*. História acidentada, complicada, que deserda um certo freudismo ao fazer implicar a esquizofrenia no campo social – desinvestimento libidinal da privacidade familiar.

Gostaria de deixar estabelecido que os Anexos (A, B e C) são parte integrante de minha elaboração – com a cláusula devida, claro, de que eles não podem integrar o corpo do texto no espaço de uma dissertação.

Isso vale para os Anexos naquilo em que eles têm de dificuldade de acesso – acesso à fonte – e que para mim consolidam uma violenta diatribe contra a doxa do conhecimento

médico de corte psiquiátrico e os personagens que o encarnam. Digo, precisamente na cena francesa.

Gostaria de partir do seguinte ponto.

1 O ESQUIZO E AS LÍNGUAS OU A FONÉTICA NO PSICÓTICO

1.1 PALAVRAS DESPEDAÇADAS EM LETRAS E SEUS SONS: EXERCÍCIO DE FONÉTICO

O filósofo começou considerações clínicas sobre Wolfson¹ dessa maneira:

[...] consideremos um [...] *texto cuja beleza e densidade permanecem clínicas*. Aquele que chama a si mesmo de doente ou esquizofrênico ‘estudante de línguas’ experimenta a existência e a disjunção das duas séries da oralidade: é a dualidade coisas-palavras, consumações – expressões, objetos consumíveis – proposições exprimíveis [...] (DELEUZE, 1969, p. 87).²

Ao anotar *beleza e densidade*, aspecto estético e “rigor lógico”, nem por isso o texto se qualifica como literário ou de lógica. Pelo contrário, ele faz denotar a *fração clínica*, o estatuto patológico da fala – *no texto* – que vem muito justamente ao feliz encontro da meditação do filósofo – neste “*momentum*” do pensamento deleuziano.

Que ele a faça (a meditação) tendo como horizonte programático “*desconstruir a Idéia platônica*” – quer dizer do É para o E, do ser para a partícula “e” – é um estratagema lançado à cara de poderosos adversários.

Assim, nada mais distante da Filosofia – mas não dos filósofos – do que um diagnóstico diferencial.

Mas o que poderia ser isso?

Como poderia haver uma *periodização* da filosofia que passasse por diretrizes diagnósticas, senão que de fato pelo menos um sintoma fosse suposto?

Ele, nosso filósofo, o dirá nessa afirmativa negativa (primeira frase) sobre as imagens do filósofo – e, não sem uma certa tonalidade de vaticínio

¹ Essa foi a maneira que encontrei para lidar com fontes bibliográficas que ficaram fora do meu alcance. Malgrado minhas iniciativas não obtive acesso a essa referência ao *Les Temps Modernes* (WOLFSON, Louis. *Le schizo et les langues ou la phonétique chez le psychotique: o esquizo e as línguas ou a fonética no psicótico*. *Les Temps Modernes*, n. 9, p. 218, jul. 1964).

² Ver Anexo B.

Não vamos comparar os filósofos e as doenças, mas há doenças propriamente filosóficas. O idealismo é a doença congênita da filosofia platônica e, com seu cortejo de ascensões e de quedas, a forma maníaco-depressiva da própria filosofia. A mania inspira e guia Platão. A dialética é a fuga das Idéias, a *Ideenflucht*, como Platão diz da Idéia, ‘ela foge ou ela perece’ [...]. E mesmo na morte de Sócrates há algo de um suicídio depressivo (DELEUZE, 1969, p. 87, grifos nossos).

Suponho que o sintoma suposto seja a dialética. Tal como manejado pelo filósofo, a *fuga das idéias* – nos quadros maníacos – pode querer designar esterilidade à deriva, fluxo desvairado da excelência do Mesmo, palavras que nada dizem senão para dizerem o idêntico a si.

De resto fica que a diretriz diagnóstica – para o diagnóstico diferencial de esquizofrenia – é excluir o quadro bi-polar: mania, depressão psicótica (a antiga psicose maníaco-depressiva).

Essa habilidade diagnóstica é notável no filósofo. Mas em 1968 ele sabe das doenças que fatigam e exaurem, que tiram o ar. Ele as experimenta justo na caprichosa arquitetura fisiológica dos órgãos onde as próprias palavras se iniciam – ar do motor dos sons. Nosso filósofo padece. Como ignorá-lo ao se ler o pungente primeiro parágrafo de *Espinosa Filosofia prática?*

Por tê-lo vivido, Nietzsche percebeu em que consiste o mistério da vida de um filósofo. O filósofo se apropria de virtudes ascéticas – humildade, pobreza, castidade – para fazê-las servir a fins totalmente particulares, inusitados, na verdade muito pouco ascéticos. Ele faz delas a expressão de sua singularidade. Mas isso não significando para ele fins morais, nem tampouco meios religiosos para outra vida, mas antes os ‘efeitos’ da própria filosofia. E isso porque para o filósofo não existe em absoluto outra vida. Humildade, pobreza, castidade tornam-se assim os efeitos de uma vida particularmente rica e superabundante, poderosa o suficiente para ter conquistado o pensamento e ter-se subordinado a qualquer outro instinto – isso a que Espinosa chama a Natureza: uma vida não mais vivenciada a partir da necessidade, em função dos meios e dos fins, mas a partir de uma produção, de uma produtividade, de uma potência, em função das causas e dos efeitos. Humildade, pobreza, castidade, eis a maneira própria de o filósofo ser um Grande Vivente, e de fazer de seu próprio corpo um templo para uma causa por demais orgulhosa, demasiado rica, demasiado sensual. De tal modo que, ao atacar o filósofo, sofremos a vergonha de atacar um invólucro modesto, pobre e casto; o que intensifica a raiva impotente, pois ele, o filósofo, não oferece nenhuma resistência, a despeito de padecer todos os golpes (DELEUZE, 2002, p. 9).

Nada impede que esse seja o *portrait* de um filósofo além de um desejo, um voto. Creio que uma vida também pode causar, ser a causa de um outro filósofo. Desse envelope corporal pronto a se desfazer, a ruir, resta que lhe fica a potência de ter conquistado o pensamento. Tarefa em si mesma revolucionária. Exilado em sua própria língua, sua Tribo, Espinosa emerge – soberano – do trabalho de escritura de um discurso do Agir. Mostrando os passos necessários. Desenhando as formas das virtudes.

As virtudes são refratárias ao seu ensino, elas se aprendem no exemplo do ato virtuoso.

Desse modo, ao conferir à filosofia um quadro nosológico inteiro – forma maníaco-depressiva – trata-se antes de localizar e contrapor uma outra forma nosológica – desta vez com a aposta de uma marca onde as palavras, loucas, dizem. Enfim, minha leitura me diz que o quadro descrito denota – tudo parece indicar – uma espécie de esterilidade.

Voltemos então ao nosso esquizofrênico, Louis Wolfson.

1.1.1 Dimensões de um problema

Em um dia de verão, 2 julho de 1970, o escritor francês Jean Ristat (1970, acesso em 12 out. 2008) perguntou ao filósofo:

O autor desse livro, Louis Wolfson, se chama ‘o estudante de língua esquizofrênica’, ‘o estudante de idioma demente’. Creio que essas poucas expressões são suficientes para colocar o leitor do ‘Esquizo e as línguas’ em uma situação de *estranhamento* ao mesmo tempo pela dor, o trágico e o humor que atravessam esse livro (grifos nossos).

No plano do *estranhamento* – essa esquisita familiaridade – encontramos no tema em que o filósofo deseja ou quer arrancar, extrair, essa parte da experiência humana que confina com *a dor* e *o trágico* e traduzi-la. Um esquizofrênico – um psicótico – pode nos mostrar isso quando *escreve* e, ele é pródigo em fazê-lo.

Desse modo torna-se possível passar da *experiência inefável do estranhamento* à letra, da letra ao texto, do texto ao seu comentário e, segue-se da crítica à clínica.

Continua Jean Ristat (1970, acesso em 12 out. 2008) seu admirável questionamento:

Wolfson é americano e escreve em francês. Mas ele recusa sua língua materna e emprega um procedimento lingüístico do qual você diz no seu Prefácio, Gilles Deleuze, que ele apresenta analogias notáveis com o célebre procedimento – ele próprio esquizofrênico – do poeta Raymond Roussel. Analogia mas também diferença. E toda a questão me parece estar aí: Wolfson não escreve uma obra literária e, todavia dizer isso nos autoriza considerar seu livro como uma obra de doente mental? [...].

Talvez isso queira dizer ou poder-se-ia concluir então que – a partir do Raymond Roussel de M. Foucault e do Louis Wolfson de Deleuze – obra literária, literatura, é o *problema de escrever?* (DELEUZE, 1997).

Quer dizer, a dimensão do problema se expõe em dois pólos os “[...] belos livros estão escritos numa espécie de língua estrangeira” (PROUTS, 1987, p. 8). Assim, a *obra de arte* e a *língua estrangeira*.

Na polaridade língua estrangeira se pode sentir quão dessemelhante é o devir *obra de arte*. A experiência da *língua estrangeira* comporta um grão de intensidade incomum, de mundos diferentes, da narrativa do fluxo do tempo em movimento.

A letra, a língua, a literalidade escrita do texto, a bela palavra, o *Prólogo* de uma só única lauda de *Crítica e Clínica* são tantos outros problemas. *Prólogo*: “[...] no antigo teatro grego, a primeira parte da tragédia, em forma de diálogo entre personagens ou monólogo, na qual se fazia a exposição do tema da tragédia” (HOUAISS, 2009, p. 9).³

E é nesse prodigioso Prólogo de Crítica e Clínica que o problema da literatura encontrou seu eco enigmático.

“A literatura é saúde” (DELEUZE, 1997, p. 10).

Mas, todavia essa proposição engendra, propõe, contém um *novo problema* muito além e distante do escopo deste relatório.

³ Na tradução de Pelbart o Prólogo de Crítica e Clínica (DELEUZE, 1997) começa na página 9 e termina na página 10 com 3 frases. É de uma intensidade orquestral, jorrando sonoridades em mil tons: “Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a delirar”.

1.1.2 Mas aqui se trata do pensamento de um filósofo⁴

“Em todos os meus livros procurei a natureza do acontecimento, é um conceito filosófico, o único capaz de destruir o verbo ser e o atributo”.

Nenhum problema que o filósofo possa se pronunciar sobre uma psicose – Esquizofrenia. Mas que ele o faça convocando o antropólogo americano Gregory Bateson e a Ciência Comportamental, dialogando com o médico-psiquiatra Jacques Lacan e propondo uma outra coisa torna-se, então, um Problema, e com dimensões bastante significativas.

Seria óbvio e trivial se perguntar por que e a que título um filósofo se pronuncia com tanta propriedade e pertinência clínica sobre uma enfermidade?⁵

Um filósofo que fala sobre psicose e sobre elas se manifesta. Mas datado: trata-se de um agudo momento histórico do capitalismo e sua divisão de forças em super potências – e esquemas de pensamento inconciliáveis.

Época de uma imponderável divisão como invisível ameaça de terror e aniquilamento – do corpo e do pensamento.

Gostaria de deixar aqui no corpo do texto minha percepção sobre esse fato histórico. A mim parece que a inteligibilidade desta situação é muito mais compreensível, clara, sensível, pensável para um *cidadão europeu* que experimenta a presença das máquinas-de-guerras nucleares, atômicas, como potências de morte bem ali no jardim da frente de sua casa.

Uma situação *socialmente* dilacerante, fragmentadora, “des-unificante”.

Então temos as Esquizofrenias – a qual se admite e admitimos ser o modelo, problemático – de uma *síntese ideal* da uma enfermidade psíquica (ROUDINESCO, 1998) a partir do *discurso médico-psiquiátrico* da segunda década do século XX.

⁴ Se a teoria da neurose interpelou o Saber a partir do acontecimento o Inconsciente então um filósofo pode muito bem se aventurar na saga freudiana.

⁵ Sobre o estatuto de doença ver notadamente Crítica e Clínica, Deleuze (1997). Ver também Wolfson (1970).

1.2 A TÍTULO DE HIPÓTESE

Tomarei como hipótese uma proposição simples: o *conceito* de esquizofrenia é uma função que se relaciona como um elemento crítico na *economia do pensamento* do filósofo. De tal sorte que ele pode ordenar campos heterogêneos.⁶

isso implica forçar e esclarecer o *conceito* em seu terreno nativo, em sua emergência histórica.

Chamarei isso de “*nosopoiesis*” do *conceito* (BLEULER, 1950, p. 461) de esquizofrenia, conceito sob o qual se encontra uma patologia psiquiátrica – de por si mesma problemática.

Essa proposição acima é um passo lógico neste trabalho posto que é impossível ao filósofo dizer o que quer seja antes que a *idéia* de esquizofrenia tenha transbordado de seu leito original e passado para o campo da Cultura ao produzir seus efeitos. Quer seja a investigação *Estética* na *literatura* em suas relações e parentesco com a loucura e, anotado pelo filósofo: Roussel, Artaud, Nietzsche, Hölderlin.

1.3 NOTA PRELIMINAR SOBRE O TERMO *SCHIZOPHRENIE*

Desde o surgimento da palavra *Schizophrenie* notadamente a partir de 1911 – ela – por sua vez – não cessa de colocar questões.

Parece que só o português e o espanhol grafaram *Esquizofrenia*, o que fez dispersar, dissolver, rasurar o preposto grego *σχίζω* (*skeizen*, clivar, dividir) – primeira parte da palavra. Parece-me que Bleuler (1950) desejaria imprimir um sentido de corte – um corte dividindo os dois hemisférios cerebrais segundo os modelos anátomo-morfológicos em curso. Todavia só pequenos e discretos traços aqui e ali me autorizam a pensar desse modo.

⁶ Com a evidência da releitura – feita por ele – de Melanie Klein.

A segunda parte da palavra recebe traduções de acordo com o momento: espírito, alma, cérebro. Como até o presente momento não se fez a dissecação (anatomia) nem do espírito tampouco da alma, o cérebro continua levando vantagens consideráveis.⁷ Em Alemão dividir (clivar) é *Spaltung*.

⁷ A suposição que o *discurso da ciência* preconiza que o pensamento ocorre *dentro* do cérebro. Nas neurociências, isto é nas *hard sciences*, a vertigem dos protocolos *positron emission tomography* (PET) agora é compartilhada como “Seeing is believing”. A solução de Deleuze sendo mais delicada e complexa – mesmo que comporte uma Crença.

1.4 Nota preliminar sobre *nosopoiests*⁸ da *Schizophrenie*

1.4.1 Obra de Eugen Bleuler

Sua *nosopoesis* com o médico-psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1950) deriva do acontecimento freudiano *o Inconsciente* e re-atualiza no campo da medicina psiquiátrica de corte hospitalar a invenção freudiana da *Cisão* (*Spaltung*). *Schize* (cindir) com o qual Bleuler dela (da teoria freudiana) se distancia e se aproxima – cisão das Associações: *esquizo*-frenia. A antiga noção de Associações – na esquizofrenia de Bleuler – reporta-se às funções psíquicas superiores sob o nome de *pensamento*. Na esquizofrenia é o pensamento que se encontra cindido, dividido. Não-funcional em relação ao curso que dele espera a primazia do império da Razão. E desse modo, portanto patologia do pensamento. Assim, a criação (*poiesis*) do pensamento cindido, doentio – *no campo da nosologia psiquiátrica*.

Desse modo Bleuler (1950) evitou repetir a nomenclatura freudiana (*Spaltung*, que designava a condição do *das Unbewusste* [o Inconsciente]) em favor das estratégias nosográficas de privilegiar termos gregos – neste caso. Bleuler (1950) decidiu-se e acertou de maneira espetacular em sua criação. Ao inventar esta nova palavra – neologismo – ela inscreve-se na Cultura polinizando outras culturas. Afetando aquelas em particular com maior sensibilidade estética. Assim, na filosofia proveu o próprio campo da Estética com possibilidades inauditas com as quais se tornou possível a um filósofo desenhar perspectivas novas. De resto o vasto campo do sensível e da sensibilidade. Essa talvez tenha sido uma das fontes na qual nosso filósofo encontrou sua seara, parece-me:

1.4.2 Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen, processos inconscientes e criatividade

Em 24 de maio de 1907 Carl Gustav Jung – nesta ocasião leitor atento e fascinado de Sigmundo Freud “[...] exclamou: *Sua Gradiva é magnífica! Li-a recentemente, de uma só vez. A clareza de sua exposição é fascinante [...]*”; e mais adiante, nessa mesma carta, acrescentou, sem

⁸ Houaiss (2007): “pospositivo, do gr. *poísis*, éos 'criação; fabricação, confecção; obra poética, poema, poesia', através do lat. *poésis*, is 'poesia, obra poética, obra em verso'; ocorre em cultismos dos XIX em diante, como galactopoesia, hematopoesia/hematopoesa, leucopoesia/leucopoesa, onomatopoesia; os subst. assim formados fazem adj. em – ico: galactopoético, hematopoiético/hematopoético, leucopoiético/leucopoético, onomatopoético; ver poet- [...]”.

dúvida para encanto de Freud: “*Sua Gradiva*,⁹ no dizer de Bleuler, é maravilhosa [...]” (ROUDINESCO, 1998, p. 143).

Quer me parecer que a geração de pensadores franceses contemporâneos de Deleuze conheciam bem esta história: a psicanálise aplicada à literatura.

No entanto não é de todo evidente que sob o termo *Schizophrenia* encontremos a aventura e saga freudiana do inconsciente. Este último Conceito o qual por sua vez prevê substancial consistência teórica a esta famosa palavra, e Bleuler (1950) sabia bem disso.

Mas que a Estética fosse disso a primeira beneficiária podemos ver no privilégio concedido à freqüentação da Literatura a qual Freud chamou de psicanálise aplicada. Menos uma estética da sensibilidade perceptiva, mas do processo do pensamento que deságua na linguagem.

Há nítido laço entre os pensamentos inconscientes e a criação – *poiesis* – literária. Ainda resta perguntar como seria possível expressar o laço de *pensamento e inconsciente*?

⁹ Conhecemos esta história em detalhes. Local: hospital e clínica da universidade de Zúrich, o Burghözli, onde Jung assumia importantes funções delegadas por Bleuler. Roudinesco resumiu assim: “Ernest Jones relata o fato com uma pitada de ceticismo: Carl Gustav Jung é quem teria chamado a atenção de Freud para o romance de Wilhelm Jensen intitulado *Gradiva*, uma fantasia pompeiana. Para agradar seu discípulo, Freud teria então redigido seu ensaio psicanalítico sobre esse livro, que qualificou em sua autobiografia, em 1925, de “Pequeno romance sem grande valor em si”. Natural do norte da Alemanha, Jensen foi um escritor prolífero. Sua posteridade, entretanto, liga-se exclusivamente a esse livro, *Gradiva*, do qual Freud se apossou para efetuar sua segunda psicanálise da literatura – a primeira, que permaneceu inédita, foi remetida somente a Wilhelm Fliess e dizia respeito a um romance de Conrad Ferdinand Meyer (1825-1898) –, inaugurando a coleção de psicanálise aplicada que fora criada em época então recente, sob o nome de *Schriften zur angewandten Seelenkunde* – [Escritos sobre a psicologia aplicada], essa, a tradução literal que fiz.

1.5 Sucesso epistemológico

O vocábulo esquizofrenia (*schizophrenia*) foi um sucesso prático na *doxa médica*, doando e na adoção de um acervo instrumental de diagnóstico diferencial que mobilizou o discurso psiquiátrico tanto quanto o transtornou.

Mas, foi sobretudo epistemológico consubstanciado desse modo:

Bleuler fez da esquizofrenia o grande modelo estrutural da loucura do século XX. Assim, a segunda psiquiatria dinâmica seria dominada, até cerca de 1980, pelo sistema de pensamento freudo-bleuleriano (ROUDINESCO, 1998, p. 190).

Limito-me (para efeito desta dissertação) em destacar que esta afirmativa da Historiadora tem todo seu alcance na notável aceitação deste sistema nos Estados Unidos da América. A imigração ao longo da II Guerra por parte de médicos europeus com formação psicanalítica em parte explica este êxito do termo. Além disso, um sintoma correlato – o autismo – era uma resposta por demais saborosa para os enigmas das psicoses em crianças. Em particular para psicólogos.

Todavia o que permanece é o deslocamento freudiano – no acontecimento *das Unbewusste* (o Inconsciente) – do Saber que sob o primado da Consciência transtornou o conhecimento filosófico. Quer seja sob o signo da *Schize* ou da *Spaltung* os saberes consolidados e estabelecidos foram afetados – sob a incidência da Cisão.

Devemos admitir que nosso filósofo disso extraísse no mínimo considerações insuspeitas, efeitos desconcertantes.¹⁰

Em uma palavra, reconheceu o *alcance* e *valor* do pensamento freudo-bleuleriano, metabolizou-o e o incorporou à maneira deleuziana – sendo estes últimos termos bem afeitos ao seu pensamento.

¹⁰ Pierre Macherey exprimiu um outro sentimento sobre o circuito do pensamento deleuziano que sublinhei em itálico abaixo: “Num texto *espantoso* em que Deleuze aproxima Spinoza do teórico do «Umwelt», Uexküll [...]” (DELEUZE, 1988, apud ESCOBAR, 1991).

É de *pensamento* o estofo de suas criações e sua incansável re-valorização da palavra – a literária, a do delírio, numa solidariedade Topológica entre Literatura-Estética e o avesso da linguagem. Assim, o texto literário e os mundos possíveis.

Nosso filósofo vai imprimir uma nova direção e sentido ao problemático campo da nosologia esquizofrênica a partir muito simplesmente da literalidade – do delírio.

1.5.1 “...*detectar a lógica que comanda – no limite, o capital...*”

Toda sua obra, mesmo os livros consagrados de história da filosofia, visa, em última instância, a clarificação de nossa experiência do mundo contemporâneo – política, ciência, arte. Tudo isso guiado pela intenção de *detectar a lógica que comanda – no limite, o capital* – o que se dá, nessa experiência, como opacidade e mutilação (PRADO, 1996, p. 15, grifos nossos).

Essa tão clara apreciação deixa ao nosso alcance o que o pensamento deleuziano buscava, perseguia implacavelmente. E com boa dosagem de ferocidade.

Na infinda axiomatização, nossa experiência do mundo é marcada – parece-me que, quase por uma espécie de definição – pela fragmentação e despedaçamento corporal imaginário e seu repertório sonoro e doloroso, (durante um instante me perguntei se a inovação deleuziana poderia prescindir da esquizofrenia mesmo com a evidência da releitura feita por ele de Melanie Klein. Klein é esta senhora que traz para dentro da exuberância da experiência do pensamento freudiano uma criança. De fato crianças da mais tenra idade nas posições que conhecemos: esquizo-paranóide e depressiva); pela disjunção dos afetos e um mais (+-) de ambivalência; pelo embrutecimento da estesia feita na amputação dos sentidos votados a *opacidade e 'assujeitamento' desejado das grandes massas*, a desvalorização e menos-valia da fala (*parole*) como possibilidade autêntica de pacificação dos corpos, enfim.

De onde estas perguntas que se me impuseram.¹¹

Política, ciência e arte. Nada escapa a essa lógica. Podemos dizer que nada escapa a lógica do capital porque ela (a lógica) está no limite.¹²

¹¹ A partir desse ponto do texto, as interrogações que fiz a mim mesmo derivam da aula Cours Vincennes, em 16-11-1971 (Disponível em: <www.webdeleuze.com>. Acesso em: 12 out. 2008.

¹² O Prólogo de uma só lauda de Crítica e Clínica esclarece qual direção deve-se tomar para o *limite*. E é assim que dele me sirvo.

Podemos forçar-nos a perguntar: tratar-se-ia de “*acontecimentos na fronteira da linguagem?*” (DELEUZE, 1997, p. 9).

A lógica que comanda o capital encontrar-se-ia nos acontecimentos na fronteira da linguagem?

1.5.2 Fronteira da linguagem

É uma figura de escrita; depois disso é um problema, pois agora é necessário o mapeamento – uma Topografia, diria eu, a se conceder sua presença na Lógica do Sentido – dos *fenômenos de fronteira*, de limites. Todavia essa imagem (fronteira da linguagem) comporta – parece-me – as múltiplas determinações que *por si só a linguagem* faz advir.¹³

Essa clarificação, se se quiser o esclarecimento do pensamento deleuziano traz, reportar-se-á aos obscuros, complexos e remotos latifúndios da *conexão* capitalismo e esquizofrenia.

Parece-me, talvez, que é neste lugar (capitalismo e esquizofrenia) que se pode iniciar a investigação dessa lógica – não visível, indizível como tal.

Importa, resta dizer que como tal essa conexão é inédita.

Tal como antes esquizofrenia e inconsciente estavam obscurecidas, esta conjunção que o filósofo declara subitamente abre um novo horizonte.

Mas:

Sem hierarquia de prioridades nas escansões historiográficas – como é o costume – o filósofo diz ao escritor Jean Ristat (2006, acesso em 12 out. 2008): “É necessário considerar o esquizofrênico ao mesmo tempo como produzido naturalmente e historicamente por um processo que só ele merece o nome de esquizofrenia”.¹⁴

Para forçar as linhas desse horizonte deixo como *Intermezzo* (ao sabor das preferências de sensibilidade musical do filósofo) entre capitalismo e esquizofrenia o texto de um delírio.

¹³ A mim parece que *Lógica do sentido* (1969) poderia ser essa imagem.

¹⁴ Entrevista...[*Il faut considérer le schizophrène à la fois comme produit naturellement et historiquement par un processus qui lui seul mérite le nom de schizophrénie.*]

Dado que uma propriedade do delírio é ser histórico-mundial.

1.5.3 Arrisco a pensar nestes termos o lugar do delírio

Onde o autor da dissertação declara: há risco.

Este é um texto de um delírio coligido por Eugen Bleuler em 1911. Quando o traduzi me deparei com o que devia ser a tal “polissemia”. Utilizei um dicionário “multi-lingual”: para cada palavra consultada abriam-se listas enormes...

O que mais de enigmático, insensato, paradoxal, inverossímil, caos, esotérico poderia haver do que a expressão do delírio – quando ele se nos apresenta, aparece, na fala corriqueira da experiência delirante do esquizofrênico?

Torres-de-Babel, torrentes de línguas-mortas em desuso, fábulas extraordinárias de deuses e Deus-pai, geografias e cidades impensáveis, “povos, raças, tribos”, linguagens indecifráveis que fariam a própria Esfinge de Tebas corar do alcance de seu enigma.

Resta enunciar uma pequena lição freudiana: há um fragmento de verdade histórica na produção delirante.

Registro o que Bleuler (1950) compilou:

A Era Dourada da Horticultura

"Na época da lua nova, Venus representa o céu-Augusto do Egito e ilumina com seus raios os portos comerciais de Suez, Cairo, e Alexandria. Nesta historicamente famosa cidade dos Califas, há um museu de monumentos Assírios da Macedônia. Lá florescerem bananeiras, bananas, maçarocas de milho, aveia, trevo e cevada, também figos, limões, laranjas e azeitonas. O azeite é um de licor-de-molho-Árabe que os afegãos, árabes e muçulmanos utilizam na agricultura de avestruz. A árvore de banana da terra indígena é o uísque dos persas e árabes. O Zoroastriano ou Branco possui tanta influência sobre seu elefante como faz o Mouro sobre o seu dromedário. O camelo é o esporte de Judeus e Árabes. Cevada, arroz e cana de açúcar chamado de alcachofra, cresce notavelmente na Índia. Os brâmanes vivem como castas no

The Golden Age of Horticulture

"At the time of the new moon, Venus stands in Egypt's August-sky and illuminates with her rays the commercial ports of Suez, Cairo, and Alexandria. In this historically famous city of the Califs, there is a museum of Assyrian monuments from Macedonia. There flourish plantain trees, bananas, corn-cobs, oats, clover and' barley, also figs, lemons, oranges, and olives. Olive-oil is an Arabian liquor-sauce which the Afghans, Moors and Moslems use in ostrich-farming. The Indian plantain-tree is the whiskey of the Parsees and Arabs. The Parsee or Caucasian possesses as much influence over his elephant as does the Moor over his dromedary. The camel is the sport of Jews and Arabs. Barley, rice, and sugar-cane called artichoke, grow remarkably well in India. The Brahmins live as castes in Beluchistan. The Circassians occupy Manchuria in China. China is the Eldorado of the Pawnees."

Beluquistão. Os Circassianos ocupam a Manchúria na China. A China é o Eldorado do Pawnees." [indígenas do Estado Unidos...]

Bleuler, Eugen. Dementia præcox or the group of schizophrenias. New York: International Universities Press, 1950. p.15

Post Script a bem da clareza *Esta é a página anterior ao texto do delírio acima. Ela (a página) se relaciona com a distribuição formal do texto de Bleuler. "página 14* SYMPTOMATOLOGY. CHAPTER I. THE FUNDAMENTAL SYMPTOMS. The fundamental symptoms consist of disturbances of association and affectivity, the predilection for fantasy as against reality, and the inclination to divorce oneself from reality (autism). Furthermore, we can add the absence of those very symptoms which play such a great role in certain other diseases such as primary disturbances of perception, orientation and memory, etc. A. THE SIMPLE FUNCTIONS 1. The Altered Simple Functions (a) Association In this malady the associations lose their continuity. Of the thousands of associative thrccr.cis which guide our thinking, this disease seems to interrupt, quite haphazardly, sometimes such single threads, sometimes a whole group, and sometimes even large segments of them. In this way, thinking becomes illogical and often bizarre. Furthermore, the associations tend to proceed along new lines, of which so far the following are known to us: two ideas, fortuitously encountered, are combined into one thought, the logical form being determined by incidental circumstances. Clang-associations receive unusual significance, as do indirect associations. Two or more ideas are condensed into a single one. The tendency to stereotype produces the inclination to cling to one idea to which the patient then returns again and again. Generally, there is a marked dearth of ideas to the point of monoideism. Frequently some idea will dominate the train of thought in the form of blocking, "nammg," or echopraxia. In the various types of schizophrenia, dis-tractibility does not seem to be disturbed in a uniform manner. A high degree of associational disturbance usually results in states of confusion. As to the time element in associations, we know of two disturbances peculiar to schizophrenia—pressure of thoughts, that is, a pathologically increased flow of ideas, and the particularly characteristic "blocking." A young schizophrenic who had first appeared as either paranoid or hebephrenic and then some years later became markedly catatonic, wrote the following spontaneously: (...)"

1.5.4 Um outro saber, um saber diferente (conceito)

a) Escala ascendente dos sons: escansões de 1970:

Assim no ano de 1970 nosso filósofo se permitiu uma aproximação notável.

Na voga parisiense do entre-décadas era imperativo estancar os movimentos de fascinação intelectual, sobretudo aqueles que se apoiavam no complicado cenário do pensamento filosófico idealista à falta de uma contraposição à hegemonia do pensamento marxista ou ainda no freudismo em sua versão *tout Paris* – e o adjunto sentimento gaulês de proeminência da cultura francesa – coincidindo com uma nomenclatura jamais encontrada em Freud.

b) Intervenção deleuziana nas práticas filosóficas e políticas

Temos de um lado sua própria tese sobre o pensamento esquizofrênico e suas possibilidades de formalização, de outro uma bem informada anotação sobre teoria lacaniana suposta aportar

bases novas para uma *outra teoria* da esquizofrenia. De certo, posteriormente, fora e bem distante das bases da *teoria lacaniana*.¹⁵

Deste modo de sua própria lavra: um esquizofrênico tem pensamentos. Mas o que é “pensamento esquizofrênico”? Pois temos a impressão de que todos sabem muito bem do que se trata – esses tais pensamentos esquizofrênicos.

No caso do nosso autor é mais: ele pode ser formalizado? (o pensamento esquizofrênico entenda-se): Donde poder-se-ia dizer – pela lógica do nosso filósofo – que poderia haver uma *outra teoria* da esquizofrenia – adequada.¹⁶

Tratar-se-ia de um outro Saber, um saber diferente no regime de outras letras atestando sua capacidade de resistência ao saber do Senhor e do Escravo – hegemônico?

1.6 QUESTÕES RELATIVAS À LETRA E ESQUIZOFRENIA

Quais condições são necessárias para que essas teses do nosso filósofo possam ser possíveis de serem enunciadas?

A “matéria-prima” é a fala (*parole*).¹⁷

A *fala* de Antonin Artaud, a *fala* de Louis Wolfson: eventualmente o leitor pode ter visto um psicótico. Qualquer um. Eventualmente você viu, escutou, observou os trejeitos corporais, ao fazer sua (dele) anamnese – com a distância que bem convêm. Ou, simplesmente se dispôs à sua escuta, convivendo bem – e mesmo alheio – com a experiência psicótica cotidiana, ordinária, essa do CAPs, do hospital psiquiátrico, do gabinete às vezes.

¹⁵ Por teoria lacaniana entenda-se a formalização do pensamento de Freud conduzida pelo psiquiatra francês Jacques Lacan (BIRMAN, 2000). Exceção feita a sua pequena álgebra e as complexas experimentações topológicas sobre as psicoses e o gozo (*jouissance*).

¹⁶ Gilles Deleuze confessou a Claire Parnet que ele era somente um “*Spinozista*”. Quero crer que é neste sentido que uma teoria poderia ser adequada.

¹⁷ Deleuze (1969, p. 13) “[...] *On commence toujours dans l'ordre de la parole*”.

Convido-o então a ler os três parágrafos da Lógica do sentido (DELEUZE, 1969, p. 89-91), de qualquer jeito que você queira: atenção flutuante, atenção bem concentrada, desatento, interpretando-os, comentando, enfim.

Convido-o agora a comparar seu acervo de experiência da esquizofrenia (ou da loucura, como queira) com a *sintaxe* dos parágrafos acima.

Minha expectativa é que você não vai sair ileso após essa leitura. Tanto seu acervo quanto seu saber vão se modificar. Tendem a uma alteração.

Pelo menos nessa fórmula extraordinária e do que dela se segue: “**Toda palavra é física**, afeta imediatamente o corpo” (DELEUZE, 1969, p. 91).

Física, como em dinâmica de fluidos, física-matemática, física acústica. Sons, vento, chuva, sol. Assim, inexistem mediações. Faz sol. Chove. Escuto, escuto um som uma frequência de onda audível, dispostas em magnitudes de Hertz.

Eis aqui o gênero de procedimento do qual se serve o esquizofrênico:

O procedimento é do seguinte gênero: uma palavra, freqüentemente de natureza alimentar, aparece em maiúsculas impressas como em uma colagem que a fixa e a destitui de seu sentido; mas ao mesmo tempo em que perde seu sentido, a palavra afixada explode em pedaços, decompõe-se em sílabas, letras, sobretudo consoantes que agem diretamente sobre o corpo, penetrando-o e mortificando-o [...]. Foi o que vimos a respeito do esquizofrênico estudante de línguas: é ao mesmo tempo, que a língua materna é destituída de seu sentido e que seus elementos fonéticos se tornam singularmente contundentes. A palavra deixou de exprimir um atributo de estado de coisas, seus pedaços se confundem com qualidades sonoras insuportáveis, fazem efração no corpo em que formam uma mistura, um novo estado de coisas, como se eles próprios fossem alimentos venenosos, ruidosos e excrementos encaixados. As partes do corpo, órgãos, determinam-se em função dos elementos decompostos que os afetam e os agridem. Ao efeito de linguagem se substitui uma pura linguagem-afeto, neste procedimento da paixão: ‘Toda escrita é PORCARIA’ [isto é, toda palavra detida, traçada se decompõe em pedaços ruidosos, alimentares e excrementais] (DELEUZE, 1969, p. 91)

Seria isso a potência da linguagem? Da fala? Ou desse dispositivo “*miraculoso*” que é a escrita? Convém assinalar que Deleuze (1969) se reporta à fala do esquizofrênico Artaud

considerando que ao efeito linguagem cabe uma pura *linguagem-afeto*, na *paixão*. Todavia permanece que, em decomposição, a palavra afeta diretamente o corpo.

Uma dúvida me ocorreu – vez ou outra –, seria privilégio do esquizofrênico sofrer no corpo a ação física das palavras?

De outra perspectiva, é possível que a fala-linguagem contenha uma linha no tempo?

De todos os modos deverá haver um documento, um registro.

Pode-se afirmar, então, que se trata da complexidade: a fala, o escrito, a escritura, o textual. Inútil insistir que nada, nada mesmo, poderia haver de mais complexo do que a palavra, *do encadeamento das palavras*. Que pode se converter num fragmento de história. Ou numa inteira linhagem historiográfica.

Aqui, uma particularidade da história da filosofia, para uso de filósofos. Minha única pretensão é mostrar que existiu um historiador de filosofia cuja prática consistiu no uso de técnicas de densidade... historiográfica, inusitadas; o que está fora do escopo da dissertação. Digo também fora do alcance do não-filósofo.

Mas que aponta o exato ponto: “Deleuze remonta ao coração da verdadeira tradição ontológica: aquela que, tomando seu impulso na Idade Média, bem antes da doura formação da palavra, é de início uma *meditação sobre a linguagem* [...] (ZOURABICHVILI, 1997, p. 98, grifos nossos).

Ele a faz (a meditação) pelo ofício de historiador posto que em filosofia de fato haja uma tradição, em sentido estrito: a ontologia. Disciplina filosófica iniludível. Mas se o filósofo a ela se reporta é para bem um outro uso. Ontologia do qual a psicologia de boa vontade e boa fé se serviu até o surgimento no século XIX desse acidentado quiproquó chamado ciências humanas.

Mas que o Ser estivesse atado à Linguagem na reflexão filosófica comum é donde parece partir o filósofo.

Tratar-se-ia de um “*recomeço*” – na citação de Platão, no início – de onde o filósofo buscou sua inspiração para subversão do platonismo?

Onde melhor se poderia encontrar o pensamento em filosofia? Convém acrescentar, e suas possibilidades de formalização.

São necessários movimentos na paleta-de-cores do filósofo:

1º. saber o que é um esquizofrênico; logo o que é esquizofrênico?

2º. saber o que é um esquizofrênico para nosso autor?

Por fim, assegurar-se de que ele conta – de algum modo – com instrumentos necessários para tal. *No caso assinalarei o que o filósofo nos trás, nos apresenta:* uma notável precisão diagnóstica, apuradas diretrizes diagnósticas para diagnóstico diferencial de psicose, neurose, perversão.

1.6.1 Inflexão da crítica para a clínica

Cuidarei em considerar a seguinte suposição.

Em que registro poderia o filósofo ter ido buscar o *texto* (literalidade) do esquizofrênico?

Quero crer que existe a seguinte probabilidade. Deleuze (1997) sabe que os avanços técnico-teóricos da psicanálise devem-se a psicose. Não só no momento em que eles aconteceram como na mais simples leitura da história do movimento psicanalítico.

O filósofo argüiu porque Freud (1974) renunciou ao campo das psicoses (i.e., da pura e simples loucura) mesmo tendo deixado o legado da *Dementia Paranoides* no Caso *Schreber* – ainda hoje um cânone do Delírio e suas composição pictóricas – deixando-a (a loucura) ao sabor de uma insuficiência teórica (os mecanismos etio-patogênicos da neurose e psicose) ao abrigo das mais variadas e imponderáveis explicações. O filósofo – sem nenhum prurido escolástico – deixou-nos os nomes próprios daqueles que aportaram contribuições que fixaram posições teóricas tanto no campo da filosofia quanto na psicanálise.

Entretanto é no artigo metapsicológico de 1915 sobre o conceito fundamental do “O Inconsciente” que se pode ler:

O que procuramos parece apresentar-se da seguinte, e inesperada, maneira. Nos esquizofrênicos observamos — especialmente nas etapas iniciais, tão instrutivas — grande número de modificações na *fala*, algumas das quais merecem ser consideradas de um ponto de vista particular (FREUD, 1974, p. 195).

A leitura e freqüentação do texto (esquizofrênico) que o filósofo realiza procedem da *fala do esquizofrênico*. — “Ele fala, mas é incompreensível!” *Mas o que pode ser incompreensível?*

Freqüentemente, o paciente devota especial cuidado a sua maneira de se expressar, que se torna ‘afetada’ e ‘preciosa’. A construção de suas frases passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós, a ponto de suas observações parecerem disparatadas (FREUD, 1974, p. 198).

Se a fala se desorganiza, é suposto dela uma organização que tanto pode ser expressa pelo discurso da incompreensibilidade — afetada, preciosa, disparatada — como pode receber um tratamento que, exatamente, surpreende na fala estes elementos que a tornam assim. Portanto é necessário um instrumento — mais além da mera audição e do ouvido aguçado — que transcreva um registro para o outro. Este instrumento — primeiro — é a Fonética, a lingüística: tratamento formal dos sons literais. E será desse modo que Deleuze (1995) fará seus investimentos e apostas — precisamente — no “Esquizo e as línguas”, o caso Wolf.

Mas ainda esse tratamento formal é ainda insuficiente para captar uma alteração como esta:

Referências a órgãos corporais ou a inervações quase sempre ganham proeminência no conteúdo dessas observações. A isso pode-se acrescentar o fato de que, em tais sintomas da esquizofrenia, em comparação com as formações substitutivas de histeria ou de neurose obsessiva, a relação entre o substituto e o material reprimido, não obstante, exhibe peculiaridades que nos surpreenderiam nessas duas formas de neuroses (FREUD, 1974, p. 204).

Na fala (escrita, articulada) do paciente esquizofrênico, vísceras, fluidos e humores corporais, cavidades, órgãos, tegumentos, glândulas, são trazidos à superfície. O esquizofrênico se queixa de seu corpo.

quando o faz é na forma de sintomas.

Desse modo há uma inflexão do tratamento lingüístico para um outro registro — o da clínica, dado que *é próprio da clínica supor o sintoma*, condição mínima de seu exercício.

Podemos considerar, entretanto, uma delicada aliança entre ambas antes de uma insuficiência?

Na Clínica o sintoma do *fluxo incoercível de pensamentos* dissociados – “[...] a construção de suas frases passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós, a ponto de suas observações parecerem disparatadas [...]” (FREUD, 1976, p. 320) – exibidas na queixa hipocondríaca e na linguagem podem bem receber uma rubrica.

A mim parece que é isso que nosso filósofo desejaria expressar sob o termo *delírio*. Todavia, é conveniente estabelecer um ponto mínimo de fixação deste termo em sua relação com a esquizofrenia.

Há um tipo de delírio que é *quase patognomônico da Esquizofrenia*: “[...] o delírio de que todos já sabem o que o paciente está pensando” (BLEULER, 1950, p. 300).

Esse traço característico, peculiar – patognomia – permitiu, possibilitou ampliar, amplificar a extensão do vocábulo delírio.

Com isso desejo estreitar os laços entre Esquizofrenia e Delírio, evitando a profusão escolástica das variações do mesmo tema – sobre o delírio.

De tal sorte que caberia se perguntar se isso não seria uma Anotação que bem se pode encontrar em qualquer *médico militante* do movimento político da antipsiquiatria – informado sobre o cenário do pensamento francês (RODRIGUES, 2004), mais precisamente parisiense ao longo da conturbada, bélica e explosiva década de 1960/70.

Seria nosso autor um dos representantes do movimento político de contestação da instituição loucura-esquizofrenia que atravessou os anos 50 e encontrou seu ápice nos anos 60/70?

Isto é, o movimento político que colocava em causa o saber psiquiátrico como saber exclusivo sobre a esquizofrenia, por extensão da psicose como entidade clínica aos cuidados médicos?

Em outros termos, sendo e estabelecido a esquizofrenia como uma psicose – um quadro clínico pertencendo ao campo da medicina, a psiquiatria sendo o ramo monopolista médico que lida e trata dessas afecções e doenças mentais severas, eventualmente irreversíveis e intratáveis – nosso filósofo dela fez uma contundente meditação.

No encadeamento das palavras existem alguns elos da cadeia que são *necessários*. Aqui e acolá eles formam *nós* nesta rede, dado que a cadeia pode conter bifurcações, mudar sua rotação, misturar-se com outras, superpor-se, parar.

Mas aqui espero, pois é uma expectativa, apontar que a história universal da contingência (DELEUZE; GUATTARI, 1995) produziu os termos, produziu o conceito de “*o Inconsciente*” (1900), sua conexão com o nome Freud e o conceito de “*Esquizofrenia*” relativo ao nome Eugen Bleuler – em 1911, época da publicação de sua monografia *Dementia Praecox ou o grupo das esquizofrenias*.

Minha conjectura, minha suposição é: existiria relação imediata entre os dois conceitos? Considerando que estes conceitos mantêm relações de solidariedade epistemológica que tiveram destinos distintos relacionados ao cerne dos próprios conceitos – a *Spaltung*, Cisão.

Todavia conviria assinalar qual é o Espírito do Tempo que anima nosso autor nesse período dos anos 60/70.

1.6.2 Uma contextualização feliz

O verbete enciclopédico *Esquizofrenia e Sociedade* (1975) *Sobre Capitalismo e Esquizofrenia ou como um filósofo encontra um psicanalista militante*.

Os laços que atam capitalismo e esquizofrenia conectam dois nomes próprios, o de um psicanalista e de um filósofo (RODRIGUES, 2004);¹⁸ de tal sorte que parece existir uma convergência necessária entre ambos. Entre o psicanalista e o filósofo, entenda-se.

Sob a rubrica capitalismo tem-se a forte e incômoda impressão de que tudo já foi dito, re-dito, escrito e publicado.

Desde o século passado podemos sentir que este termo capitalismo nada mais diz. Entretanto a partir de agora, nessa conjunção, ele adquire nova consistência.

Outrora fora entretanto objeto de paixões revolucionárias e visões utópicas. Neste sentido, bem próximo de nós pela comunidade lingüística, gostaria de destacar as formosas traduções presentes no livro *Capitalismo e Esquizofrenia*, dossier *Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 1976) publicado em Portugal. Compilação de textos de autores franceses que arrebataram nossos mestres, outrora dispersos em França e alhures, e que moldaram nosso pensar e agir, para inquietarmos.

E testemunhamos assim a potência de um Livro “[...] sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc. — e com uma máquina abstrata que as arrasta” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 13).

Mas de fato o que conta é que o capitalismo é onisciente. Na pena do filósofo esse *todo-saber* vai ter um outro nome mais próximo tanto de sua preferência filosófica quanto dos projetos em curso nos ideais científicos – captura axiomática.

¹⁸ Com isso quero acentuar esta relação *sui generis* “O Percurso que faz que um psicanalista (!?) afaste um filósofo (!?) da Psicanálise [...]” (RODRIGUES, 2004, p. 125). No ano de 2004 Rodrigues atribuiu estes singulares caracteres (!?) ao lado dos nomes Félix Guattari e Gilles Deleuze.

Todavia a junção dos dois vocábulos só encontra sua possibilidade a partir de 1911. É impossível que antes desta data capitalismo e esquizofrenia andassem juntos.

Pretendo remontar, relatar este momento da História. Para tanto irei abstrair, renunciar à onipresente presença do capitalismo. Exercício mesmo de corte, de cisão, porém no registro de um *texto de introdução ao tema*.

Convém precisar: *por si só a conjunção dos dois termos já é problemática* qualquer que seja o ponto de vista, a perspectiva que se adote. Juntar as duas palavras com esse *e* conectivo *é um problema* cuja *dimensão* – no mesmo movimento em que foi pronunciado, isto é capitalismo e esquizofrenia – produziu possibilidades inauditas e submergiu-as em “mares nunca dantes navegados”. Com isso quero dizer que nos encontramos na superfície desses mares – sem o risco maior de um ensaio de palavras loucas, alucinadas e delirantes. Que só seria possível, como o foi, numa conjuntura muito localizada, literária e filosoficamente, e que ocupou o espaço do entremeio da década de 60 e 70 numa França de capitalismo e sociedade industrial avançada.

É necessário acentuar: conjuntura de uma brutal, bélica e geopolítica *divisão*. É sob essa conjuntura que Gilles Deleuze – entre os anos de 1964/1969 – conduzirá sua análise de ‘des’negativizar a Esquizofrenia.¹⁹

1.6.3 Decidindo-se por um problema

De outro modo penso que, se neste momento, posso me pronunciar sobre o problema – dado que ele já está posto – é muito simplesmente porque há possibilidade de tomar uma decisão que fique em um dos lados.

Na minha configuração *o problema reside do lado da esquizofrenia*. É que a esquizofrenia convoca, de imediato, a questão da Clivagem, da Cisão (*Spaltung*)²⁰ democraticamente

¹⁹ Em setembro de 1969 vai acontecer uma notável inflexão no seu percurso: é a data de seu encontro com Pierre Félix Guattari.

²⁰ Incidentalmente da *divisão* – um dos outros nome da *Spaltung*.

distribuída no campo da psiquiatria e da psicanálise, quer dizer das psicoses para a primeira e da neurose para a última.

Admito por suposição que a relação Esquizofrenia-Psicanálise – dado que ela existe – de modo algum é imediatamente inteligível. A condição de sua inteligibilidade é dada somente se admitirmos a incidência das teorias freudianas (1900-1914) na *nosopoiesis* da esquizofrenia; do ato de *poiesis*²¹ conduzido por Eugen Bleuler (SCHARFETTER, 2001) ao longo desse período (LOEWENBERG, 1995).

A suposição seguinte é que essa dupla conexão tem sua emergência num ponto *nodal* – quer seja na História, na Epistemologia ou na Política. Proponho-me a buscá-lo no entrecruzamento das duas primeiras posto que a última, a Política, deles vão receber o mais complexo, incomum e inusitado tratamento.²²

É meu interesse expresso buscar – nesse ponto nodal – a *emergência da Esquizofrenia*; se, ao atribuir-lhe um valor epistemológico, assegurar sua localização histórica na caixa de ferramentas usualmente admitidas.

Assim, a Esquizofrenia é um conceito, mas por si só insuficiente como ortodoxa hegemônica da nosologia psiquiátrica.

Vou percorrer alguns fragmentos de textos e “pre-textos” do psicanalista e do nosso filósofo.

1.6.4 Um traço de história: psicoterapia institucional

Inteligibilidade e convergência, unindo pontas de fragmentos. Ou, para uma melhor compreensão do verbete de 1975.

Escrito numa sintaxe cerrada, um denso e detalhado documento datado 1962- 1963 e intitulado *Introdução a Psicoterapia Institucional*, logo nos parágrafos iniciais desvela a seguinte lembrança

²¹ Utilizo o termo *poiesis* tal como, p.ex., nesse curioso artigo de Scharfetter (2001).

²² O que vai gerar posteriormente categorias de análise – políticas – jamais antes antevistas.

Foi-se aos poucos solapando os próprios fundamentos da psiquiatria como um todo, o que permitiu uma real aproximação entre a prática hospitalar e a psicanálise, levando à superação de uma antiga ferida – o rompimento com Freud da parte de Jung, de Bleuler e do pessoal de Zurique –, ferida que apartaria por um longo tempo a psicanálise da psiquiatria (GUATTARI, 2004, p. 60).

E sua contraparte sobre o que está em jogo na citação acima:

Restituir ao inconsciente suas perspectivas históricas num cenário marcado pela inquietação e o desconhecido implica uma reversão da psicanálise e, sem dúvida, uma redescoberta da psicose sob as vestes da neurose. Porque a psicanálise uniu todos os seus esforços aos da psiquiatria mais tradicional para sufocar a voz dos loucos, que nos falam essencialmente de política, de economia, de ordem e de revolução (DELEUZE, 2004, p. 9).

Nesse ponto, por si só e desde sua emergência histórica, destacaremos que o sob termo *inconsciente* encontraremos a fórmula de que a “[...] política esta no próprio inconsciente” (DELEUZE, 2004, p. 7). Mas numa relação invertida, onde está a neurose deve advir a psicose, todavia como “[...] potências esquizofrênicas” (DELEUZE, 2004, p. 7) – aqui pois a *re-versão* – instituindo ao mesmo tempo o campo onde deve se jogar uma nova problemática.

Conviria perguntar:

1 É evidente que a política esteja ligada ao inconsciente?

Existem laços, sobredeterminados. Traços, linhas, sob o regime da sobredeterminação.

De todos os modos entretanto eis aqui o resgate de um esquecimento das brumas da História. Isso importa. Memória de um esquecimento crítico, crucial; o esquecimento de uma cisão – das Esquizofrenias, ou melhor, o Fator Esquizofrenia que se desdobra no vocábulo genérico de psicose na pluma do filósofo.

Parece-nos hoje auto-evidente que haja disjunção entre prática hospitalar e psicanálise. Na História recente pode-se com certa facilidade decidir que as psicoses ficaram aos cuidados da psiquiatria numa venturosa aliança com o saber psicanalítico (logo, nos dispositivos médico-hospitalares e práticas correlatas) e as neuroses relegadas à intimidade do gabinete do psicanalista.

Então, para efeito de maior precisão convém distinguir algumas frases no que elas trazem **de novidade, contém do novo**. Essa figura de estilo “**superação de uma antiga ferida**”, “**ferida que apartaria por um longo tempo a psicanálise da psiquiatria**” mostra um traço vivo exposto, visto que a ferida encontra-se aberta e, sendo ferida, convoca a dor e os eventos que a provocaram, outrora. Mas estão presentes – ainda – ali em 1962-1963 na França do pós-guerra, da *Libération*, re-atualizados por um psicanalista militante. Apartaria psicanálise e psiquiatria – entenda-se a psiquiatria como prática materialista, apta a escutar a voz surda do louco, restituir-lhe ao seio comunitário, recompor-lhe um corpo.

Tal como descrito, a configuração do evento histórico, traumático, deve-se a um rompimento. Ruptura que se relaciona com os seguintes nomes próprios, Carl Gustav Jung, Eugen Bleuler e Sigmund Freud e por fim o da cidade suíça de Zurique e seu celebrado hospital – o Burghölzli.

Desse modo tanto para o filósofo quanto para o psicanalista um acontecimento conta: Bleuler e a “nosopoiesis” das Esquizofrenias.

Pois me parece que é aí que está uma ferida *no pensamento freudiano*. Porque o filósofo e o psicanalista muito precisamente foram referir-se a ela – a ferida?

Mas no quadro desta dissertação vou me abstrair da tese “inconsciente esquizofrênico” que é soberana no acoplamento capitalismo-esquizofrenia uma vez que o que a mim interessa, antes do encontrar o desejo na infra-estrutura da produção, é chegar ao conceito de Esquizofrenia.

Tal como neste fragmento no verbete da enciclopédia em 1975 onde os enunciado conduzem a *nomes próprios*. É *quase* certo encontrar na passagem citada o nó dos eventos históricos associados aos respectivos campos de Saberes. Soa quase como um manifesto:

Pelo encontro de seus respectivos discursos sobre a loucura, sobre o inconsciente, sobre a existência, o psiquiatra, o psicanalista e o filósofo pareciam quase – e ao menos por momentos – dever chegar a um acordo do qual o paradigma teria sido simbolicamente figurado pelo tríplice exemplo: de Bleuler pesquisando, em reação contra Kraepelin, uma compreensão mais estrutural da nosografia das psicoses; de Freud fazendo do delírio uma tentativa positiva para restaurar uma cena comum com outrem e com o mundo ou colocando o delírio na conta do próprio real [...]. Refletindo sobre a loucura, que a história da sociedade e aquela do insensato fazem aparecer como uma possibilidade intrínseca da existência humana, o filósofo se encontra com efeito confrontado com o problema do estatuto da razão em relação à psicose, aos sintomas neuróticos, ao inconsciente que tem sua verdade, ao mesmo tempo trágica, dinâmica e profética (DELEUZE, 1975, p. 733).

Do ponto de vista do filósofo ao reafirmar – com Freud – o *delírio na contabilidade do Real* instrui-se uma lógica. O que condiz com a possibilidade de que a invenção freudiana seja forçada a produzir efeitos políticos lá, no estatuto da razão. Qualquer que seja o *modo da razão*, posto que ela está inelutavelmente assujeitada ao modo de produção que confere a arquitetura no nosso modo de estar no mundo.

O capitalismo é intrinsecamente letal e contrário ao que, de humano, existe na ordem da natureza – essa é a mais empírica das “experiências” humana. E continuará a sê-lo esgotadas as possibilidades da natureza.

Porém não é evidente na citação, é bom dizê-lo, que há distância, discursiva, entre o filósofo e o psicanalista, militante bastante à esquerda no espectro político.

E muito menos que quem se pronuncia sobre a nosografia seja o filósofo. Mesmo que seja sobre a retórica médica da nosografia – no *nosos* (enfermidade) e do *logos* (discurso) – a conclusão do filósofo é diametralmente oposta ao aspecto patológico posto que ele estima que a loucura é

uma “possibilidade intrínseca da existência humana”. Ainda que isso possa implicar uma psicose, uma desorganização linguageira tal que o corpo a ela se reporta como desabilitado da ordem vital.

Mas encontramos na citação dois nomes, Bleuler e Freud. Desse último reteremos sua descoberta e reafirmaremos o que não é óbvio: é o conceito fundamental de “*o Inconsciente*”, nisso que ele se relaciona com o Saber;²³ sendo que é o filósofo quem constrói a tríade – Bleuler, delírio, inconsciente.

Mas me tenho a impressão que ele antes visava estabelecer um laço. O laço que ata topologicamente capital e esquizofrenia teria de compreender outra coisa... inconsciente-linguagem – donde, linguagem-esquizofrenia.

No que se segue apresento traços tal como nosso autor o vislumbrou.

À margem das *Ortodoxas* filosóficas dominantes de alta tensão político-teórica e pesadas pressões grupais-partidárias na sombria conjuntura dos anos 1960-1970 – ele simplesmente laborava em seu ofício: fazer filosofia.

Desse modo quer me parecer que a aposta do nosso filósofo circunscreveu-se em torno do *núcleo duro* da mais vívida e complexa experiência humana: literalidade – linguagem, escritura, a letra literária – e tampouco descurou de suas anomalias.

O caminho da letra literária ele o fez com sua *Lógica do Sentido*. Na exploração deste caminho se depara com o que logo aponta como patologia.

Lógica do Sentido é um documento que nos deixa aturdidos. Dos dois lados são disciplinas filosóficas: a *Lógica* e suas proposições sobre o *Sentido*. No entanto ele cuidou em visá-las desde uma *Perspectiva* invulgar. Aliás, nada ali é vulgata.

Há um matemático e Lógico inglês que é escritor. Há um Conjunto de referências matemáticas e é necessário dizer que uma delas – a *Topologia* – causa surpresa. Muita surpresa.

²³ Em Freud (1974) o termo alemão *das Unbewusste* remete para o participio passado do verbo Wissen, Saber, donde *o Não-sabido*, *o Insabido*, isto é, o nome próprio deste vocábulo na língua portuguesa, para *o Inconsciente*.

Pois de modo algum Deleuze (1969, p. 12) nos advertiu de que o tratamento que fez da literalidade de Lewis Carrol (1952) passaria pela Topologia da figura da Banda de Moebius: “[...] a bolsa de Fortunatus, apresentada como anel de Moebius, é feita de lenços costurados in *the wrong way*, de tal forma que sua superfície exterior está em continuidade com sua superfície interna [...]”.

Em termos da experiência comum, sensível, trata-se de algo como *dentro e fora*. Caberia lembrar que essa é a mais imediata experiência do corpo: dentro do corpo, fora do corpo. A terceira dimensão implica dificuldades intermináveis: na fronteira. Em termos matemáticos, Topologia, a banda de Moebius é uma *superfície não-orientável* sendo, talvez, o mais empírico dos objetos topológicos: é suficiente fazer uma torção dupla em uma tira de papel e unir as duas pontas.

Se essa ordem de argumentos se revela aplicável ou pertinente, em parte o aturdimento que o livro nos causa, cessa – incluído boa parte das figuras do paradoxo. Com todas as letras o filósofo cita, menciona, afirma: “Como diz Lewis Carrol (1952) num artigo intitulado *The dynamics of a particle*: [...] superfície plana é o caráter de um discurso [...]” (DELEUZE, 1969, p. 12). Assim termina a Segunda série de paradoxos: dos efeitos de superfície.

2 Lógica do sentido um momento textual desse vetor: literalmente

É este seu livro de 1969.

Dele, do livro, vou me deter onde me parece estar uma indicação inequívoca da conjunção esquizofrenia-delírio e seus avatares. Trata-se do título: *Décima Terceira Série: Do esquizofrênico e da menina*. Mais, é que neste capítulo abriga-se o caso Wolfson – “o caso clínico de Deleuze”. Não será indiferente a escolha do espelho da personagem Alice de Lewis Carrol e seus desdobramentos óticos: Alice no país dos espelhos.

Nesse terreno o filósofo produziu um acervo de conclusões práticas ainda hoje surpreendentes – sem precedentes. Contra o “familialismo” edipiano dentro do estruturalismo de corte lacaniano, as conseqüências lógicas radicais do Inconsciente: o delírio – na esquizofrenia de Bleuler e Freud.

Se entre as nações européias – na esteira das doutrinas fascistas e nazistas outrora como agora – o pacto simbólico da linguagem sistematicamente falhava – vide o triunfo da Guerra – disso algo decorria de um processo *na linguagem*.

Assim, em um Mundo dividido, cindido, ideologicamente despedaçado e dilacerado, ainda não era visível que *era a própria cisão* é que deveria ser objeto de meditação, inquietação, interrogações e eventualmente respostas.

Decidiu-se o filósofo pelo caminho da *Schizo* (Cisão). Ao celebrar a *Spaltung* (*Schizo*, cisão, dissociação) dirige-se diretamente a Literatura. E se desse modo o faz é já por uma torção *topológica* (DELEUZE, 1969),²⁴ – tal como podemos depreendê-la das imagens especulares da personagem Alice de Lewis Carrol.

Porque o filósofo investiu tanto em um autor inglês para dele fazer um momento privilegiado da Lógica e dos problemas que o Sentido (Sens) propõe?

Para nosso filósofo – dessa maneira, nesses perturbadores anos sessenta inícios dos setenta – ele apostava, no entanto em um autor de obras primas, Lewis Carrol (DELEUZE, 1969).

²⁴ Claro está que Deleuze (1969) pouco se serve de técnicas matemáticas de modo direto. Todavia as referências matemáticas abundam em Lógica do Sentido.

Por quê?

Uma exceção conta. Muito exatamente essa constatada por Jean Ristat (2006, acesso em 12 out. 2008) o “caso Wolfson”.²⁵

Louis Wolfson escreve. O que daí resulta não será obra literária, de arte, literatura.

Será dele, nosso filósofo, tomar Wolfson como caso clínico e diferenciar literatura da doença (DELEUZE, 1997).

²⁵ Em uma entrevista concedida ao jornal francês *L'humanité*. Trata-se de uma gravação e transcrição registrada para radiodifusão. Morando em Nova Iorque no bairro do Bronx, Louis Wolfson dedicou-se ao estudo do francês, russo, alemão, hebraico. Fora, mas também durante os períodos de suas internações em instituições psiquiátricas norte-americanas. Escreveu *Le Schizo e las langues* diretamente em francês. O manuscrito foi encontrado em 1964 por Jean-Bertrand Pontalis então encarregado da coleção *Connaisance de l'inconscient* da editora Gallimard em Paris. Pontalis sugeriu a Deleuze escrever-lhe um Prefácio. [essa é uma das versões que vou utilizar. Nada, até o momento, me autoriza a dizer que ela seja a única e verdadeira]

2 INTRODUÇÃO AO *MORE*, MAS NEM TANTO *GEOMETRICO*²⁶

2.1 PROBLEMAS QUE A AI DEVE VERIFICAR

O termo inconsciente parece ser de uso corrente no discurso, escritura e nas ações presente nos movimentos institucionalistas, com maior ou menor intensidade e com frequência incerta. A palavra *inconsciente* é um *conceito*. Conviria, no entanto, perguntar se se verifica a eficácia ou não desta utilização e em que medida ela mantém sua validade, seu alcance e seu valor na AI.

2.2 USOS E INVENÇÕES DE CONCEITOS

O conceito é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma conversa.

Pode-se estabelecer com certa clareza e equilíbrio instável um modo mínimo e razoável de tratar a *Questão do Conceito* em três tempos: filosofia, *poiesis*, pensamento. Entre outras escolhas possíveis decidi-me pela conexão mais legível e imediata. Que de resto é uma preferência pessoal: pensamento *versus* conceito.

Tal como neste momento:

A filosofia não é comunicativa, nem contemplativa ou reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionária na medida em que não cessa de criar novos conceitos. A única condição é de que eles tenham **uma necessidade, mas também uma ‘estrangeiridade’**, e eles as têm na medida em que correspondem a verdadeiros problemas. O *conceito* é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma conversa (DELEUZE, 1988, p. 9, grifos nossos).

A opinião (*doxa*), a reta opinião (ortodoxia), é um encadeamento de idéias – fixadas pelos argumentos de Autoridade. Ela vale o que vale o estatuto imaginário – ideológico, se se quiser – de um conjunto fechado onde se assume a autenticidade desse conjunto por uma comunidade de

²⁶ Deleuze discretamente serve-se deste procedimento, *more geometrico*: segundo o uso e costume dos geômetras. Pode-se ver isso na *Ética* de Spinoza.

falantes. No registro teológico relaciona-se com o dogma. Tende-se a assimilar a opinião ao pensamento acríptico, mas distribuído democraticamente. Herança platônica?

A opinião (doxa) obedeceria a qualquer lógica possível que trouxesse o novo? O não-previsto, o programado (isto é, escrito de antemão), um algoritmo desviante?

Desse modo, o pensamento cessa?

São laços em *proporções* distintas. Entrelaçamentos e seus enraizamentos – que insistem e subsistem desde que haja palavra posto que é próprio do conceito impedir o fluxo alucinado da deriva incessante do pensamento: na *Agora* da doxa e na hemorragia infinda das imagens; quer dizer, no espaço aberto onde circulam os discursos (ortodoxia) e na economia libidinal desses discursos.

Assim: “[...] o conceito é forçosamente um paradoxo” (DELEUZE, 1969, p. 3).²⁷

De outro lado é forçoso admitir que a posição do conceito no *discurso da ciência* é bem outra, supondo-se que o mínimo de paradoxo seja que “[...] em primeiro lugar ele destrói o bom senso como sentido único [...]” (DELEUZE, 1969, p. 271). Ainda, que o conceito comporte a dimensão do afeto e do percepto é de uma especificidade tal que a Prudência clama manter-nos somente no plano da palavra.

Mas qual via devemos tomar?

Sem equívocos:

O factício e o simulacro se opõem no coração da modernidade, no ponto em que esta acerta todas as suas contas, assim como se opõem dois modos de destruição: os dois niilismos. Pois há uma grande diferença entre destruir para conservar e perpetuar a ordem restabelecida das representações, dos modelos e das cópias e *destruir os modelos e as cópias para instaurar o caos que cria, que faz marchar os simulacros e levantar um fantasma* – a mais inocente de todas as destruições, a do platonismo (DELEUZE, 1969, p. 271, grifos nossos).

²⁷ “O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas” (DELEUZE, 1969, p. 9).

Anote-se que aqui se lê uma das figuras possíveis da dialética (compreendido a hegeliana) que é “[...] *destruir para conservar e perpetuar a ordem restabelecida das representações [...]*” e a *démarche* deleuziana “[...] *destruir os modelos e as cópias para instaurar o caos que cria [...]*”.

São duas tarefas. Desde esta perspectiva não me ocorre pensar ou presentir niilismo, iconoclastia. O enunciado é antes de conteúdo prático – implica uma Ação política. Deleuze a exercita como Crítica. E a encerra com o... *Pensée-Deleuze*.

Nenhum sistema – fechado. Nem doutrina. Todavia, Conceito e Ação. Um saber, pois sem teoria a prática é cega. Coube dentre os modos possíveis à AI recolher este saber. Não sem que aconteçam os mal-entendidos, a desconfiança, o mal-estar. Aliás, todos bem vindos.

É que a magnitude da ação, planos e superfícies, contidos na breve Sintaxe que se segue é devastadora: Instaurar o caos que cria.

2.3 *PÉNSEE-DELEUZE* E CONCEITOS DO AI

Vou me defrontar com os tópicos (lugares) comuns. Com as pequenas peças táticas. Eles criam e eventualmente desestabilizam. Doravante convém ser miúdo, pequenas coisas, pequenos grupos. Saberemos os resultados, depois.

Talvez, como ponto de partida fosse possível começar recenseando (o conceito de inconsciente) em contextos diversos partindo da evidência técnica da “*atenção flutuante*” presente a título de componente de um esforço metodológico,²⁸ continuar seguindo a rudeza franca e perpétua da noção de “[...] *esquizofrenização do desejo [...]*” (RODRIGUES, 2004, p. 127), e atravessando boa parte do espectro de *experiências conceituais* finalizar com o “[...] *inconsciente maquínico-antropofágico [...]*” (ROLNIK1999, p. 462), aliás, ponto limite da ação política e que consistiria em ativá-lo.²⁹

²⁸ Conviria registrar que a honestidade intelectual de Kastrup (2007) conduziu-a a referir a noção ao seu autor, Sigmund Freud. Ao fazê-lo diferenciou-se, é certo, de outras possibilidades.

²⁹ Ponto no qual me situo politicamente e por extensão teoricamente.

Para Rolnik (1999, p. 462) antes de ser uma prioridade clínica “[...] ativar o inconsciente maquínico-antropofágico se constituiu como força de resistência política”. De resto esta última frase sendo uma palavra de ordem voltada para o *front* da ação política é dela que de bom grado tomo para intervir no campo atual dessa mesma palavra de ordem, todavia desde uma perspectiva de *elucidação teórica*. Bom grado mal grado os conceitos ainda detêm um alcance e valor de luta teórica.

Quero crer que é impensável – no sentido da ausência do conceito de inconsciente – uma política. Ter-se-ia então uma Política – do Inconsciente.

Nos três casos – *atenção flutuante*, *esquizofrenização do desejo*, *inconsciente maquínico-antropofágico* – me parece que são formas de utilização/invenção de conceitos já dirigidos por uma perspectiva prática senão de ação política, concreta.

Tenho que estes conceitos inscrevem-se numa rede tissular de História – a qual eu tentaria abordar segundo sua emergência respectiva. Conceitos no plural porque aí estão implicados dois conceitos: inconsciente e esquizofrenia. Estes conceitos *não são imediatamente legíveis como tal* – salvo quando reportados aos seus autores.

Disso decorrem a meu ver duas coisas: localizar, a cada um, sua gênese teórica e sua determinação própria, mas, sobretudo encontrar um modo de utilização- invenção onde *já se demonstrou* sua fecundidade.

Nada mais incerto que a criação *ex nihilo*.

Tornar manifesto o conceito de “o Inconsciente” e sua não-óbvia correlação com o conceito de Esquizofrenia.

Nos limites que me proponho nessa dissertação desejo mostrar, re-traçar através de um capítulo singular da História como isso se produziu, como se segue. Um pressuposto de base é que Deleuze pressentiu que o termo inconsciente preenchia as *condições formais* de um Conceito em sua *poiesis* própria. Mais, vislumbrou que a solidariedade topológica do das Unbewusste (o Inconsciente) de Freud com as *Schizophrenien* (Esquizofrenias) de Bleuler causava tal disrupção no campo do Saber que – por implicação Lógica – redesenhava a Filosofia na sua forma *Trompe-*

l'oeil da Consciência (Ilusão), basculava Ciências e seus Objetos, ampliava a superfície-plano da Estética a um patamar inaudito.

A potência e verossimilhança de ambos os conceitos foi detidamente explorada na *Lógica do Sentido*,³⁰ na *Décima Terceira Série: Do Esquizofrênico e da Menina*. Que se organizam nestas rubricas, cinco tópicos antecedendo o texto:

Comer-falar e a linguagem esquizofrênica – Esquizofrenia e falência da superfície – A palavra-paixão e seus valores literários explodidos, a palavra-ação e seus valores tônicos inarticulados – Distinção entre o não-senso de profundidade e o não-senso de superfície, da ordem primária e da organização secundária dá linguagem (DELEUZE, 1969, p. 85).

Lewis Carroll é pseudônimo do Charles Lutwidge Dodgson, matemático, Lógico, fotógrafo e novelista inglês falecido em 1898. Mais conhecido como escritor das histórias de Alice, Alice no País do Espelho, etc. e, por seu imbróglio com fotografias de meninas seminuas e sua inclinação por elas. Nesse ponto Deleuze (1969) decidiu-se por esse último traço – perversão, servindo de um engenhoso argumento.

Nem por isso deixou de consagrar parte de uma lógica do sentido (*sens*) a ele; em examinar sua gramática, seu estilo, sua construção de paradoxos, e dele, Deleuze nos deixou esse Retrato:

A obra de Lewis Carroll tem tudo para agradar ao leitor atual: livros para crianças, de preferência para meninas; palavras esplêndidas, insólitas, esotéricas; crivos, códigos e decodificações; desenhos e fotos; um conteúdo psicanalítico profundo, um formalismo lógico e lingüístico exemplar. E para além do prazer atual algo de diferente, um jogo do sentido e do não-senso, um caos-cosmos (DELEUZE, 1969, p. 9).

1ª declaração de Deleuze (1969, p. 9) no Prólogo da *Lógica do Sentido* é se perguntar – a propósito das conexões inconsciente e linguagem – o que elas foram precisamente a Lewis Carrol, “[...] com o que reataram e o que celebraram nele, graças a ele”.

Caberia a mim muito mais simplesmente situar, com Deleuze (1969), quais termos ele privilegia e, eventualmente, suas causas.

³⁰ Pelo menos no plano – objeto de minha pesquisa- de uma *nova semiótica da Esquizofrenia*. Nas rubricas nada indica que essa será a ordem seguida por Deleuze.

Então quero crer que a 13ª Série Do Esquizofrênico e da Menina: é o capítulo da História que me parece emblemático.

Mas nos seguintes movimentos de argumentação:

1º. Tal como os conceitos são manejado por nosso filósofo;

2º. E como os conceitos se produzem nos planos conceituais de cada um. Potência literalmente explosiva tal como um raio ao iluminar ao seu redor as tempestades do Sentido – tal como veremos.

A título de economia e da simplicidade utilizarei um esquema conjectural semelhante ao da Lógica do Sentido tal como ele está instruído no *Prólogo: De Lewis Carroll aos Estóicos*, pois **tantas foram as celebrações das “[...] núpcias da linguagem e do inconsciente [...] [que conviria antes um] [...] ensaio de romance lógico e psicanalítico”** (DELEUZE, 1969, p. 15).

Assim nem tratado de Lógica tampouco meditação sobre princípios matemáticos, mas *Ensaio* para promover o lugar privilegiado de Lewis Carroll na ordem dos paradoxos como aquele que fez a “[...] primeira grande conta, a primeira grande encenação dos paradoxos do sentido” (DELEUZE, 1969, p. 15).

Desse *Ensaio* convocarei uma figura concreta, a *Esquizofrenia* – delimitando e limitando minha tarefa à 13ª Série – pois entre todos os *tropos* da patologia da alma o escolhido foi este. O porquê reside, como veremos, em razões de ordem teórica – táticas deleuzianas.

Mas, todavia importa avultar um *dado*: trata-se de um filósofo – de formação – que se desdobra na promoção de uma entidade clínica e dela extrai um exame, uma análise também no mínimo, *sui generis*. Não tanto de um gênero tão peculiar que não estivesse presente no autor do conceito de Esquizofrenia (Bleuler) e seu laço com o conceito de Inconsciente freudiano. Salvo um ponto crítico de Bleuler como veremos.

A não-evidência do laço Inconsciente-Esquizofrenia

É que me parece não ser auto-evidente o laço que une os dois conceitos, isto é, “o *Inconsciente*” em Freud (1974) e, com maior razão, o conceito de “*Esquizofrenia*” em Bleuler

(1950). Tampouco uma história linear, seja das ciências seja da filosofia [dá conta disso]. Tenho a impressão de que parece antes uma espécie de esquecimento.

Dou-me por tarefa buscar um melhor entendimento de ambos os conceitos – em seus lugares (*Topos*) de origem – em função e dado a seguinte cláusula: se se demanda rigor, sobretudo na invenção – evitando desse modo o simples e mero jogo de colagem e mesmo de *bricolage* – então o mínimo não seria assentar este e aquele conceito no plano que lhe é próprio?

2.4 UMA PROBLEMÁTICA,³¹ CLÍNICA

O filósofo na sua maturidade: da letra ficcional à criação patológica.

De qualquer lado que se olhe a clínica das psicoses em *Lógica do Sentido* é já uma verdadeira e espantosa surpresa. Devemos nos forçar para captá-la como noção, quer dizer, a Clínica. Extraí-la das sombras de Antonin Artud, Raymond Roussel.

Assim na citação que se segue, essa distinção saltou-me aos olhos – tal como ela pode ser verificada, lida, relida, auscultada – quando da *13ª Série: Do Esquizofrênico e da Menina* em *Lógica do Sentido* produz-se uma notável distribuição, a saber,

Acreditávamos estar no ponto culminante de pesquisas literárias, na mais *alta invenção das linguagens* e das *palavras*, já nos achamos nos debates de uma vida convulsiva, na noite de uma *criação patológica* concernente aos *corpos*. É por isso que o observador deve permanecer atento, é pouco suportável, sob o pretexto das palavras-valise, por exemplo, ver misturar as histórias infantis, as experimentações poéticas e as experiências da loucura. Um grande poeta pode escrever numa relação direta com a criança que ele foi e as crianças que ama; um louco pode carregar consigo a mais imensa obra poética, numa relação direta com o poeta que ele foi e que não deixou de ser. Isto não justifica de forma nenhuma a grotesca trindade da criança, do poeta e do louco (DELEUZE, 1969, p. 85).

³¹ Já se disse que esse seria o primeiro cruzamento (*croisement*) do filósofo com a pesquisa da loucura. No estrito plano do sentido da experiência psicótica, e seu desenho na ordem do desencontro e do sofrimento corporal notadamente na queixa hipocondríaca, na geografia corporal do *Terror* e da catatonia (cf.) do despedaçamento e da fragmentação, suas figuras do Terror e do não-Saber (cf. particularmente *Lógica do Sentido*, em comparação com *Crítica e Clínica*).

Façamos o nosso resumo (o leitor desatento pouco se surpreenderia com o fato textual) de que a pesquisa do nosso filósofo ingressava em seu ponto mais desejado, culminante – posto que se tratava de:

a) sobre a invenção, nas *pesquisas sobre a letra literária*. O que engajava nosso filósofo era talvez a pesquisa trivial da análise da linguagem, filosofia da linguagem, com a cláusula de que ele buscava nela a invenção. E considerou que era na *poiesis* (Poesia) que ela se encontrava;

b) que elas (sua pesquisa) se encaminhavam para algo que ele esperava: “*a mais alta invenção das linguagens e palavras*” e elas lá estavam – isto é, ele encontrara em Carroll a matéria-prima da invenção;

c) mas eis que, ao mesmo tempo, no confronto de Artaud com Carroll ele encontra “*criação patológica*” – mas relacionada aos *corpos*. Desse resumo decorre uma questão.

Por que *na* Esquizofrenia – quadro clínico psiquiátrico – um filósofo, historiador de filosofia, se sente como estando em seu elemento próprio?

Façamos Deleuze (1969, p. 96) falar:

Medimos, num mesmo gesto, a distância que separa a linguagem de Carroll, emitida na superfície e a linguagem de Artaud, talhada na profundidade dos corpos – a diferença de seus problemas. Damos então todo o seu alcance às declarações de Artaud na carta de Rodez: ‘Não fiz tradução do Jabberwocky. Tentei traduzir um fragmento mas isto me aborreceu. Jamais gostei deste poema, que sempre me pareceu de um infantilismo afetado [...]. Não gosta dos poemas ou das linguagens de superfície e que respiram ócios felizes e êxitos do intelecto, mesmo que este se apóie no ânus, mas sem que se empenhe nisso a alma ou o coração. O ânus é sempre terror e não admito que percamos um excremento sem nos dilacerarmos com a possibilidade de que aí percamos também nossa alma e não há alma no Jabberwocky. Podemos inventar nossa própria língua e fazer falar a língua pura com um sentido extra-gramatical, mas é preciso que este sentido seja válido em si, isto é, que venha do pavor. Jabberwocky é a obra de um aproveitador que quis intelectualmente saciar-se, ele, farto de uma refeição bem servida, saciar-se com a dor de outrem. Quando escavamos o excremento do ser e de sua linguagem, o poema deve cheirar mal e Jabberwocky é um poema que o autor evitou manter no ser uterino do sofrimento em que todo grande poeta mergulhou e onde, ao ser parido, cheira mal. Há no Jabberwocky passagens de fecalidade, mas se trata de fecalidade de um esnobe inglês,

que frisa o obsceno como cachos frisados a ferro quente. É a obra de um homem que comia bem e percebemos isto no que ele escreve [...].³²

Mas quem fala é Artaud! É ele quem credita o argumento da analidade e da merda a Lewis.

Bom, Artaud escreve com um certo pudor, apropriado, deve-se admitir. [Digamos, culto e civilizado.]

³² Pareceu-me importante esta citação de Deleuze.

3 CLÍNICA, ESBOÇO DE DEFINIÇÃO

“[...] da criança, do poeta e do louco” (DELEUZE, 1969, p. 85).

Essa distribuição divorcia a Literatura da fascinação pelo vivido louco, pela vivência psicótica. Ao fazê-lo determina uma outra ordem de problemas:

“O problema é o da *clínica*” (e ela não ficará, a clínica, sem a definição que melhor lhe cabe na disjunção que logo se segue) “[...] isto é, do deslize de uma organização para outra *ou* da formação de uma desorganização progressiva e criadora (Deleuze, 1969, p. 86, grifos nossos).

Minha suposição, hipótese: a 1ª definição tende a coincidir com uma certa clínica psiquiátrica clássica: o deslize³³ de um organização para *outra* organização – patológica.

Já a segunda parte – *ou da formação de uma desorganização progressiva e criadora* – compreende toda uma outra complexidade impossível de ser pensada e apreendida nos limites de uma dissertação.

Reparemos em como isso acontece em uma astuciosa argumentação do filósofo:

3.1 UM PEQUENO ARDIL, ASTÚCIA DO FILÓSOFO

3.1.1 Artaud: Duplo de Carrol se perguntou Deleuze?

Dois personagens, o artista e o matemático: Antonin Artaud gênio louco, Lewis Carroll.

Como fazer a passagem da Crítica para a análise filosófica, agora *clínica*?

Aqui se encontra um fino ardil. Será Antonin Artaud quem julgará Lewis Carroll como um “pequeno perverso” ao ver-se confrontado com uma tradução do mesmo. E eis que a disjunção (*ou*) opera seus efeitos:

³³ Em algum lugar Deleuze discorrerá sobre a *Psicopatologia Geral* de Karl Jaspers, donde a provável noção de processo aplicada [seria discutível se o deslizamento apontasse para a figura retórica da ‘superfície dos significantes sob o mar dos significados’].

Ocorre a Antonin Artaud confrontar-se com Lewis Carroll: primeiro, em uma transcrição do capítulo Humpty Dumpty, depois em uma carta de Rodez em que julga Carroll. Ao ler a primeira estrofe do Jabberwocky, tal como é apresentada por Artaud, tem-se a impressão de que os dois primeiros versos correspondem ainda aos critérios de Carroll e se conformam a regras de tradução bastante análogas às dos outros tradutores franceses, Parisot ou Brunius. Mas desde a última palavra do segundo verso, desde o terceiro verso, um deslizamento se produz e mesmo um desabamento central e criador, que faz com que estejamos em um outro mundo e em uma outra linguagem. Com *espanto*, reconhecemos sem esforço: é a linguagem da esquizofrenia (DELEUZE, 1969, p. 86).³⁴

Entenda-se, o que está em ação na tradução que Artaud faz de L. Carroll – e que nosso historiador de filosofia aponta para além da genialidade de Artaud – é um duplo movimento,

Jabberwocky Lewis Carrol

“Twas brillig, and the slithy toves
 Did gyre and gimble in the wabe;
 All mimsy were the borogoves,
 And the mome raths outgrabe.
 "Beware the Jabberwock, my son!
 The jaws that bite, the claws that catch!
 Beware the Jubjub bird, and shun
 The frumious Bandersnatch!"
 He took his vorpal sword in hand:
 Long time the manxome foe he sought—
 So rested he by the Tumtum tree,
 And stood awhile in thought.
 And as in uffish thought he stood,
 The Jabberwock, with eyes of flame,
 Came whiffing through the tulgey wood,
 And burbled as it came!
 One, two! One, two! and through and through
 The vorpal blade went snicker-snack!
 He left it dead, and with its head
 He went galumphing back.

 "And hast thou slain the Jabberwock?
 Come to my arms, my beamish boy!
 O frabjous day! Callooh! Callay!"
 He chortled in his joy.

'Twas brillig, and the slithy toves
 Did gyre and gimble in the wabe;
 All mimsy were the borogoves,
 And the mome raths outgrabe. ”

Jaguardarte Augusto de Campos

Era briluz. As lesmolisas touvas
 Roldavam e relviam nos gramilvos.
 Estavam mimsicais as pintalouvas,
 E os momirratos davam grilvos.
 “Foge do Jaguardarte, o que não morre!
 Garra que agarra, bocarra que urra!
 Foge da ave Felfel, meu filho, e corre
 Do frumioso Babassurra!”
 Êle arrancou sua espada vorpal
 E foi atrás do inimigo do Homundo.
 Na árvora Tamtam êle afinal
 Parou, um dia, sonilundo.
 E enquanto estava em sussustada sesta,
 Chegou o Jaguardarte, olho de fogo,
 Sorrelfiflando através da floresta,
 E borbulia um riso louco!

Um, dois! Um, dois! Sua espada mavorta
 Vai-vem, vem-vai, para trás, para diante!
 Cabeça fere, corta, e, fera morta,
 Ei-lo que volta galunfante.

“Pois então tu mataste o Jaguardarte!
 Vem aos meus braços, homenino meu!
 Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!”
 Êle se ria jubileu.

Era briluz. As lesmolisas touvas
 Roldavam e relviam nos gramilvos.
 Estavam mimsicais as pintalouvas,
 E os momirratos davam grilvos.

³⁴ *Post Script* a bem da clareza: acrescentei o poema *nonsense* de Carrol, *Jabberwocky*, devido a delicadeza da tradução de Campos que apaga a sordidez de Carrol mencionada por Artaud. O poema de Carrol é feroz sob esta superfície de leveza pueril; aprendemos com Artaud. Lado a lado, a beleza das duas línguas surpreende. Intuição delirante de Artaud? Pode ser. Mas pode muito bem não ser. [Lewis Carroll, *Through the Looking-Glass*; The Millennium Fulcrum Edition 1.7 The Project Gutenberg EBook of Through the Looking-Glass, Release Date: February, 1991

fazer falar Artaud e surpreender o deslizamento de organizações. Mas muito precisamente na Poesia.

O filósofo ilustrou – em nota de pé de página – este deslizamento, o deslizamento da linguagem.

3.2 A LINGUAGEM DA ESQUIZOFRENIA

Nota de rodapé devida a Deleuze, está em:

“Artud, Antonin. L'Arve et L'Aume, tentative anti-gramatatale contre Lewis Carrol”. *L'Arbalète*, n. 12, 1947.”

Il étaiat roparant et les vliqueux tarands
Allaient em gibroyant et en brimbulkdriquant
Jusque là ou la rourghe est à rouarghe a rangmbde et rangmbde a
rouarghambde:
Tous les falomitards étaiant les chats-huants
Et les Ghoré Uk'hatis dans lês Grabugeument (DELEUZE, 1969, p. 86).

As palavras de Artaud tampouco se tornam gramática e sintaxe legível para o próprio leitor francês posto que contra Artaud conta: a “Retórica Matemática” de Lewis Carroll que Deleuze cuidadosamente pontuou ao longo de toda a *Lógica do Sentido*, donde obra de arte – o deslizamento criativo de Lewis.

A ideia de um desabamento central e criador, de um outro mundo, resta a ser cautelosamente precisada do ponto de vista das práticas.

Uma vez que o delírio implica – pelo comum – ser compartilhado por uma inteira comunidade lingüística...

Façamos resumo: “Artaud considera Lewis Carroll como, um *pequeno perverso*, que se restringe à instauração de uma *linguagem de superfície* e não sentiu o verdadeiro problema de uma *linguagem em profundidade problema esquizofrênico* do sofrimento, da morte e da vida” (DELEUZE, 1969, p. 87, grifos nossos).

Assim, se para L. Carroll o qualificativo de perverso deve-se a Artaud, por outro lado a designação de esquizofrenia permanece na ambigüidade frasal para o mesmo Artaud.

Seria A. Artaud, aqui, *clanicamente* esquizofrênico? [quer dizer, tal como Deleuze visa a coisa toda.]

Quero crer que este procedimento advém de um fundo incomum: a freqüentação do pensamento, da linguagem esquizofrênica. Aqui é necessário, portanto a bem da clareza localizar a fonte da qual nosso filósofo se serviu.

Em outros termos, porque melhor seria dizer: em sã consciência ninguém enfrenta a Esquizofrenia para dela afirmar que existem pensamento e linguagem. Salvo o autor-inventor do conceito, no caso Bleuler.

Assim no ano de 1969 – cinqüenta e oito anos após a publicação da monografia *Dementia Praecox ou o grupo das esquizofrenias* – um historiador de filosofia se pronuncia com *notável e admirável precisão clínica sobre a Esquizofrenia*. Quero crer que por si só uma problemática – inteira – aí se delineia.

Vamos considerar:

Impossível estimar-se os efeitos da leitura clínica da *13ª série* sobre a Filosofia. E mesmo sobre a Psicanálise.

Nem tanto isto se deve a complexidade do tema (*reverter le platonisme, Physis* e o naturalismo, Pierre *Klossowski* tradutor de Heidegger, que são outros tantos temas de filosofia) mas antes se trata de uma peculiaridade própria ao pesado envoltório que circunscreve duplicidades múltiplas (as flutuações de referência entre Freud e Bleuler isto é, a ambigüidade teórica, os dois conceitos (as acepções) de *Spaltung* de Bleuler, o estado da arte da psicanálise em 1969 (*psicose* versus *neurose*), as hostilidades virulentas entre os grupamentos psicanalíticos em França e algures).

No decurso da elaboração desta Pesquisa, ao longo da leitura da *Lógica do Sentido*, no recenseamento da cronologia da obra de Deleuze – entre livros e artigos publicados, num certo

momento me deparei com a seguinte situação: como Gilles Deleuze dispunha de um *conhecimento* tão agudo, aguçado, tão apurado do sofrimento psicótico (ele o dirá com todas as letras na *Lógica do Sentido*) – referido diretamente a Esquizofrenia?

No final deste texto deixei algumas *idéias* – a título de *hipótese* – dessa pergunta tão trivial.

Todavia nem tanto trivial quando se pode pensar que deste conhecimento Deleuze produz um Saber.

Um Saber novo intimamente ligado com sua própria investigação do texto, digamos assim, esquizofrênico. Isto é, do pensamento, da linguagem, da palavra esquizofrênica. No caso de Carrol, da Retórica do *non-sense*, no caso de Artaud da própria hipótese diagnóstica de Esquizofrenia.

Mas me parece que é de outro lugar que vem esse Saber.

As 34 séries (capítulos) que compõe a *Lógica do Sentido* necessariamente não implicam que uma se siga a outra como faz crer o título “séries”. Parece haver uma relativa independência entre os títulos. Mesmo porque o título da obra é composto de duas partes – *Lógica*, o conectivo “e”, a palavra *Sentido*.

Nas doze páginas (da tradução em português) da *13ª Série* em momento algum nosso filósofo menciona ou cita diretamente Eugen Bleuler – de resto ao longo de todo o livro.

É como se o conceito de Esquizofrenia, sua contraparte clínica, sua sintomatologia já estivesse lá desde sempre. Estabelecidas e sem refutações.

Destituídas de conexão com as hipóteses diagnósticas que ele anuncia, e com suas periodizações sem precedentes: “[...] o pré-socratismo é a esquizofrenia propriamente filosófica” (DELEUZE, 1969, p. 133). Donde segue: o platonismo não o é.

Deleuze discorre longamente sobre sua sintomatologia (da Esquizofrenia, sintomas, signos, sinais, subtipos clínicos e sua sintomatologias, *afetação do corpo* – este é o seu conhecimento) e uma questão aqui se impôs para mim:

Qual é a fonte da qual ele se serve para se pronunciar com tanta precisão?

Por que deveria eu insistir neste ponto?

Porque até o presente momento Deleuze manteve *velado* seu conhecimento sobre *psicopatologia de corte psiquiátrica*. Mas para esse conhecimento proponho como *questões diretamente ligadas com a esquizofrenia*:

- a) Louis Wolfson, o “Caso Clínico de Deleuze” que ocupou seu trabalho lado a lado com seus afazeres de filosofia?
- b) O Pensamento Esquizofrênico de Antonin Artaud que gerava arte e entretinha os intelectuais franceses de vanguarda?
- c) O fascínio por um discreto escritor de nome Raymond Roussel já comentado por Michel Foucault?

Mas ficaram indicações suficientes das quais se pode vislumbrar as árvores, porém sem entrever o bosque.

3.3 COMO O FILÓSOFO PRESENTIU A PASSAGEM DO PENSAMENTO-LINGUAGEM PARA O CORPO

- a) Quando ocorre a falência da superfície na experiência esquizofrênica: “[...] não há mais fronteira entre as coisas e as proposições [...]” (DELEUZE, 1969, p. 90).
- b) A torção topológica da *Spaltung*-pensamento de Freud para a fórmula deleuziana “Tudo é corpo e corporal” (DELEUZE, 1969, p. 90).
- c) O corpo com buracos em Freud. Dualidade das palavras esquizofrênicas e suas relações com corpo feito em pedaços.

Em *Dementia Praecox or the Group of Schizophrenias* (1911) – onde se define o núcleo do conceito de Esquizofrenia, a *Spaltung*, parte do esforço de Bleuler se dirigiu para afirmar que a Esquizofrenia refere-se antes de tudo a uma cisão das *Associações*, dos encadeamentos de

Pensamentos, do *Pensamento* com tal – e só há compromisso do corpo, *stricto sensu*, colateralmente em um subtipo (a catatonia).

Todavia nosso filósofo urde singular argumentação. Ao invés de ir à busca de Bleuler ele sai ao encontro de Freud. Cita-o (Freud) textualmente em nota de pé de rodapé e passa o recibo de sua citação, transcrevo:

A primeira evidência esquizofrênica é que a superfície se arrebentou. Não há mais fronteira entre as coisas e as proposições, precisamente porque não há mais superfície dos corpos. O primeiro aspecto do corpo esquizofrênico é uma espécie de corpo-coador: Freud sublinhava esta aptidão do esquizofrênico para captar a superfície e a pele como perfuradas por uma infinidade de pequenos buracos (DELEUZE, 1969, p. 89-90).³⁵

Ao mencionar Freud, Deleuze busca uma conseqüência, algo que se segue, que ele Deleuze quer ou pretende concluir para além de Freud. Mas porque e como ele se autoriza? Muito exatamente nos fenômenos esquizofrênicos. A parte esquecida que a psicanálise não podia afrontar, abraçar.

3.4 UM CORPO ESBURACADO

O filósofo foi buscar suas assertivas na metapsicologia freudiana no artigo de 1915, *O Inconsciente*: para um corpo esburacado.

Essa é a nota de rodapé de Deleuze (1969, p. 152) em *Lógica do Sentido*, citando Freud no artigo *Metapsicológico O Inconsciente* (1915):

Citando dois casos de doentes aos quais um apreende sua pele e o outro suas meias como sistemas de pequenos buracos que correm o risco de perpétuo alargamento, Freud mostra que existe aí um sintoma propriamente esquizofrênico que não poderia convir nem ao histérico nem ao obsessivo

É a Freud que será atribuído as transações da linguagem nos eventos corporais – presente tanto na queixa hipocondríaca quanto nos delírios. O artigo trata – em sua última parte (*VIII. Avaliação do Inconsciente*) – longamente disso. Deleuze inverte os pólos, privilegia as posições e

³⁵ “A conseqüência é que o corpo no seu todo não é mais que profundidade e leva, engole todas as coisas nesta profundidade escancarada que representa uma *involução fundamental*. Tudo é corpo e corporal. Tudo é mistura de corpo e no corpo, encaixe, penetração” (DELEUZE, 1969, p. 89-90, grifos nossos).

manifestações orais “Aqui a manifestação oral esquizofrênica exibe uma característica hipocondríaca: tornou-se ‘fala do órgão’” (FREUD, 1974, p. 213) e, surpreendentemente, privilegia este único aspecto da nota.

Por que?

É que aproveitando a *questão da hipocondria* – presente neste artigo – nosso filósofo atribui a Freud o que tanto ele (nosso filósofo) quer afirmar, a saber: a questão – complexa – da superfície. Por extensão, a questão do corpo e da superfície na Esquizofrenia. Todavia o que mais se encontra na queixa hipocondríaca é... o interno, o dentro do corpo, os danos viscerais,....

4 EUGEN BLEULER, LUGAR DA INVENÇÃO DAS ESQUIZOFRENIAS

4.1 O CONCEITO DE ESQUIZOFRENIAS NA PALAVRA *SCHIZOPHRENIEN* EM BLEULER

É impossível ao filósofo se manifestar, pronunciar, afirmar, etc. o que quer que seja sobre a Esquizofrenia sem passar por aqui.

Eugen Bleuler, lugar da Invenção das Esquizofrenias ou como a história e teoria da ciência têm lá seus imbróglis.

Por um desses inesperados e incomum caminhos da História das Ciências, Eugen Bleuler é celebrado por uma monografia escrita na língua Alemã *Dementia Praecox oder die Gruppe der Schizophrenien*³⁶ publicada em 1911 que só encontrou sua primeira tradução para outra língua em 1950;³⁷ ou em qualquer outra língua.³⁸

Coube ao tradutor, Joseph Zinkin em seu Prefácio, as seguintes e saborosas observações. Zinkin tratou este fato como uma “[...] curiosidade do trabalho psiquiátrico”.³⁹ Entre o período de sua publicação (1911) e a tradução inglesa (1950) “praticamente toda a bibliografia psiquiátrica fez referência à monografia de Bleuler, freqüentemente elogiando-a como um excepcional trabalho.” Pode-se deduzir disso, a se crer em Zinkin, que a extensa monografia de mais de quinhentas páginas tenha produzido de fato um acontecimento, mas, digamos, por um certo efeito de desconhecimento.

Descontente com a ausência e inexatidões do texto Bleuleriano (*Bleulerian text*), com as “[...] referências de segunda-mão do trabalho suíço [...]” e logo com os “[...] freqüentes mal-entendidos do que o autor tinha dito [...]”, Zinkin (1950, p. 7) perguntou aos notáveis de sua geração se eles “[...] teriam interesse na tradução do trabalho de Bleuler”.

³⁶ Bleuler, E. *A dementia praecox ou o grupo das esquizofrenias*. Este é o título original.

³⁷ *Dementia Praecox or the Group of Schizophrenias*. By Eugen Bleuler. New York: International Universities Press, 1950. 548 p. Review by: John N. Rosen (Tradução do Dr. Joseph Zinkin do original alemão publicado por Franz Deutick em 1911, Leipzig: *Dementia Praecox oder die Gruppe der Schizophrenien*). [Dementia Praecox ou o grupo das esquizofrenias. Resenha por John R. Rosen.] Na sua Resenha Rosen (1952, p. 420-423, grifos nossos) se espanta: “Parece incrível que esta obra que revolucionou o pensamento psiquiátrico pudesse ter sido negada aos psiquiatras de língua Inglesa por mais de quarenta anos [...]”.

³⁸ Lewis, Nolan, D. C. Foreword, *Dementia Praecox or the Group of Schizophrenia*, p. v. New York: International Universities Press, 1950. (Da oitava edição da tradução original de 1950).

³⁹ Prefácio do tradutor, *Translator's Preface*, 1950, p.vii.

Então, equilibradamente, Zinkin (1950, p. 7) anota: “[...] eu quase invariavelmente encontrei a crença que ela [a monografia] tinha sido há muito tempo traduzida. Todos supunham que alguém, alhures, realmente a tinha lido”.⁴⁰ Assim nem tanto imbróglio, mas insólito. Porém a História das Ciências e a Epistemologia já registraram eventos insólitos dessa natureza.

Na leitura, assim, do Prefácio de Zinkin tem-se a impressão não tanto de uma certa ingenuidade irônica mas de uma perplexidade. Levaremos em considerações ambas. É que doravante nada no campo das psicoses será da ordem da lógica comum.

As Esquizofrenias de Bleuler são, portanto mencionadas, citadas, louvadas e, todavia jamais foram lidas. Exceções confirmam a regra.

Desse modo não a bem de uma verdade qualquer, mas da simples Leitura é desejável mostrar o que é o estudo monográfico e situar em que ele produz algo novo.

No escopo deste texto limitar-me-ei a apontar a organização formal da monografia para disso extrair, mostrar onde habita uma saga que percorreu o século XX para, sem piedade, concluir-se nos anos de 1990, a década do cérebro; com o triunfo das *Hard Sciences* – em particular as *Neurosciences*.

4.2 ORGANIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DA MONOGRAFIA DE BLEULER E SUA FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Na Bibliografia estão relacionados oitocentos e cinqüenta (850) títulos. Reservou os seguintes itens para Freud:

- 232. Freud, Analyse eines Falles von chronischer Paranoia. NCB., 1896, p. 442-448.
- 233. Psychopathologie des Alltagslebens. II. Auflage, Berlin: Karger, 1907.
- 234. Traumdeutung. Wien und Leipzig. Deuticke, 1900.
- 235. Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten. Deuticke, 1905.
- 236. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. Deuticke, 1905.

Gostaria de observar primeiro que "232. Freud, *Análise de um caso de Paranóia crônica*", publicado segundo Bleuler em 1896, esse texto em nenhum lugar consta da bibliografia

⁴⁰ No contexto da psicose paranóica e da esquizofrenia, a Crença, é nada desprezível. Guattari como Deleuze jamais iriam desprezar esse dado.

usualmente adotada pela obra de Freud e, segundo, na listagem bibliográfica só o último nome do Autor aparece. O que parece denotar que, suponho, só um nome era suficiente.

É bastante certo que as hipóteses nucleares e teses fundamentais freudianas cobrindo o período entre 1900 até 1907 desse modo estão lidas, metabolizadas, relacionadas e publicadas: em 233. *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*; em 234. *A Interpretação dos Sonhos* de 1900; em 235. *O chiste e sua relação com o inconsciente* e em 236. *Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905).

Medirei o alcance deste gesto, sua ousadia e a integridade pessoal de Bleuler. Anteciparei que nesse momento histórico anterior à Primeira Guerra Mundial, mesmo que Zúrich abrigasse vanguardas revolucionárias, escritores malditos etc., o peso do anti-semitismo europeu e a fato de Freud lutar para que suas teorias escapassem da pecha de *ciência judaica* e de pan sexualismo, faziam da publicação de Bleuler um ato de notável coragem, desprendimento crítico e imensa generosidade intelectual.

4.3 A COMPOSIÇÃO FORMAL DA MONOGRAFIA É ESTA

Nela já encontraremos parte da novidade que o livro contém. Se este sumário aqui figura deve-se a fortes razões de ordem histórica. Jamais deixaria passar em branco registrado O livro de Bleuler está composto e organizado em:

CONTENTS	
Foreword	V
Translator's Preface	VII
Author's Preface.....	1
General Introduction	3
Historical Background	3
The Name of the Disease.....	7
The Definition of the Disease.....	9
SECTION I—SYMPTOMATOLOGY	13
Introduction	13
CHAPTER I—THE FUNDAMENTAL SYMPTOMS	14
A. The Simple Functions.....	14
1. The Altered Simple Functions	14
a. Association	14
b. Affectivity	40
c. Ambivalence	53

2.	The Intact Simple Functions	55
a.	Sensation and Perception	56
b.	Orientation.....	58
c.	Memory	59
d.	Consciousness	62
e.	Motility	63
B.	The Compound Functions.....	63
a.	Relation to Reality: Autism.....	63
b.	Attention.....	68
c.	Will	70
d.	The Person	71
e.	Schizophrenic "Dementia"	71
f.	Activity and Behavior	90
CHAPTER II—	THE ACCESSORY SYMPTOMS.....	94
a.	Hallucinations, Delusions, and Illusions.....	95
b.	Delusions	117
c.	The Accessory Memory Disturbances	138
d.	The Person.....	143
e.	Speech and Writing.....	147
f.	The Somatic Symptoms.....	161
g.	The Catatonic Symptoms	180
1.	Catalepsy	180
2.	Stupor	184
3.	Hyperkinesis.....	185
4.	Stereotypies	185
5.	Mannerisms	19°
6.	Negativism	19 ¹
7.	Command-Automatism and Echopraxia	198
8.	Automatisms.....	199
9.	The Impulsiveness	205
h.	The Acute Syndromes	206
1.	Melancholic Conditions	208
2.	Manic Conditions	210
3.	Catatonic Conditions	211
4.	Delusion	215
5.	Twilight States	216
6.	Benommenheit	221
7.	Confusion, Incoherence	223
8.	Fits of Anger	224
9.	"Anniversary" Excitements	225
10.	Stupor	225
11.	Deliria	225
12.	Fugue States	226
13.	Dipsomania	226
SECTION II—	THE SUBGROUPS	227
Introduction		227
A.	The Paranoid Group	228
B.	Catatonia	232

C. Hebephrenia	233
D. Schizophrenia Simplex	235
E. Special Types of Groups.....	239
1. Periodic Forms	239
2. Age Groups	240
3. Etiological Groupings	242
4. Classification in Terms of the Intensity of the Pathological Manifestations	243
SECTION III—THE COURSE OF THE DISEASE	245
A. The Temporal Course	245
B. The Onset of the Disease	251
C. The Termination of the Disease	254
1. Death.....	254
2. Degree of Deterioration and Possibilities of Cure.....	255
D. The End States of the Disease	263
SECTION IV—SCHIZOPHRENIA IN CONJUNCTION WITH OTHER PSYCHOSES	266
SECTION V—THE CONCEPT OF DISEASE	271
SECTION VI—DIAGNOSIS	294
A. General Remarks	294
B. The Significance of Individual Symptoms for the Differential Diagnosis	298
C. Differential Diagnosis	304
SECTION VII—PROGNOSIS	331
SECTION VIII—FREQUENCY AND DISTRIBUTION OF THE DISEASE	335
SECTION IX—THE CAUSES OF THE DISEASE	337
SECTION X—THE THEORY.....	348
CHAPTER I—THE THEORY OF SYMPTOMS.....	348
A. The Primary Symptoms	349
B. The Secondary Symptoms	352
1. The Individual Symptoms.....	352
2. The Origin of the Secondary Symptoms.....	354
a. The Train of Thought-Splitting —	355
b. Affectivity	363
c. Autism	373
d. Ambivalence	374
e. Memory and Orientation	376
f. Schizophrenic Deterioration (Dementia)	378
g. Distortions of Reality.....	381
1. The Delusions	382
2. Sensory Deceptions.....	387
3. Deceptions of Memory.....	389
4. Genesis of the Content of Distortions of Reality	389
h. The Catatonic Symptoms.....	44
1. General Remarks	441
2. Stupor	442
3. Negativism	442
4. The Motor Symptoms	445
5. Catatonic Symptoms of Complexes	449

6. Mannerisms	453
i. General Viewpoints	460
CHAPTER II—THE THEORY OF THE DISEASE.....	461
A. The Concept of Schizophrenia.....	461
B. The Disease Process	466
SECTION XI—THERAPY.....	471
AUTHOR'S BIBLIOGRAPHY.....	491
TRANSLATOR'S BIBLIOGRAPHY	518
INDEX	538

Temos assim:

- a) uma Introdução Geral,
- b) antecedentes históricos – compreendendo *O nome da Doença* e *A definição da doença*.

Seção I – Sintomatologia; Capítulo I – Os sintomas fundamentais; Capítulo II – Os sintomas acessórios;

Seção II – Os Subgrupos;

Seção III – O curso da doença. Seção IV – Esquizofrenias em conjunção com outras psicoses;

Seção V – O Conceito de Doença;

Seção VI – Diagnóstico;

Seção VII – Prognóstico;

Seção VIII – Frequência e distribuição da doença;

Seção IX – As causas da doença;

Seção X – A Teoria; Capítulo I – A Teoria dos sintomas; Capítulo II – A teoria da doença, A. O Conceito de Esquizofrenia, B. O processo da doença.

Seção XI – Terapia.

Detalhei as subdivisões do texto para fazer ressaltar que, em 1911 e nos anos subseqüentes pelo menos, duas noções epistemológicas, a de conceito e a de teoria, poderiam ter entusiasmado o leitor especializado de Bleuler. Na extensa monografia existe, portanto Teoria e Conceitos.

Mas logo destacarei que existe uma definição “Chamo *dementia praecox* de Esquizofrenia porque (como espero demonstrar) a cisão (*Spaltung*) das diferentes funções psíquicas é uma de suas mais importantes características” (BLEULER, 1950, p. 8).

De modo algum Bleuler (1950) quer primar seu trabalho numa cientificidade qualquer. Antes se trata de que o próprio trabalho da produção intelectual – advinda do turbilhão empírico dos mais de quatrocentos pacientes do Hospital Burghölzli – exige teoria e conceito. Com isso

quero dizer que, pelo menos, a teoria vem de outro lugar. Isso é sensível na leitura da monografia. Como se Bleuler demandasse uma espécie de suporte organizativo, congruente, do pensamento.

Mas, em boa epistemologia positivista no início do século XX diz-se:

De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado (FREUD, 1974, p. 139).⁴¹

Essa é a “plataforma epistemológica” de Freud (1974). Ela aqui figura é para mostrar que Bleuler também dela compartilha a se considerar que estes são os princípios mínimos da atividade científica. Com a cláusula de que já na *observação* dos *fenômenos* aspectos teóricos contam; tendo como modelo a física-matemática das *Naturwissenschaften*, as ciências da natureza, *ideal de cientificidade*. Ideal que culmina com a pura objetividade, não mais da ciência, mas do *discurso da ciência* que passa a ser o operador que divorcia sujeito e objeto. Quer dizer, poder-se-ia dizer que o discurso da ciência *cinde, dissocia, exclui* o sujeito que conhece com o objeto a ser conhecido – radicalmente – separando-o de sua inserção na Cultura e na vida, na vida do ordinário do cotidiano

Mas estes elementos de epistemologia comparecem sobretudo para mostrar que Bleuler se serve da própria teoria freudiana nos anos de 1900 até 1914 (LOEWENBERG, 1995, p. 46), época e momento da ruptura. No entanto Bleuler cuidou para que sua nomenclatura estivesse adequada à Teoria, mas tomando-a como sua.⁴² É necessário o concurso de Freud para acompanhar do que se trata. A implicação de Bleuler encontra seus limites exatamente nesta *Teoria Sexual (Sexualtheorie)* de Freud.

Bleuler (1950) seguiu Freud, de perto, no campo do texto inconsciente. De modo claro e explícito na Seção I, Sintomatologia, Capítulo I, Os sintomas fundamentais, nos primeiros

⁴¹ Na Edição inglesa *Standard* (e sua versão portuguesa, 1915) Freud citou e mencionou Eugen Bleuler em abundância, um verdadeiro Memorial “epistêmico” e é desse modo que podemos acompanhar na monografia de Bleuler a incidência das teorias freudianas.

⁴² Freud (1974, p. 177) vai testemunhar “[...] oportuna designação de ‘ambivalência’, introduzida por Bleuler [...]”.

parágrafos ele nos apresenta o texto do delírio – tal como o texto do sonho em Freud – e não mais cessará de fazê-lo ao longo da monografia.

O primeiro ato de Bleuler, *na sua publicação*, é conceder a palavra ao paciente – ainda que para fins demonstração. Escusado dizer que o paciente, habitante do hospital universitário de Zurich, o Burghölzli, representa, figura, o *Museu Nosográfico* das afecções do espírito transtornado nas deformações corporais catatônicas, dilacerado pela cisão do pensamento na incoercível atividade delirante. Assim como não é ocioso dizer que Bleuler aponta para a “*psiqué esquizofrênica*”. Aqui, limito-me a essas generalidades por economia textual, momentânea.

4.4 CONSIDERAÇÕES

Recuperemos o que estava em nota de rodapé:

Dementia Praecox or the Group of Schizophrenias. By Eugen Bleuler. New York: International Universities Press, 1950. 548 pp. Review by: John N. Rosen (Tradução do Dr. Joseph Zinkin do original alemão publicado por Franz Deuticke, 1911, Leipzig: *Dementia Praecox oder die Gruppe der Schizophrenien*.) [Dementia Praecox ou o grupo das esquizofrenias. Resenha por John R. Rosen.] Na sua Resenha Rosen se espanta: “[...] Parece incrível que esta obra que revolucionou o pensamento psiquiátrico pudesse ter sido negada aos psiquiatras de língua Inglesa por mais de quarenta anos [...]”. The Psychoanalytic Quarterly, 21:420-423. NYC, New York. 1952.

Em 1952 na sua resenha para o Psychoanalytic Quarterly, periódico da cidade de Nova York, John N. Rosen surpreendeu-se com um fato intrigante:

Dementia Praecox ou o grupo das Esquizofrenias de E. Bleuler foi originalmente escrito em Alemão. Parece incrível que esse trabalho que revolucionou o pensamento psiquiátrico tivesse sido negado aos psiquiatras de língua inglesa por mais de quarenta anos.

Porque duas palavras, *Dementia Praecox* e Esquizofrenia (*Schizophrenia*) associadas a um nome próprio, Bleuler (1950), poderiam trazer aos pensamentos de alguém a idéia de revolução? De todos os modos esta foi a recepção, nos meios psicanalíticos norte-americanos da antiga monografia, *Dementia Praecox oder Gruppen der Schizophrenien*, de autoria do médico suíço Eugen Bleuler, publicada em 1911 pelo editor Franz Deuticke, em Leipzig na Alemanha.

Convém assinalar que no original alemão a *Schizophrenien* é plural, todavia Bleuler vai privilegiar o singular, Esquizofrenia.

O termo latino *Dementia Praecox*, demência precoce, implica um segundo nome próprio, Emil Kraepelin, eminente médico alemão não sem algum orgulho admirado, entre os seus, pela prestigiosa Universidade de Leipzig e Munique. De Kraepelin vem a exposição sistematizada do que se entendia por esse quadro clínico na quarta edição do seu *Compendium der Psychiatrie*, Tratado de psiquiatria, de 1893. Era um quadro clínico severo que atingia pessoas jovens (*Praecox*, precoce) e que evoluía para grande desorganização cognitiva e psíquica, funcional e deterioração generalizada (*Dementia*, demência).

Bleuler (1950) vai concluir – *historicamente* em reação contra Kraepelin, uma vez que aquele carácter revolucionário mencionado por Rozen suscitou paixões – na minha síntese, que não se trata nem de *Dementia*, nem *Praecox* posto que ela é tratável e portanto pode-se preconizar para tanto uma Terapia, última Seção da monografia.

Em que medida a revolução de Bleuler (1950) modificou o pensamento psiquiátrico ainda é imponderável. Todavia sentimos o quanto a história da psicanálise ficou a dever a Bleuler e o quanto sua *Schizophrenie* ressoou até os anos sessenta e após, seja para contestá-la no movimento de luta política, a antipsiquiatria, seja para dela fazer o explosivo *Leitmotiv* de mudanças sociais revolucionárias e desejadas em ácidas críticas às práticas corrente da psicanálise àquela época.⁴³

Melhor então seria se interrogar até que ponto e como a Esquizofrenia tornou-se paradigmática (ROUDINESCO, 1998) da psicose ao longo do século XX.

Na oposição diferencial, consensual, entre neurose e psicose emergiu um acordo, tácito e um pouco sub-reptício. Estas últimas ficariam ao abrigo da psiquiatra psicodinâmica que a esquizofrenia acabava de vir assegurar, isto é, a psicodinâmica. Na história da psiquiatria este foi o

⁴³ Freud (1974), por exigência epistemológica interna à sua descoberta, urgia demonstrar o Inconsciente, descartou as psicoses em proveito da nosologia e nosografia das neuroses. E o fez dando dignidade nosográfica a Histeria contrariamente a toda uma corrente secular da medicina que nela, a histeria, nada mais via do que uma *simulação*.

“Período Suíço” (LOEWENBERG, 1995, p. 53)⁴⁴ na junção da prática teórica de Eugen Bleuler e da invenção freudiana do Inconsciente.

Compreende-se que o período que vai de 1903 a 1914 tenha sido o momento da *nosopoesis* – o ato de criação – da Esquizofrenia posto que nele se estabeleceu longa, esclarecedora relação epistolar entre Freud e Bleuler.

Eugen Bleuler é descrito como um homem com dons de sensibilidade e meticulosidade, Rosen fez questão de dizê-lo em sua resenha. É incompleto.

Para tornar o Hospital de Burghölzli, da Universidade de Zurique, um *atrator* de inventividade e criatividade e torná-lo um local de reconhecimento internacional para médicos lidando com as doenças e as mais severas paixões da alma humana é necessário acrescentar mais.

Substituindo August Forel em 1898 na Administração do Hospital universitário, a liderança de Bleuler nele imprimiu sua marca e favoreceu um cadinho fervilhante de idéias de organização social e administrativas da instituição para os médicos e pacientes que anteciparia em larga medida a Psicoterapia Institucional. Lado a lado com o *conjunto* bem delimitado e aberto de ferramentas teóricas, utensílios nocionais, tanto quanto de dotar homens com armaduras de tolerância, paciência, generosidade que estavam sob seu abrigo no Burgzölzli.

A adoção de Bleuler (1950) pelas teorias, suposições e idéias de Freud foi descrita em por Loewenberg (1995) através de uma preciosa documentação ainda de difícil acesso⁴⁵ porém nada impediu que sua apreciação histórica consistisse em sintetizar a relação Freud-Bleuler no que ela tem de nuclear: “Bleuler estava convencido da existência do inconsciente dinâmico,⁴⁶ da sexualidade infantil e que a sexualidade reprimida é convertida em *ansiedade*” (LOEWENBERG, 1995, p. 56).

Aqui ainda nada impediu Bleuler de rebatizar a psicanálise como *Tiefenpsychologie*, psicologia profunda (LOEWENBERG, 1995). Mas ainda é incerto que se limite a uma

⁴⁴ Embora num outro registro historiográfico o trabalho de Loewenberg é excepcional.

⁴⁵ Library of Congress, Washington, D.C. Bleuler to Freud, 14 October 1905, Freud Collection, B 4.

⁴⁶ Donde (por hipótese) a posterior idéia de psiquiatria psicodinâmica.

assunção, por Bleuler, de um conjunto nocional de teses freudianas à ação criativa da palavra que designou um paradigma no século XX para a psicose.

Antes, gostaria de concluir que, tal como Bleuler (1950) o fez nas flutuações da *praxis* e nas inflexões teóricas de sua monografia, que sob o conceito de Esquizofrenia pode-se encontrar uma estreita *solidariedade topológica e epistemológica* com o próprio conceito de Inconsciente.

Isso se passou num tempo onde a ciência advém como discurso da ciência moderna.

5 PARA ESTABELEECER UMA DEFINIÇÃO, DICIONÁRIO

Vou me servir do seguinte artifício.

Passado um século após a descrição e classificação da esquizofrenia – mas, sobretudo com o advento da *International Classification of Diseases (ICD)*, a CID, em capítulo V, em sua tentativa de estabelecimento de algoritmos epidemiológicos universais – atravessando a antipsiquiatria de inspiração existencialista francesa, conhecendo o movimento fármaco-terapêutico de “*neuroleptização*” (EY, 1978, p. 983) com seu arsenal medicamentoso e as implicações de alterações de sintomatologia devido a eles; quer dizer, a psiquiatria logo observou que devido ao uso das medicações anti-psicóticas (neurolépticos) a sintomatologia das psicoses sofreu variações – e variantes. Seriam os mesmos esquizofrênicos de Bleuler, Freud e Deleuze que vemos hoje?

Talvez não. Digamos que não são os mesmos esquizofrênicos de Bleuler nem de Deleuze tampouco e muito menos aqueles que encontramos nos nossos bem-vindos hospitais ou os CAP's da vida. A “psico-fármaco-terapia” poderia dizê-lo melhor, mas que presentimos, presentimos.

Será prudente, desse modo, encontrar a forma verbatim que melhor significa a presença da esquizofrenia no cotidiano – nas suas formas mais explosivas e não medicadas. Seria muito agradável encontrá-la (a esquizofrenia) em um dicionário de psicanálise. Além de visar à ressonância que o termo teve em língua francesa para traduzir o termo alemão *Spaltung*.

O recurso ao expediente da forma dicionarizada ou enciclopédica é que ele contempla e fixa no Léxico o que se encontra disperso, unificando.

5.1 À LAPLANCE E PONTALIS COUBE UMA TAREFA DE EXITOSO RIGOR

Adicionei ao verbete subtítulos e comentários adicionais (LAPLANCE; PONTALIS, 2001):

5.1.1 Sobre o verbete esquizofrenia: psiquiatria, e psicanálise

História epistemológica

Termo criado por E. Bleuler (1911) para designar um grupo de psicoses cuja unidade tinha já sido mostrada por Kraepelin reunindo-as no capítulo ‘demência precoce’ e distinguindo nelas três formas, que se tornaram clássicas: a hebefrénica, a catatônica e a paranóide.

Ao introduzir o termo ‘esquizofrenia’ [...], Bleuler pretende pôr em evidência o que para ele constitui o sintoma fundamental daquelas psicoses: a (‘dissociação’). O termo impôs-se em psiquiatria e em psicanálise, sejam quais forem as divergências dos autores sobre o que garante à esquizofrenia a sua especificidade e, portanto, sobre a extensão deste quadro nosográfico.

Diversificação das formas clínicas

Clinicamente, a esquizofrenia diversifica-se em formas aparentemente muito dessemelhantes, em que se distinguem habitualmente as seguintes características: a incoerência do pensamento, da acção e da afetividade (designada pelos termos clássicos discordância, dissociação, desagregação), o afastamento da realidade com um dobrar-se sobre si mesmo e predominância de uma vida interior entregue às produções fantasmáticas (autismo), uma atividade delirante mais ou menos acentuada e sempre mal sistematizada. Finalmente, o carácter crónico da doença, que evolui segundo os mais diversos ritmos no sentido de uma ‘deterioração’ intelectual e afetiva e resulta muitas vezes em estados de feição demencial, é para a maioria dos psiquiatras um traço primacial, sem o qual não se pode diagnosticar esquizofrenia.

Inadequação da Dementia Praecox de Kraepelin

A extensão por Kraepelin da expressão ‘demência precoce’ a um largo grupo de afecções que ele demonstrou estarem aparentadas levava a uma inadequação entre a denominação fixada e os quadros clínicos considerados, ao conjunto dos quais nem a palavra ‘demência’ nem a qualificação de precoce se podiam aplicar. Foi por esta razão que Bleuler propôs um novo termo; e, se escolheu o de esquizofrenia, foi movido pela preocupação de que a própria denominação evocasse o que para ele era, para além dos ‘sintomas acessórios’ que se podem encontrar noutros contextos (alucinações, por exemplo), um sintoma fundamental da afecção, a Spaltung: ‘Chamo Esquizofrenia à dementia praecox porque [...] a Spaltung das funções psíquicas mais diversas é uma das suas características mais importantes’.

Zurique e Viena

Bleuler, que salientou a influência exercida sobre o seu pensamento pelas descobertas de Freud e que, professor de psiquiatria em Zurique, participava nas pesquisas prosseguidas por Jung [...], usa o termo Spaltung numa acepção diferente da que Freud lhe atribui [...].

Curso do pensamento – teoria freudiana

Que entende ele por esta palavra? A Spaltung, ainda que os seus efeitos sejam visíveis nos diferentes domínios da vida psíquica (pensamento, afectividade, actividade), é antes de mais nada um distúrbio das associações que regem o curso do pensamento. Na esquizofrenia conviria distinguir sintomas ‘primários’, expressão directa do processo mórbido (que Bleuler considera orgânico), e sintomas ‘secundários’, que são apenas ‘[...] a reacção da alma doente’ ao processo patogênico [...].

O Primário

O distúrbio primário do pensamento poderia ser definido como um relaxamento das associações: ‘[...] as associações perdem a sua coesão. Entre os milhares de fios que guiam os nossos pensamentos, a doença quebra, aqui e ali, de forma irregular, este ou aquele, às vezes uns tantos, às vezes grande parte. Por este facto, o resultado do pensamento é insólito, e muitas vezes falso do ponto de vista lógico’ [...].

O Secundário e o destino do afeto

Outros distúrbios do pensamento são secundários, traduzindo a forma como as idéias se agrupam, na ausência de ‘representações-metas’ (termo por que Bleuler designa exclusivamente as representações-metas conscientes ou pré-conscientes) [...], sob a denominação dos complexos afectivos: ‘Dado que tudo o que se opõe ao afecto é reprimido mais do que é normal, e que o que tem o mesmo sentido do afecto é favorecido de forma igualmente anormal, acaba por resultar daqui que o indivíduo já não pode pensar de modo nenhum o que contradiz uma idéia com a marca do afecto: o esquizofrênico, na sua pretensão, sonha apenas com os seus desejos; o que possa impedir a sua realização não existe para ele. É assim que complexos de idéias, *cuja ligação consiste mais num afecto comum do que numa relação lógica*, se acham, não apenas formados, como ainda reforçados. Não sendo utilizados, os caminhos associativos que levam de determinado complexo a outras idéias perdem, no que diz respeito às associações adequadas, a sua viabilidade; o complexo ideativo marcado de afecto separa-se cada vez mais e consegue uma independência cada vez maior (*Spaltung* das funções psíquicas)’ [...].

Sublinhei em itálicos acima: o que se anota aqui é o complexo de idéias, complexo ideativo. Supõe, logo, a marca de um afeto qualquer. Se o afeto advém da polaridade Amor e Ódio aparecerá então o declive acidentado dos avatares do Amor. É bem verdade que a psicanálise fundou-se sobre o *amor, de transferência*, de inspiração neo-platônica o que de modo algum nos poupou de enormes embaraços. E continua sendo um obstáculo considerável.

As duas noções: *Spaltung* e *Zerspaltung* de Bleuler

Neste sentido, a *Spaltung* esquizofrênica é aproximada por Bleuler daquilo que Freud descreve como sendo próprio do inconsciente, a subsistência lado a lado de agrupamentos de representações independentes uns dos outros [...], mas, para ele, a *Spaltung*, na medida em que implica o reforço de grupos associativos, é secundária a um déficit primário que é uma verdadeira desagregação do processo mental. Bleuler distingue igualmente dois momentos da *Spaltung*: uma *Zerspaltung* primária (uma desagregação, um verdadeiro estilhaçamento) e uma *Spaltung* propriamente dita (clivagem do pensamento em diversos grupos): ‘A *Spaltung* é a condição prévia da maior parte das manifestações mais complicadas da doença; ela imprime o seu selo próprio a toda a sintomatologia. Mas, por detrás desta *Spaltung* sistemática em complexos ideativos determinados, encontramos anteriormente um relaxamento primário da textura associativa que pode conduzir a uma *Zerspaltung* incoerente de formações tão sólidas como os conceitos concretos. No termo ‘esquizofrenia’ visei estas duas espécies de *Spaltung*, cujos efeitos muitas vezes se fundem uns nos outros’ [...].

As ressonâncias semânticas do termo francês *dissociation* (dissociação) pelo qual se traduz a *Spaltung* esquizofrênica evocam sobretudo o que Bleuler descreve como *Zerspaltung*.

Sobre o próprio termo ‘esquizofrenia’, Freud emitiu reservas; “[...] ele é um preconceito sobre a natureza da afecção ao utilizar para a designar uma característica desta teoricamente postulada, e, para mais, uma característica que não pertence apenas a esta afecção e que, à luz de outras considerações, não poderia ser olhada como sua característica essencial’ [...]. Embora Freud tenha falado de esquizofrenia, continuando porém a utilizar igualmente a expressão ‘demência precoce’, tinha no entanto proposto o termo ‘parafrenia’, que, segundo ele, podia mais facilmente emparelhar com o de paranóia, demarcando assim ao mesmo tempo a unidade do campo das psicoses e a sua divisão em duas vertentes fundamentais.

Onde incide a Crítica deleuziana

Com efeito, Freud admite que estas duas grandes psicoses podem combinar-se de múltiplas maneiras (como o ilustra o Caso Schreber), e que eventualmente o doente passa de uma destas formas para a outra; mas, por outro lado, sustenta a especificidade da esquizofrenia em relação à paranóia, especificidade que procura definir ao nível do processo e ao nível das fixações: predominância do processo de ‘recalcamento’ ou do desinvestimento da realidade sobre a tendência para a restituição e, no seio dos mecanismos de restituição, predominância dos que se aparentam com a histeria (alucinação) sobre os da paranóia, que se aparentam mais com a neurose obsessiva (projectão); ao nível das fixações: “A fixação predisponente deve encontrar-se mais atrás do que a da paranóia, deve estar situada no início do desenvolvimento que leva do auto-erotismo ao amor de objecto [...].

5.2 Resíduos e Restos

Questões e problemas, desafios que a mim foram postos e ficaram sem elaboração. No percurso da pesquisa faltaram-me as palavras, a sintaxe, uma boa Lógica para seguir o itinerário do pensamento do filósofo.

CsO – 1) o noção de corpo sem órgão é uma tática teórica, 2) que pensa o deslocamento [de Artaud], 3) de uma organização sem superfície para a pura profundidade?

Deleuze explora, à vontade e sem rubor, as querelas e diatribes dos grupos psicanalíticos da cena psicanalítica (é certo que disso ele extrai algum prazer senão boa dosagem de humor).

Ele está – e muito bem – advertido do caráter *cisionário* (*Spaltung*, divisões, dissidências) da psicanálise e de sua *impossibilidade* de produzir algo novo em torno da neurose. Mas ela continua neurose – teoria freudiana das neuroses.

Portanto, obrigou-se e abrigou-se nas linhas teóricas em M. Klein, G. Pankov contra o estruturalismo generalizado e tresloucado de uma espécie de *culto da personalidade*.

6 A GUISA DE CONCLUSÃO ... A QUESTÃO DO PROCEDIMENTO

No que se segue faço um *exercício*. Ele se deve a uma impossibilidade de registrar linearmente o curso do pensamento de Deleuze. Tendo as características da língua falada e sua posterior transcrição denota o “à vontade” do discurso verbal.

Falando nosso filósofo exerce uma outra função, crítica: a de professor. Forcei-me a retirar daí, conclusões. Provisórias. Incertas. Hipotéticas.

1) O procedimento é um protocolo. No limite pode ser entendido como um algoritmo do qual Louis Wolfson se serve para matar a língua materna.

2) Sendo – para mim – uma fonte do pensamento deleuziano em relação à Esquizofrenia, foi a isso que denominei contexto epistemológico, literário e clínico: Louis Wolfson, caso clínico de Deleuze.

Partindo desta indicação

“[...] – Ora, se se visa Wolfson, *o caso Wolfson*, é certo que seu procedimento pode [...]”.

“[...] Or, si l'on envisage Wolfson, le cas Wolfson, il est certain que son procédé peut [...]” (DELEUZE, 1970).

Sobre como Deleuze (1970) leu o livro de Louis Wolfson e dessa leitura extraiu um Saber novo que resultaram em outros conceitos.

a) o procedimento de Wolfson: é uma maquininha de transformações literais (literais por que elas são sonoras. V e B, vaca em espanhol).

b) o procedimento de Deleuze (1970): maquininha de desmontagem, decomposição e Análise dos cálculos de letras de Wolfson.

Le procédé linguistique de Louis Wolfson [O procedimento lingüístico de Louis Wolfson]

– Ressemblance avec le “procédé” de Raymond Roussel [“Similaridade com o “procedimento” de Raymond Roussel”] – En quoi un document n'est ni œuvre d'art ni œuvre scientifique [“Em que um documento não é nem obra de arte nem obra científica”] – L'écart pathogène et la totalité non-légitime [A diferença patógena e a totalidade não-legítima] – L'impersonnel, le conditionnel et les disjonctions schizophréniques [O impessoal, o condicional e as disjunções esquizofrênicas] – L'équivalence mots-nourritures [A equivalência palavras-alimentação] – Inversion, écart pathogène et mère: logique de l'objet partiel [Inversão, diferença patógena e mãe] – Transformation, totalité non-légitime et père: logique de l'objet complet [Transformação, totalidade não-legítima e pai: lógica do objeto completo] – Schizophrénie, langage et sexualité. [Esquizofrenia, linguagem e sexualidade].

REFERÊNCIAS

- 1 BIRMAN, J. Os signos e seus excessos: a clínica em Deleuze. In: ALLIEZ, E. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, p. 463-478.
- 2 BLEULER, E. Dementia præcox or the group of schizophrenias. New York: International Universities Press, 1950.
- 3 COOPER, David. A morte da família. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- 4 DELEUZE, G. Lógica do sentido. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- 5 DELEUZE, G. Schizologie (Prefácio). In: WOLFSON, W. Le schizo et les langues. Paris: Gallimard, 1970. p. 5-23.
- 6 DELEUZE, G. Les Cours Gilles Deleuze. 1971. Disponível em: <www.webdeleuze.com>. Acesso em: 12 out. 2008.
- 7 DELEUZE, G., Schizophrénie et société. Encyclopædia Universalis, Paris, v. 14, p. 733-735, 1975.
- 8 DELEUZE, G. Signos e acontecimentos. Magazine Littéraire, n. 257, set. 1988.
- 9 DELEUZE, G. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997.
- 10 DELEUZE, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- 11 DELEUZE, G. Claro, Deleuze pode se permitir a ironia com o nome de seu co-autor “Pierre” (Pedra) “Félix” (Feliz), potência esquizofrênica. In: GUATTARI, F. Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2004. p. 7-19.
- 12 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- 13 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.
- 14 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Indisciplinado saberes. In: RODRIGUES, H. B. C.; ALTOÉ, S. (Org.). Análise institucional. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 115-164.
- 15 ESCOBAR, C. H. de (Org.). Dossier Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991.
- 16 EY, H. et al. Tratado de psiquiatria. 8 ed. Barcelona: Toray-Masson, 1978.
- 17 FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. II.

- 18 FREUD, S. O inconsciente. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- 19 FREUD, S. O sentido do sintoma. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVI.
- 20 FREUD, S. O caso Schreber. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XI.
- 21 FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- 22 FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. VII.
- 23 GUATTARI, F. Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2004.
- 24 KASTRUP, V., O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2007.
- 25 LAING, R. D. Razão e violência: uma década da filosofia de sartre (1950-1960). Petrópolis: Vozes, 1982.
- 26 LAPLANCE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Rio de Janeiro, 2001.
- 27 LEWIS, N. D. C. Prefácio. *The Psychoanalytic Quarterly*, New York, n. 21, p. 7-8, 1952.
- 28 LOEWENBERG, P. The creation of a scientific community: the Burghölzli, 1902-1914. In: _____. *Fantasy and reality in history*. New York: Oxford University Press, 1995. p. 46-89.
- 29 PRADO JUNIOR, B. Entrevista a Cássio S. Carlos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 jun. 1996. p. 15.
- 30 PRÓLOGO. In: HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- 31 PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Folio Essais, 1987.
- 32 RISTAT, Jean. Entretien avec Gilles Deleuze (France-Culture, 2 juillet 1970). Disponível em: <www.humanite.fr/2006-02-28_Cultures_Jean-Ristat-entretien-avec-Gilles-Deleuze-France-Culture-2>. Acesso em: 12 out. 2008.
- 33 RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Análise institucional francesa e transformação social: o tempo (e contratempo) das intervenções. *Saúde & Loucura*, São Paulo, n. 8, p. 115-164, 2004.
- 34 ROLNIK, S.; ALIEZ, E. (Org.) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

- 35 ROSEN, John R. Dementia Praecox ou o grupo das esquizofrenias. *The Psychoanalytic Quartely*, New York, n. 21, p. 420-423, 1952.
- 36 ROUDINESCO, E. *Histoire de la Psychanalyse en France 2 (1925-1985): la bataille de cent ans*, III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- 37 ROUDINESCO, E. *Vocabulário da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- 38 SCHARFETTER, C. **Eugen Bleuler's schizophrenias: synthesis of various concepts**. *Schweiz Arch Neurol. Psychiatr*, n. 152, p. 34-37, 2001.
- 39 SPINOZA, B. *Ethica*. Paris: Ernest Flammarion, [1908]. Parte v.: De potentia intellectus seu de libertate humana.
- 40 WOLFSON, L., *Le schizo et les langues*. Paris: Gallimard, 1970.
- 41 ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: Une philosophie de l'événement**. Paris: PUF, 1997.
- 42 ZOURABICHVILI, François. *Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – TEXTO: ESQUIZOFRENIA E SOCIEDADE

DELEUZE, Gilles, Schizophrénie et société. Encyclopædia Universalis, v. 14, p.733-735, 1975. Revisão de tradução: Marilza Agostini, D.E.A., Université Catholique de Louvain, Belgique.

Schizophrénie et positivité du désir

Par la rencontre de leurs discours respectifs sur la folie, sur l'inconscient, sur l'existence, le psychiatre, le psychanalyste et le philosophe semblaient naguère, et par moments au moins, devoir parvenir à un accord dont le paradigme eût été symboliquement figuré par le triple exemple de Bleuler cherchant, en réaction contre Kraepelin, une compréhension plus structurelle de la nosographie des psychoses; de Freud faisant du délire une tentative positive pour restaurer une scène commune avec autrui et avec le monde ou mettant le délire au compte du réel lui-même; de la phénoménologie, enfin, comme effort pour comprendre le sens existentiel de la folie jusqu'à voir dans l'activité délirante «une limitation ou une rupture de l'autisme» (A. De Waelhens, *La Psychose*, 1972).

En réfléchissant sur la folie, que l'histoire de la société et celle de l'insensé font apparaître comme une possibilité intrinsèque de l'existence humaine, le philosophe s'est trouvé, en effet, confronté avec le problème du statut de la raison par rapport à la psychose, aux symptômes névrotiques, à l'inconscient, qui ont leur *vérité*, à la fois tragique, dynamique et prophétique.

Mais, dépassant la simple perspective phénoménologique du «comprendre», rejoignant ici ou là les thèmes de l'antipsychiatrie, prenant enfin de flanc la psychanalyse elle-même, le discours philosophique, quitte à rendre désormais impossible sa cantate avec les deux autres, donne aujourd'hui à la schizophrénie une signification qui intéresse directement le champ social et politique.

Esquizofrenia e positividade do desejo Sobre Discursos

Pelo encontro de seus respectivos discursos sobre a loucura, sobre o inconsciente, sobre a existência, o psiquiatra, o psicanalista e o filósofo pareciam recentemente, e ao menos por momentos, dever chegar a um acordo cujo paradigma teria sido simbolicamente figurado pelo tríplice exemplo de Bleuler, que, em reação contra Kraepelin,

busca uma compreensão mais estrutural da nosografia das psicoses; de Freud, que faz do delírio uma tentativa positiva para restaurar uma cena comum com outrem e com o mundo, ou colocando o delírio na conta do próprio real; a fenomenologia, enfim, como um esforço para compreender o sentido existencial da loucura, até ver na atividade delirante “uma limitação ou uma ruptura do autismo” (A. De Waelhens, *La Psychose*, 1972).

Sobre verdade

Refletindo sobre a loucura, que a história da sociedade e a do insensato faz aparecer como uma possibilidade intrínseca da existência humana, o filósofo se encontrou confrontado, com efeito, com o problema do estatuto da razão em relação à psicose, aos sintomas neuróticos, ao inconsciente, que tem sua verdade, ao mesmo tempo trágica, dinâmica e profética.

Mas, ultrapassando a simples perspectiva fenomenológica do “compreender”, reencontrando aqui e ali os temas da antipsiquiatria, enfim, tomando lateralmente a própria psicanálise, o discurso filosófico, sob risco de doravante tornar impossível sua cantata com os dois outros, dá hoje à esquizofrenia uma significação que interessa diretamente o campo social e político.

Il faut pour l'heure accueillir dans sa teneur brute cette théorie du désir et se contenter, sans trop chercher à savoir ce qu'elle doit à Marx, à Freud et à Nietzsche, d'esquisser les questions qu'elle pose à son tour.

Le thème de la machine, ce n'est pas que le schizophrène se vive comme une machine, globalement. Mais il se vit traversé de machines, dans des machines et des machines en lui, ou bien adjacent à des machines. Ce ne sont pas ses organes qui sont des machines qualifiées. Mais ses organes ne fonctionnent qu'à titre d'éléments quelconques de machines, de pièces en connexion avec d'autres pièces extérieures (un arbre, une étoile, une ampoule, un moteur). Les organes connectés à des sources, branchés sur des flux entrent eux-mêmes dans des machines complexes. Il ne s'agit pas de mécanisme, mais de toute une machinerie très disparate. Avec le schizophrène, l'inconscient apparaît pour ce qu'il est: une usine. Bruno Bettelheim fait le tableau du petit Joey, l'enfant-machine qui ne vit, ne mange, ne défèque, ne respire ou ne dort qu'en se branchant sur des moteurs, des carburateurs, des volants, des lampes et des circuits réels, factices ou même imaginaires: «Il devait établir ces raccordements électriques imaginaires avant de pouvoir manger, car seul le courant faisait fonctionner son appareil digestif. Il exécutait ce rituel avec une telle dextérité qu'on devait regarder à deux fois pour s'assurer qu'il n'y avait ni fil ni prise...» (*La Forteresse vide*). Même la promenade ou le voyage schizophrénique forme un circuit le long duquel le schizophrène ne cesse de fuir, suivant des lignes machiniques. Même les énoncés du schizophrène apparaissent, non plus comme des combinaisons de signes, mais comme le produit d'agencements de machines. *Connect-I-Cut!* crie le petit Joey.

Teoria do desejo

É necessário por hora acolher em seu teor bruto esta teoria do desejo e se contentar sem procurar muito saber o que ela deve a Marx, a Freud e a Nietzsche, de esboçar as questões que por sua vez ela coloca.

Máquinas complexas, e não mecanismos

O tema da máquina não é que globalmente o esquizofrênico viva como uma máquina. Mas ele se vive atravessado por máquinas, dentro das máquinas e por máquinas nele, ou adjacente à máquinas. Não são seus órgãos que são máquinas qualificadas. Mas seus órgãos funcionam apenas a título de elementos quaisquer de máquinas, de peças em conexão com outras peças exteriores (uma árvore, uma estrela, uma ampola, um motor). Os órgãos conectados a fontes, ligados a fluxos entram eles próprios nas máquinas complexas. Não se trata de mecanismo, mais de toda uma maquinaria muito disparatada.

Usina: inconsciente e maquinaria

Com o esquizofrênico, o inconsciente aparece pelo que ele é: uma fábrica. Bruno Bettelheim fez o quadro do pequeno Joey, a criança-máquina que não vê, não come, não defeca, não respira ou não dorme a não ser ligando-se em motores, carburadores, volantes, lâmpadas e circuitos reais, **factícios ou mesmo imaginários**: “Ele devia estabelecer suas ligações elétricas imaginárias antes de poder comer, pois só a corrente elétrica fazia funcionar seu aparelho digestivo. Ele executava esse ritual com tal destreza que era preciso olhar duas vezes para se assegurar que ele não tinha **nem fio nem tomada...**” (*La Forteresse vide*). Mesmo o passeio ou a viagem esquizofrênica forma um circuito ao longo do qual o esquizofrênico não cessa de fugir seguindo linhas maquinicas. Mesmo os enunciados do esquizofrênico aparecem não tanto como combinações de signos, mas como o produto de agenciamentos de máquinas. *Connect-I-Cut!* grita o pequeno Joey.

Louis Wolfson explique la machine à langage qu'il a inventée (un doigt dans une oreille, un écouteur radio dans l'autre, un livre étranger dans la main, des grognements dans la gorge, etc.) pour fuir et faire fuir la langue maternelle anglaise, et pouvoir traduire chaque phrase en un mélange de sons et de mots qui lui ressemblent, mais empruntés à toutes sortes de langues étrangères à la fois.

Le caractère spécial des machines schizo-phréniques vient de ce qu'elles mettent en jeu des éléments tout à fait disparates, étrangers les uns aux autres. Ce sont des machines-agrégats. Et pourtant elles fonctionnent. Mais justement leur fonction est de faire fuir quelque chose et quelqu'un. On ne peut même pas dire que la machine schizo-phrénique est faite de pièces et d'éléments venus de différentes machines préexistantes. À la limite, le schizo-phrène fait une machine fonctionnelle avec des éléments derniers, qui n'ont plus rien à voir avec leur contexte, et qui vont entrer en rapport les uns avec les autres *à force de ne pas avoir de rapport*: comme si la distinction réelle, la disparité des différentes pièces devenait une raison pour les mettre ensemble, les faire fonctionner ensemble, conformément à ce que les chimistes appellent des liaisons non localisables.

Le psychanalyste Serge Leclair dit qu'on n'a pas atteint les éléments ultimes de l'inconscient tant qu'on n'a pas rencontré de pures singularités, soudées ou collées ensemble «précisément par l'absence de lien», termes disparates irréductibles qui ne sont joints que par une liaison non localisable comme «force même du désir» («La Réalité du désir», in *Sexualité humaine*).

Ce qui implique une remise en question de tous les pré-supposés psychanalytiques sur l'association des idées, les relations et les

Invenção de Louis Wolfson

Louis Wolfson explica a máquina de linguagem inventada por ele (um dedo em uma orelha, um receptor de rádio dentro do outro, um livro estrangeiro na mão, grunhidos na garganta, etc.) para fugir e afastar a língua materna inglesa e poder traduzir cada frase em uma mistura de sons e de palavras que lhe assemelham, mas emprestadas ao mesmo tempo de todo tipo de línguas estrangeiras.

Elementos heterogêneos

A característica especial das máquinas esquizofrênicas vem de que elas colocam em jogo elementos completamente heterogêneos, estranhos uns aos outros. São máquinas-agregadas. E, no entanto elas funcionam. Mas justamente sua função é de afastar alguma coisa e alguém. Não se pode mesmo dizer que a máquina esquizofrênica é feita de peças e de elementos vindos de diferentes máquinas preexistentes. No limite, o esquizofrênico faz uma máquina funcional com os elementos últimos, que nada mais têm a ver com seu contexto e que vão entrar em relação uns com os outros à força de não ter relação: como se a distinção real, a disparidade de diferentes peças se tornasse uma razão para colocá-las em conjunto, fazê-las funcionar em conjunto, conforme o que os químicos chamam de ligações não localizáveis.

O que está em questão?

O psicanalista Serge Leclair diz que não se atingiu os elementos últimos do inconsciente, assim como não se encontrou puras singularidades, soldadas ou coladas em conjunto, “**precisamente pela ausência de vínculo**”, termos disparates irreduzíveis que só estão juntos por **uma ligação não localizável** como “a própria força do desejo” («La Réalité du désir», in *Sexualité humaine*).

A questão do inconsciente esquizofrênico

O que implica pôr em questão todos os pressupostos psicanalíticos sobre a associação das

structures. Tel est l'inconscient schizophrénique: celui des derniers éléments qui font machine à force d'être ultimes et réellement distincts.

Telles les séquences des personnages de Beckett: cailloux-poche-bouche; une chaussure-un fourneau de pipe-un petit paquet mou non déterminé-un couvercle de timbre de bicyclette-une moitié de béquille. Une machine infernale se prépare. Un film de Fields présente le héros en train d'exécuter une recette de cuisine d'après une émission de gymnastique: court-circuit entre deux machines, établissement d'une liaison non localisable entre éléments qui vont animer une machine explosive, une fuite généralisée, non-sens proprement schizophrénique.

Mais, dans la description nécessaire de la schizophrénie, il y a autre chose que les machines-organes avec leurs sources et leurs flux, leurs vrombissements, leurs détraquements. Il y a l'autre thème, celui d'un corps sans organes, qui serait privé d'organes, yeux bouchés, narines pincées, anus fermé, estomac ulcéré, larynx mangé, «pas de bouche, pas de langue, pas de dents, pas de larynx, pas d'œsophage, pas d'estomac, pas de ventre, pas d'anús» (Antonin Artaud, in *84*, 1948): rien qu'un corps plein comme une molécule géante ou **un œuf indifférencié. On a souvent décrit** cette stupeur catatonique où toutes les machines semblent arrêtées, et où le schizophrène se fige dans de longues attitudes rigides qu'il peut conserver des jours ou des années. Et ce ne sont pas seulement les périodes de temps qui distinguent les poussées dites processuelles et les moments de catatonie, c'est à chaque instant qu'une lutte semble se produire entre le fonctionnement exacerbé des machines et la stase catatonique du corps sans organes, comme entre deux pôles de la schizophrénie: l'angoisse spécifiquement

idéias, as relações e as estruturas. Tal é o inconsciente esquizofrênico: aquele dos últimos elementos que fazem máquina à força de ser últimos e realmente distintos.

Tais seqüências dos personagens de Beckett: pedregulho-bolso-boca; um sapato-um forno de cachimbo-um pequeno pacote mole não determinado-uma tampa de selo de bicicleta-uma metade de muleta. Um filme de Fields apresenta o herói executando uma receita de cozinha após um programa de ginástica: curto-circuito entre duas máquinas, estabelecimento de uma ligação não localizável entre elementos que vão animar uma máquina explosiva, uma fuga generalizada, non-sens propriamente esquizofrênico.

Corpo sem órgão de Artaud

Mas, na descrição necessária da esquizofrenia, há outra coisa além das máquinas-órgãos, com suas fontes e seus fluxos, seus roncos, seus desequilíbrios. Há outro tema, aquele de um corpo sem órgãos, que seria privado de órgãos, olhos obturados, narinas pinçadas, ânus fechado, **estômago ulcerado, laringe comida, "sem boca, sem língua, sem dentes, sem laringe, sem esôfago, sem estômago, sem ventre, sem ânus"** (Antonin Artaud, in *84*, 1948): nada além de um corpo pleno como uma molécula gigante ou um ovo indiferenciado. Descreveu-se com frequência este estupor catatônico em que todas as máquinas parecem paradas, e em que o esquizofrênico se fixa em longas atitudes rígidas que ele pode conservar por dias ou anos. E não são somente os períodos de tempos que distinguem as forças ditas processuais e os momentos de catatonie, é a cada instante que uma luta parece se produzir entre o funcionamento exacerbado das máquinas e a parada catatônica do corpo sem órgãos, como entre dois pólos da esquizofrenia: a angústia especificamente esquizofrênica traduz todos os aspectos dessa luta. Sempre uma excitação, um impulso desliza no seio do estupor catatônico, sempre também do estupor e de paradas rígidas no formigamento das máquinas, como se o corpo

schizophrénique traduit tous les aspects de cette lutte. Toujours une excitation, une impulsion se glissent au sein de la stupeur catatonique, toujours aussi de la stupeur et des stases rigides dans le fourmillement des machines, comme si le corps sans organes n'avait jamais fini de se rabattre sur les connexions machiniques, comme si les explosions d'organes-machines n'avaient jamais fini de se produire sur le corps sans organes.

On ne croira pas toutefois que le véritable ennemi du corps sans organes soit les organes eux-mêmes. L'ennemi, c'est l'organisme, c'est-à-dire l'organisation qui impose aux organes un régime de totalisation, de collaboration, de synergie, d'intégration, d'inhibition et de disjonction. En ce sens, oui, les organes sont bien l'ennemi du corps sans organes qui exerce sur eux une action répulsive et dénonce en eux des appareils de persécution. Mais aussi bien, le corps sans organes attire les organes, se les approprie et les fait fonctionner *dans un autre régime* que celui de l'organisme, dans des conditions où chaque organe est d'autant plus tout le corps qu'il s'exerce pour lui-même et inclut les fonctions des autres.

Les organes alors sont comme «miraculés» par le corps sans organes, suivant ce régime machinique qui ne se confond ni avec des mécanismes organiques ni avec l'organisation de l'organisme. Exemple: la bouche-anus-poumon de l'anorexique. Ou certains états schizoïdes provoqués par la drogue, tels que William Burroughs les décrit en fonction d'un corps sans organes: «L'organisme humain est d'une inefficacité scandaleuse. Au lieu d'une bouche et d'un anus qui risquent tous deux de se détraquer, pourquoi n'aurait-on pas un seul orifice polyvalent pour l'alimentation et la défécation? On pourrait murer la bouche et le nez, combler l'estomac et creuser un trou

sem órgãos nunca tivesse terminado de se contentar com as conexões maquinicas, como se as explosões de órgãos-máquinas não tivessem jamais terminado de produzir um corpo sem órgãos.

Porque o inimigo é o organismo?

Não se crerá, todavia, que o verdadeiro inimigo do corpo sem órgãos seja os próprios órgãos. O inimigo é o organismo, isto é, a organização que impõe aos órgãos um regime de totalização, de colaboração, de sinergia, de integração, de inibição e de disjunção. Neste sentido, sim, os órgãos são bem o inimigo do corpo sem órgãos, que exerce sobre eles uma ação repulsiva e denuncia neles aparelhos de perseguição. Mas por isso o corpo sem órgãos atrai os órgãos, apropria-se deles e os faz funcionar em outro regime que não aquele do organismo, em condições nas quais cada órgão é tanto mais todo o corpo quanto ele se exerce para si mesmo e inclui as funções dos outros.

Os órgãos então são como “miraculados” pelo corpo sem órgãos, seguindo esse regime *maquínico* [machinique] que não se confunde nem com os mecanismos orgânicos nem com a organização do organismo. Exemplo: a boca-ânus-pulmão do anoréxico. Ou certos estados esquizóides provocados pela droga, tais como William Burroughs os descreve em função do corpo sem órgãos: “O organismo humano é de uma ineficácia escandalosa. Ao invés de uma boca e de um ânus que arriscam todos os dois de desregular, porque não haveria um só orifício polivalente para a alimentação e a defecação? Poder-se-ia tapar a boca e o nariz, encher o estômago e cavar um buraco de aeração diretamente nos pulmões – é isso que deveria ter sido feito desde as origens.” (Le Festin nu). Artaud descreve a luta viva do corpo sem órgãos contra o organismo, e contra Deus, mestre dos organismos e da organização. O presidente Schreber descreve as alternâncias de repulsão e de

d'aération directement dans les poumons – ce qui aurait dû être fait dès l'origine» (*Le Festin nu*). Artaud décrit la lutte vivante du corps sans organes contre l'organisme, et contre Dieu, maître des organismes et de l'organisation. Le président Schreber décrit les alternances de répulsion et d'attraction, suivant que le corps sans organes répudie l'organisation des organes ou, au contraire, s'approprie les organes sous un régime anorganique.

C'est dire que les deux pôles de la schizophrénie (catatonie du corps sans organes, exerce anorganique des machines-organes) ne sont jamais séparés, mais engendrent à eux deux des formes où tantôt la répulsion l'emporte, tantôt l'attraction: forme paranoïde, et forme miraculante ou fantastique de la schizophrénie. Si l'on considère le corps sans organes comme un œuf plein, il faut dire que, *sous* l'organisation qu'il prendra, **qu'il développera, l'œuf ne se présente pas** comme un milieu indifférencié: il est traversé d'axes et de gradients, de pôles et de potentiels, de seuils et de zones destinées à produire plus tard telle ou telle partie organique, mais dont le seul agencement est **pour le moment intensif. Comme si l'œuf** était parcouru d'un flux d'intensité variable. C'est bien en ce sens que le corps sans organes ignore et répudie l'organisme, c'est-à-dire l'organisation des organes en extension, mais forme une matrice intensive qui s'approprie tous les organes en intensité. On dirait que les proportions d'attraction et de répulsion sur le corps sans organes schizophréniques produisent autant d'états intensifs par lesquels passe le schizophrène. Le voyage schizophrénique peut être immobile ; et, même en mouvement, il se fait sur le corps sans organes, en intensité. Le corps sans organes est l'intensité égale à zéro, enveloppée dans toute production de quantités intensives, et à partir de laquelle

atração, conforme o corpo sem órgãos repudia a organização dos órgãos ou, ao contrário, se apropria dos órgãos sob um regime anorgânico.

Distinções não mais diagnósticas

Quer dizer que os dois pólos da esquizofrenia (catatonía do corpo sem órgãos, exercício anorgânico das máquinas-órgãos) jamais estão separados, mas engendram em ambos duas das formas em que ora a repulsão, ora a atração o **arrebata: forma paranoide, e forma “miraculante”** ou fantástica da esquizofrenia. Se considerarmos o corpo sem órgãos como um ovo pleno, é necessário dizer que, sob a organização que ele tomará, que ele desenvolverá, o ovo não se apresenta como um meio indiferenciado: ele é atravessado por eixos e gradientes, por pólos e potenciais, por umbrais e zonas destinadas a produzir mais tarde tal ou tal parte orgânica, mas da qual o único agenciamento é pelo momento intensivo. Como se o ovo estivesse percorrido de um fluxo de intensidade variável. É bem nesse sentido que o corpo sem órgãos ignora e repudia o organismo, quer dizer, a organização dos órgãos em extensão, mas forma uma matriz intensiva que se apropria de todos os órgãos em intensidade.

Dir-se-ia que as proporções de atração e de repulsão sobre o corpo sem órgãos esquizofrênicos produzem tantos estados intensivos pelos quais passa o esquizofrênico. A viagem esquizofrênica pode ser imóvel; e mesmo em movimento ela se faz sobre o corpo sem órgãos, em intensidade. O corpo sem órgãos tem intensidade igual a zero, envolvido em toda a produção de quantidades intensivas, e a partir da qual essas intensidades são efetivamente produzidas como o que vai preencher o espaço a tal ou tal grau. As máquinas-órgãos são, portanto, como as potências diretas do corpo sem órgãos. O corpo

ces intensités sont effectivement produites comme ce qui va remplir l'espace à tel ou tel degré. Les machines-organes sont donc comme les puissances directes du corps sans organes. Le corps sans organes est la pure matière intensive, ou le moteur immobile, dont les machines-organes vont constituer les pièces travailleuses et les puissances propres. Et c'est bien ce que montre le délire schizophrénique: sous les hallucinations des sens, sous le délire même de la pensée, il y a quelque chose de plus profond, un sentiment d'intensité, c'est-à-dire un devenir ou un passage. Un gradient est franchi, un seuil dépassé ou rétrogradé, une migration s'opère: *je sens* que je deviens femme, *je sens* que je deviens dieu, que je deviens voyant, que je deviens pure matière... Le délire schizophrénique ne peut être atteint qu'au niveau de ce « je sens », qui enregistre à chaque instant le rapport en intensité du corps sans organes et des organes-machines.

C'est pourquoi nous croyons que la pharmacologie au sens le plus général a une extrême importance dans les recherches théoriques et pratiques sur la schizophrénie. L'étude du métabolisme des schizophrènes ouvre un vaste champ de recherche auquel participe la biologie moléculaire. Toute une chimie intensive et vécue semble capable de dépasser les dualités traditionnelles entre l'organique et le psychique, dans deux directions au moins: l'expérimentation des états schizoïdes induits par la mescaline, la bulbo-capnina, le L.S.D., etc.; la tentative thérapeutique de calmer l'angoisse du schizophrène, et pourtant de rompre la cuirasse catatonique pour faire repartir, remettre en mouvement les machines schizophréniques (emploi de «neuroleptiques incisifs», ou même de L.S.D.).

Le problème est à la fois celui de l'extension indéterminée de la schizophrénie et celui de

sem órgãos é a pura matéria intensiva, ou o motor imóvel, dos quais as máquinas-órgãos vão constituir as peças trabalhadoras e as potências próprias. E é bem isso que mostra o delírio esquizofrênico: sob as alucinações dos sentidos, sob o delírio mesmo do pensamento, há alguma coisa mais profunda, um sentimento de intensidade, isto é, um devir ou uma passagem.

Em direção ao “Eu sinto”

Um gradiente ‘é ultrapassado, um umbral é atravessado ou retroagido, uma migração se opera: eu sinto que eu me torno mulher, eu sinto que eu me torno deus, que eu me torno vidente, que eu me torno pura matéria... O delírio esquizofrênico não pode se atingido senão no nível desse “eu sinto”, que registra a cada instante a relação em intensidade do corpo sem órgãos e dos órgãos-máquinas.

Importância da Química: os fármacos

Por isso cremos que no sentido mais geral a farmacologia tem uma extrema importância nas pesquisas teóricas e práticas sobre a esquizofrenia. O estudo do metabolismo dos esquizofrênicos abre um vasto campo de pesquisa do qual participa a biologia molecular. Toda uma química intensiva e vivida parece ser capaz de ultrapassar as dualidades tradicionais entre o orgânico e o psíquico, pelo menos em duas direções: a experimentação de estados esquizóides induzidos pela mescalina, a bulbo-capnina, o L.S.D., etc; a tentativa terapêutica de acalmar a angústia do esquizofrênico, e todavia de romper a couraça catatônica para fazer dividir, recolocar em movimento as máquinas esquizofrênicas (emprego de “neurolépticos incisivos”, ou mesmo de L.S.D.).

Síndrome discordante, em toda parte, sempre em fuga sobre si mesma

O problema é ao mesmo tempo o da extensão indeterminada da esquizofrenia e o da natureza

la nature des symptômes qui en constituent l'ensemble. Car c'est en vertu de leur nature même que ces symptômes apparaissent émiettés, difficiles à totaliser, à unifier dans une entité cohérente et bien localisable: partout un syndrome discordant, toujours en fuite sur lui-même. E. Kraepelin avait formé son concept de démence précoce en fonction de deux pôles principaux: l'hébéphrénie comme psychose postpubertaire avec ses phénomènes de désagrégation, et la catatonie comme forme de stupeur avec ses troubles de l'activité musculaire. Quand E. Bleuler invente en 1911 le terme de schizophrénie, il insiste sur une fragmentation ou dislocation fonctionnelle des associations, qui fait de l'absence de lien le trouble essentiel. Mais ces associations fragmentées sont aussi l'envers d'une dissociation de la personne et d'une scission avec la réalité qui donnent une sorte de prépondérance ou d'autonomie à une vie intérieure rigide et fermée sur elle-même (l'«autisme», que Bleuler souligne de plus en plus: «Je dirais presque que le trouble primitif s'étend surtout à la vie des instincts»). Il semble qu'en fonction de l'état actuel de la psychiatrie la détermination d'une unité compréhensive de la schizophrénie n'ait pu être cherchée dans l'ordre des causes ni des symptômes, mais seulement dans le tout d'une personnalité troublée que chaque symptôme exprime à sa manière

Ou mieux encore, selon E. Minkowski et surtout L. Binswanger, dans les formes psychotiques de l'«être-dans-le-monde», de sa spatialisation et de sa temporalisation («saut», «tourbillon», «ratatinement», «marécagisation»). Ou bien dans l'image du corps, suivant les conceptions de Gisela Pankow, qui utilise une méthode pratique de restructuration spatiale et temporelle pour conjurer les phénomènes de dissociation schizophréniques et les rendre

dos sintomas que dela constituem o conjunto. Porque é em virtude de sua natureza mesma que esses sintomas aparecem dispersos, difíceis de totalizar, unificar em uma entidade coerente e bem localizável: uma síndrome discordante, em toda parte, sempre em fuga sobre si mesma. Emil. Kraepelin tinha formado seu conceito de demência precoce em função de dois pólos principais: a hebefrenia como psicose pós-pubertária, e a catatonía, como forma de estupor com seus distúrbios da atividade muscular. Quando E. Bleuler inventa em 1911 o termo esquizofrenia, ele insiste sobre uma fragmentação ou deslocamento funcional das associações, que faz da ausência de laço a perturbação essencial. Mas essas associações fragmentadas são também o inverso de uma dissociação da pessoa e de uma cisão com a realidade, que dão uma espécie de preponderância ou autonomia a uma vida interior rígida e fechada sobre si mesma (o “autismo”, que cada vez mais Bleuler sublinha: “Eu quase diria que o transtorno primitivo se estende, sobretudo, à vida dos instintos”). Em função do estado atual da psiquiatria, parece que a determinação de uma unidade compreensiva da esquizofrenia não tenha podido ser buscada na ordem das causas nem dos sintomas, mas somente no todo de uma personalidade perturbada que cada sintoma exprime à sua maneira.

Ou melhor, ainda, segundo E. Minkowski e, sobretudo L. Binswanger, nas formas psicóticas do “ser-no-mundo”, de sua espacialização e de sua temporalização (“salto”, “turbilhão”, “encolhimento”, “pantanização” [marécagisation]). Ou então na imagem do corpo, seguindo as concepções de Gisela Pankow, que utiliza um método prático de reestruturação espacial e temporal para conjurar os fenômenos de dissociação esquizofrênica e torná-los acessíveis à psicanálise (restaurar as zonas de destruição na imagem do corpo e encontrar um acesso à **estrutura familiar**”).

accessibles à la psychanalyse («réparer les zones de destruction dans l'image du corps et trouver un accès à la structure familiale»). Toutefois, la difficulté est de rendre compte de la schizophrénie dans sa positivité même, et comme positivité, sans la réduire aux caractères de déficit ou de destruction qu'elle engendre dans la personne, ni aux lacunes et dissociations qu'elle fait apparaître dans une structure supposée. On ne peut pas dire que la psychanalyse nous sorte d'un point de vue négatif. C'est qu'elle a avec la psychose un rapport essentiellement ambigu. D'une part, elle sent bien que tout son matériel clinique lui vient de la psychose (c'est déjà vrai de l'école de Zurich pour Freud, c'est encore vrai pour Melanie Klein et pour Jacques Lacan: toutefois, la psychanalyse est sollicitée par la paranoïa plus que par la schizophrénie). D'autre part, la méthode psychanalytique, entièrement taillée sur les phénomènes de névrose, éprouve les plus grandes difficultés à trouver pour son compte un accès aux psychoses (ne serait-ce qu'en vertu de la dislocation des associations). Freud proposait entre névrose et psychose une distinction simple, d'après laquelle le principe de réalité est sauvé dans la névrose au prix d'un refoulement du « complexe », tandis que, dans la psychose, le complexe apparaît dans la conscience au prix d'une destruction de réalité qui vient de ce que la libido se détourne du monde extérieur.

Les recherches de Lacan fondent la distinction du refoulement névrotique, qui porte sur le « signifié », et de la forclusion psychotique, qui s'exerce dans l'ordre symbolique lui-même au niveau originel du « signifiant », sorte de trou dans la structure, place vide qui fait que ce qui est forclus dans le symbolique va réapparaître dans le réel sous forme hallucinatoire. Le schizophrène apparaît alors comme celui

A falha histórica: esquizofrenia versus paranóia

Entretanto, a dificuldade é de dar conta da esquizofrenia em sua positividade mesma, e como positividade, sem reduzi-la aos caracteres de déficit ou de destruição que ela engendra na pessoa, nem às lacunas e dissociações que ela faz aparecer em uma estrutura suposta. Não se pode dizer que a psicanálise nos retira de um ponto de vista negativo. É que ela tem com a psicose uma relação essencialmente ambígua. Por um lado, ela percebe que todo material clínico lhe vem da psicose (é já verdadeiro da escola de Zurich para Freud, é ainda verdadeiro para Melanie Klein e para Jacques Lacan: contudo, a psicanálise é solicitada mais pela paranóia do que pela esquizofrenia). Por outro lado, o método psicanalítico, inteiramente talhado sobre os fenômenos da neurose, experimenta as maiores dificuldades para encontrar por sua conta um acesso às psicoses (não seria senão em virtude do deslocamento das associações). Freud propunha entre neurose e psicose uma distinção simples, segundo a qual o princípio de realidade fica salvo na neurose ao custo de um recalçamento do “complexo”, enquanto que na psicose o complexo aparece na consciência ao custo de uma destruição da realidade que vem de que a libido se desvia do mundo exterior.

As pesquisas de Lacan fundam a distinção do recalçamento neurótico, que se apóia no “significado”, e na forclusão psicótica, que se exerce na própria ordem simbólica no nível original do “significante”, espécie de buraco na estrutura, lugar vazio que faz com que o que é forcluído no simbólico reapareça no real sob a forma alucinatoria. O esquizofrênico aparece então como aquele que não pode mais reconhecer ou apresentar seu próprio desejo. O ponto de vista negativo encontra-se reforçado na medida em que a psicanálise demanda: o que falta ao esquizofrênico para que o mecanismo psicanalítico “tome” para si?

qui ne peut plus *reconnaître* ou *poser* son propre désir. Le point de vue négatif se trouve renforcé dans la mesure où la psychanalyse demande: qu'est-ce qui manque au schizophrène pour que le mécanisme psychanalytique «prenne» sur lui?

Se peut-il que ce qui manque au schizophrène soit **quelque chose en Œdipe**? Une défiguration du rôle maternel jointe à une annihilation du père, dès le plus jeune âge, toutes deux expliquant l'existence **d'une lacune dans la structure œdipienne**? À la suite de Lacan, Maud Mannoni invoque «une forclusion initiale du signifiant du père», telle que «les personnages œdipiens sont en place, mais, dans le jeu des permutations qui s'effectue, il y a comme une place vide. Cette place demeure énigmatique, ouverte à l'angoisse que suscite le désir» (*Le Psychiatre, son fou et la psychanalyse*). Toutefois, il n'est pas sûr qu'une structure malgré tout familiale soit une bonne unité de mesure de la schizophrénie, même si l'on étend cette structure à trois générations en y enveloppant les grands-parents. La tentative d'étudier des familles «schizogènes», ou des mécanismes schizogènes dans la famille, semble un lieu commun de la psychiatrie traditionnelle, de la psychologie, de la psychanalyse et même de l'antipsychiatrie. Le caractère décevant de ces tentatives vient de ce que les mécanismes invoqués (par exemple, le *double bind* de G. Bateson, c'est-à-dire l'émission simultanée de deux ordres de messages dont l'un contredit l'autre: «Fais ceci, mais surtout ne le fais pas...») appartiennent effectivement à la banalité quotidienne de chaque famille, et ne nous font nullement pénétrer dans le mode de production d'un schizophrène. Même si l'on élève les coordonnées familiales à une puissance proprement symbolique en faisant du père une

O que falta?

Pode ser que isso que falta ao esquizofrênico seja alguma coisa no Édipo? Uma desfiguração do papel materno junto a uma aniquilação do pai, desde a mais jovem idade, todos os dois explicando a existência de uma lacuna na estrutura edipiana? Na seqüência de Lacan, Maud Mannoni invoca “uma forclusão inicial do significante do pai”, tal como são colocadas no lugar “as personagens edipianas, mas no jogo das permutações que se efetua há uma espécie de lugar vazio. Este lugar permanece enigmático, aberto à angústia que suscita o desejo” (*Le Psychiatre, son fou et la psychanalyse*). Entretanto, não é seguro que uma estrutura apesar de familiar seja uma boa unidade de medida da esquizofrenia, mesmo se estendemos esta estrutura a três gerações, incluindo os avós. A tentativa de estudar as famílias “esquizógenas”, ou os mecanismos “esquizógenos” na família, parece um lugar comum da psiquiatria tradicional, da psicologia, da psicanálise e mesmo da antipsiquiatria. O caráter decepcionante dessas tentativas vem de que os mecanismos invocados (por exemplo, o *double bind* de G. Bateson, isto é, a emissão simultânea de duas ordens de mensagens das quais uma contradiz a outra: “Faz isso, mas sobretudo não o faça...” pertence efetivamente à banalidade cotidiana de cada família, e de maneira nenhuma nos fazem penetrar no modo de produção de um esquizofrênico. Mesmo se elevamos as coordenadas familiares a uma potência propriamente simbólica, fazendo do pai uma metáfora, ou do nome-do-pai, um significante coextensivo à linguagem, não parece que se saia de um discurso estreitamente familiar em função do qual o esquizofrênico se define negativamente pela suposta forclusão do significante.

métaphore, ou du nom-du-père un signifiant coexistensif au langage, il ne semble pas qu'on sorte d'un discours étroitement familial en fonction duquel le schizophrène se définit négativement, par la forclusion supposée du signifiant.

C'est curieux, comme l'on ramène le schizophrène à des problèmes qui ne sont pas les siens, de toute évidence: père, mère, loi, signifiant; le schizophrène est ailleurs, et ce n'est certes pas une raison pour conclure qu'il manque de ce qui ne le concerne pas. Sur ce point Beckett et Artaud ont tout dit: résignons-nous à l'idée que certains artistes ou écrivains ont eu sur la schizophrénie plus de révélations que les psychiatres et les psychanalystes. C'est la même erreur, finalement, qui fait définir la schizophrénie en termes négatifs ou de manque (dissociation, perte de réalité, autismo, forclusion) et qui mesure la schizophrénie à une structure familiale dans laquelle ce manque est repéré. En fait, le phénomène du délire n'est jamais la reproduction même imaginaire d'une histoire familiale autour d'un manque. C'est au contraire un trop-plein de l'histoire, une vaste dérive de l'histoire universelle. Ce que le délire brasse, ce sont les races, les civilisations, les cultures, les continents, les royaumes, les pouvoirs, les guerres, les classes et les révolutions.

C'est pourquoi nous avons tenté de décrire la schizophrénie en termes positifs. Dissociation, autismo, perte de réalité sont des termes commodes avant tout pour ne pas écouter les schizophrènes. Dissociation est un mauvais mot pour désigner l'état des éléments qui entrent dans ces machines spéciales, les machines schizophrènes positivement déterminables – nous avons vu à cet égard le rôle machinique de l'absence de lien. «Autismo» est un très mauvais mot pour désigner le corps sans organes, et tout ce qui se passe sur lui, qui

É curioso como conduzimos o esquizofrênico a problemas que não são os seus, com toda evidência: pai, mãe, lei, significante; o esquizofrênico está algures, e não é certamente uma razão para concluir que lhe falta o que não o concerne. Sobre esse ponto Beckett e Artaud teriam dito tudo: resignamo-nos à ideia que certos artistas ou escritores tiveram sobre a esquizofrenia mais revelações que os psiquiatras e os psicanalistas. É o mesmo erro, enfim, que faz definir a esquizofrenia em termos negativos ou de falta (dissociação, perda da realidade, autismo, forclusão) e que mensura a esquizofrenia por uma estrutura familiar na qual essa falta é reconhecida. De fato, o fenômeno do delírio não é jamais a reprodução mesmo imaginária de uma história familiar em torno de uma falta. É, ao contrário, um transbordamento da história, uma vasta deriva da história universal. Isso que o delírio fabrica, são as raças, as civilizações, as culturas, os continentes, os reinos, os poderes, as guerras, as classes e as revoluções.

É porque nós tentamos descrever a esquizofrenia em termos positivos. Dissociação, autismo, perda da realidade são termos cômodos antes de tudo para não escutar os esquizofrênicos. Dissociação é uma palavra ruim para designar o estado dos elementos que entram nessas máquinas especiais, as máquinas esquizofrênicas positivamente determináveis – temos visto em relação a isto o papel maquínico da ausência de vínculo. **“Autismo” é uma palavra ruim para designar o corpo sem órgãos, e tudo que nele se passa, que nada tem a ver com uma vida interior cortada da realidade. Perda de realidade, como dizer isso de alguém que vive próximo do real a um ponto insuportável (“esta emoção que devolve ao espírito o som perturbador da matéria”, escreve Artaud no *Le Pèse-Nerfs*)?** Ao invés de compreender a esquizofrenia em função das destruições que ela introduz na pessoa, ou dos buracos e lacunas que ela faz aparecer na estrutura, é necessário compreendê-la como processo. Quando Kraepelin tentava fundar seu conceito de demência precoce, ele não o definia

n'a rien à voir avec une vie intérieure coupée de la réalité. Perte de réalité, comment dire cela de quelqu'un qui vit proche du réel à un point insupportable («cette émotion qui rend à l'esprit le son bouleversant de la matière», écrit Artaud dans *Le Pèse-Nerfs*)? Au lieu de comprendre la schizophrénie en fonction des destructions qu'elle introduit dans la personne, ou des trous et lacunes qu'elle fait apparaître dans la structure, il faut la saisir comme *processus*. Lorsque Kraepelin tentait de fonder son concept de démence précoce, il ne le définissait ni par des causes ni par des symptômes, mais par un processus, par une évolution et un état terminal. Seulement, cet état terminal, Kraepelin le concevait comme une désagrégation complète et définitive, justifiant l'enfermement du malade en attendant sa mort. C'est d'une tout autre façon que Karl Jaspers, puis aujourd'hui R. D. Laing comprennent la riche notion de processus: une rupture, une irruption, une percée qui brise la continuité d'une personnalité, l'entraînant dans une sorte de voyage à travers un «plus de réalité» intense et effrayant, suivant des lignes de fuite où s'engouffrent nature et histoire, organisme et esprit. C'est cela qui se joue entre les organes-machines schizophréniques, le corps sans organes et les flux d'intensité sur ce corps, opérant tout un branchement de machines et toute une dérive de l'histoire. Il est facile à cet égard de distinguer la paranoïa et la schizophrénie (même les formes dites paranoïdes de la schizophrénie): le «laissez-moi tranquille» du schizophrène et le «je ne vous laisserai pas tranquille» du paranoïaque; la combinatoire des signes dans la paranoïa, les agencements machiniques de la schizophrénie; les grands ensembles paranoïaques et les petites multiplicités schizophréniques; les grands plans

nem por causas nem por sintomas, mas por um processo, por uma evolução e um estado terminal. Kraepelin concebia este estado terminal apenas como uma desagregação completa e definitiva, justificando a internação do doente esperando sua morte. É de toda uma outra maneira que Karl Jaspers, em seguida, hoje, R.D. Laing compreendem a rica noção de processo: uma ruptura, uma irrupção, uma abertura que quebra a continuidade de uma personalidade, conduzindo-o em uma espécie de viagem através de um “mais de realidade” intensa e terrificante, seguindo linhas de fuga em que se precipitam natureza e história, organismo e espírito. É isso que se joga entre os órgãos-máquinas esquizofrênicas, o corpo sem órgãos e os fluxos de intensidade sobre os corpos, operando toda uma conexão de máquinas e toda uma deriva da história.

Em relação a isso, é fácil distinguir paranóia e esquizofrenia (mesmo as formas ditas paranoide da esquizofrenia): o “deixe-me tranquilo” do esquizofrênico e o “eu não o deixarei tranquilo” do paranóico; a combinatória dos signos na paranóia, os agenciamentos máqunicos da esquizofrenia; os grandes conjuntos paranoïcos e as pequenas multiplicidades esquizofrênicas; os grandes planos de integração reacional na paranóia e as linhas de fuga ativas na esquizofrenia. Se a esquizofrenia aparece como a doença da época atual, não é em função de generalidades referentes ao nosso modo de vida, mas por relação muito precisa de natureza econômica, social e política. Nossas sociedades não mais funcionam à base de códigos e de territorialidades, mas ao contrário sobre fundo de uma decodificação e de uma desterritorialização massiva. Contrariamente ao paranóico, cujo delírio consiste em restaurar os códigos, em reinventar as territorialidades, o esquizofrênico não cessa de ir mais longe no movimento de se decodificar a si-mesmo, de se desterritorializar (a abertura, a viagem ou o processo esquizofrênico). A esquizofrenia é como o limite de nossa sociedade, mas o limite sempre conjurado,

d'intégration réactionnelle dans la paranoïa et les lignes de fuite actives dans la schizophrénie. Si la schizophrénie apparaît comme la maladie de l'époque actuelle, ce n'est pas en fonction de généralités concernant notre mode de vie, mais par rapport à des mécanismes très précis de nature économique, sociale et politique. Nos sociétés ne fonctionnent plus à base de codes et de territorialités, mais au contraire sur fond d'un décodage et d'une déterritorialisation massive. Contrairement au paranoïaque dont le délire consiste à restaurer des codes, à réinventer des territorialités, le schizophrène ne cesse d'aller plus loin dans le mouvement de se décoder lui-même, de se déterritorialiser (la percée, le voyage ou le processus schizophrénique). Le schizophrène est comme la limite de notre société, mais la limite toujours conjurée, réprimée, abhorrée. Le problème de la schizophrénie est bien posé par Laing: comment faire pour que la percée (*breakthrough*) ne devienne pas effondrement (*breakdown*)? Comment faire pour que le corps sans organes ne se referme pas, imbécile et catatonique? Pour que l'état aigu triomphe de son angoisse, mais sans faire place à un état chronique abruti, et même à un état final d'effondrement généralisé, comme on le voit à l'hôpital? Il faut bien dire que les conditions de l'hôpital, non moins que les conditions familiales, sont peu satisfaisantes à cet égard; et les grands symptômes négatifs d'autisme, de perte de réalité, sont souvent des produits de la familiarisation comme de l'hospitalisation. Sera-t-il possible de conjuguer la puissance d'une chimie vécue et d'une analyse schizologique pour faire que le processus schizophrénique ne tourne pas dans son contraire, c'est-à-dire dans la production d'un schizophrène bon pour l'asile? Et dans quel type de groupe, dans quelle sorte de collectivité?

reprimido, execrado. O problema da esquizofrenia é bem colocado por Laing: como fazer para que a abertura (*breakthrough*) não se torne destruição (*breakdown*)? Como fazer para que o corpo sem órgãos não se feche, imbecil e catatônico? Para que o estado agudo triunfe sobre a sua angústia, mas sem dar lugar a um estado crônico aturdido, e mesmo a um estado final de destruição generalizada, como vemos no hospital? É necessário dizer que as condições do hospital, não menos que as condições familiares, são pouco satisfatórias nesse aspecto, e os grandes sintomas negativos do autismo, de perda de realidade, são frequentemente produtos da familiarização como da hospitalização. Seria possível conjugar a potência de uma química vivida e de uma análise sociológica para fazer com que o processo esquizofrênico não vire em seu contrário, isto é, na produção de um esquizofrênico bom para o asilo? E em qual tipo de grupo, em qual espécie de coletividade?

Gilles Deleuze

ANEXO B - PREFÁCIO DO LIVRO DE LOUIS WOLFSON

DELEUZE, Gilles. Prefácio. WOLFSON, Louis. O Esquizo e as línguas. Paris, Gallimard, 1970.¹

Le procédé linguistique de Louis Wolfson – Ressemblance avec le «procédé» de Raymond Roussel – En quoi un document n'est ni œuvre d'art ni œuvre scientifique – L'écart pathogène et la totalité non-légitime – L'impersonnel, le conditionnel et les disjonctions schizophréniques – L'équivalence mots-nourritures – Inversion, écart pathogène et mère: logique de l'objet partiel – Transformation, totalité non-légitime et père: logique de l'objet complet – Schizophrénie, langage et sexualité.

Deleuze faz a exposição sobre Louis Wolfson e seu trabalho.

L'auteur de ce livre s'intitule lui-même «l'étudiant de langues schizophrénique», «l'étudiant malade mentalement», «l'étudiant d'idiomes dément» ou, d'après son écriture réformée, «le jeune òme sqizofrène». Cet impersonnel schizophrénique a plusieurs sens, et n'indique pas seulement pour l'auteur le vide de son propre corps: il s'agit d'un combat, où le héros ne peut s'appréhender que sous une espèce anonyme analogue à celle du «jeune soldat». Il s'agit aussi d'une entreprise scientifique, où l'étudiant n'a plus d'autre identité que celle d'une combinaison phonétique ou moléculaire. Enfin il s'agit pour l'auteur, moins de raconter ce qu'il éprouve et pense, que de dire exactement ce qu'il fait. Et ce n'est pas la moindre originalité de ce livre d'être un protocole d'activité ou d'occupation, et non, comme d'habitude, l'exposé d'un délire ou l'expression d'affects.

Língua Inglesa, recusa da língua materna

L'auteur est américain, mais le livre est écrit en français, pour des raisons qui paraîtront tout de suite évidentes. Car ce que fait L'étudiant, c'est traduire suivant certaines règles. Son procédé scientifique est le suivant: un mot de la langue maternelle étant donné, trouver un mot étranger de sens similaire, mais aussi ayant des sons ou des phonèmes communs (de préférence en français, allemand, russe ou hébreu, les quatre langues principalement étudiées par l'auteur). Une phrase maternelle quelconque sera donc analysée dans ses éléments et mouvements phonétiques, pour être convertie le plus vite possible en une phrase d'une ou plusieurs langues étrangères à la fois, qui ne lui ressemble pas seulement en sens, mais en son. Le plus vite

¹ O este texto não contém subtítulos. Para maior clareza coloquei o que me pareceu mais adequado

possible... mais, comme la transformation peut faire intervenir plusieurs états intermédiaires, elle sera d'autant plus féconde qu'elle mettra en jeu des règles phonétiques générales applicables à d'autres transformations, couvrant ainsi le plus d'espace linguistique possible (même au prix de fautes de syntaxe ou d'inexactitudes de sens). Il va de soi que le problème concret réside dans les consonnes, celles-ci étant l'ossature du mot, tandis que les voyelles forment des «masses plastiques» à peu près indifférenciées.

O Procedimento de Louis Wolfson e o exercício de Fonética de Deleuze

Tel est le procédé général. Par exemple, la phrase *don't trip over the wire!* (ne trébuche pas sur le fil) devient tu'nicht (allemand) trébucher (français) über (allemand) èth hé (hébreu) zwirn (allemand). La traduction ici fait intervenir les transformations phonétiques générales de *d* en *t* (do-tu), de *p* en *h* (trip-treb), de *v* en *h* (over-über, comme dans have-haben, confirmé par l'espagnol où *v* se prononce comme *b*). Elle peut faire intervenir aussi des règles d'inversion: par exemple, le mot anglais *wire* n'étant pas encore suffisamment investi par l'allemand *zwirn*, on invoque le russe *проволока*, qui retourne «wir» en «riv» ou plutôt «rov». Mais pour avoir une idée plus complète des problèmes extrêmement délicats affrontés dans une transformation, considérons le mot *Believe* (croire), d'autant plus dangereux qu'il est fréquent en anglais: 1° le préfixe *Be-* ne fait pas de difficulté, et passe directement en allemand; le vrai problème est dans les consonnes /et *v* de «lieve»; 2° celles-ci se retrouvent dans un autre terme anglais, «leave» (à la fois «laisser» et «autorisation»); 3° mais convertir «leave» en «laisser», ou «lassen», ou même «verlassen» n'est pas satisfaisant, le *v* anglais subsistant comme fricative labio-dentale sonore; 4° dans une tout autre voie, une règle de transformation prescrit de faire précéder le /d'un *g* (luck-glück, like-gleich). D'où *be/ieve* devient *beg/au/ben*, avec une deuxième transformation de *v* en *b*; 5° ce qui permet de revenir à «leave» en le traduisant par *verlau/b* (autorisation); 6° ce qui laisse encore subsister l'écart linguistique entre les deux sens de «leave», autorisation et laisser, cet écart n'étant qu'imparfaitement comblé par l'introduction d'un nouveau terme anglais *let* et l'allemand *lassen*.

Dissociar as palavras

Pour vaincre toutes ces difficultés, le procédé général est amené à se perfectionner dans deux directions. D'une part, vers un *procédé amplifié*, fondé sur «l'idée de génie d'associer les mots plus librement les uns aux autres»: la conversion d'un mot anglais, par exemple *early* (tôt) pourra être cherchée dans les mots et locutions françaises associées à «tôt», et comportant les consonnes R ou L (suR-Le-champ, de bonne heuRe, matinaLement, diLigemment, dévoReR L'espace). Ou bien *tired* sera converti à la fois dans le français faTigué, exTénué, CouRbaTure, RenDu, l'allemand maTT, KapuTT, eRschöpfT, eRmüdeT... etc. – D'autre part, vers un *procédé évolué*: il ne s'agit plus cette fois d'analyser ou même d'abstraire certains éléments phonétiques du mot anglais, mais de le démembrer, de le dissoudre par morceaux, en multipliant les morceaux phonétiques autant que nécessaire. Ainsi parmi les termes fréquemment rencontrés sur les étiquettes des boîtes alimentaires, on trouve «vegetable oil», qui ne pose pas de grands problèmes, mais aussi «vegetable shortening» (graisse), qui reste irréductible à la méthode ordinaire: ce qui fait difficulté, c'est SH, R, T et N. Il faudra rendre le mot monstrueux et grotesque, faire résonner trois fois, détripler le son initial (shshshortening), pour bloquer le premier SH avec N (l'hébreu «chemenn»), le deuxième SH avec un équivalent de T (l'allemand «schmalz»), le troisième SH avec R (le russe «jir»).

Obra literária, obra de arte...

L'ensemble de ce procédé de l'étudiant en langues présente des analogies frappantes avec le célèbre «procédé», lui-même schizo-phrénique, du poète Raymond Roussel. Celui-ci opérait à l'intérieur de la langue maternelle, le français; aussi convertissait-il une phrase originaire en une autre, de sons et de phonèmes semblables, mais de sens tout à fait différent («les lettres du blanc sur les bandes du vieux billard» et «les lettres du blanc sur les bandes du vieux pillard»). Une première direction donnait le *procédé amplifié*, où des mots associés à la première série se prenaient en un autre sens associable à la seconde («queue de billard» et robe à traîne du pillard). Une seconde direction menait au procédé évolué, où la phrase originaire se trouvait elle-même disloquée («j'ai du bon tabac...» = «jade tube onde aubade...»).

...Nem existência estética

Toutefois une différence fondamentale apparaît aussitôt: le livre de Wolfson n'est pas du genre des œuvres littéraires ou œuvres d'art, et ne prétend pas l'être. Ce qui fait du procédé de Roussel l'instrument d'une œuvre d'art, c'est que l'écart de sens entre la phrase originale et sa conversion se trouve comblé par des histoires merveilleuses proliférantes, qui repoussent toujours plus loin le point de départ, le recouvrent et finissent par le cacher entièrement. De même des machines fantastiques, qui ont dans l'œuvre de Roussel un rôle semblable à celui des mots convertis, portent et reproduisent des événements purs, symboles valant pour eux-mêmes, détachés des accidents ou effectuations qui leur ont servi de prétexte (par exemple l'événement tissé par le «métier à aubes», ayant pour prétexte la profession où l'on se lève tôt). L'écart, la fêlure pathologique est donc comblée, même si l'événement symbolique qui la comble témoigne à son tour d'une «fêlure» ou d'un «accroc» déplacés, mais devenus ainsi créateurs ^[1] Il n'en est pas de même chez Wolfson: un écart, vécu comme pathogène, subsiste toujours entre le mot à convertir et les mots de conversion. Quand il traduit l'article *the* dans les deux termes hébreux *éth* et *hè*, il commente lui-même: le mot maternel est «fêlé par le cerveau également fêlé» de l'étudiant en langues. De même, dans l'exemple précédent, l'écart subsistant entre *lieve* et *leave*, puis entre les deux sens de *leave*. Les transformations linguistiques ne dégagent donc aucun événement pur idéal ayant une existence esthétique, mais restent entièrement subordonnées aux accidents dans lesquels la phrase maternelle réelle a été prononcée, et la transformation imaginaire, effectuée. C'est pourquoi le livre de Wolfson joint à son procédé le récit détaillé des circonstances externes, accidents et effectuations: par exemple la transformation de *believe* occupe quarante pages du manuscrit, entrecoupées par l'apparition fréquente de ce mot dans les lieux publics, par une rencontre avec le père dans un libre-service automatique, par le souvenir d'un de ses amis musclés et de sa sœur, par un retour au père qui emploie tantôt *like* en anglais, tantôt l'allemand *gleichen*, par un de ses voisins qui dit à nouveau «Believe», lequel mot va être enfin transformé suivant le modèle fourni par *like-gleichen*. On remarquera que Wolfson, bien que maniant difficilement le français, trouve spontanément la forme grammaticale complexe capable d'exprimer le rapport qui demeure extrinsèque entre les accidents réels décrits et les transformations linguistiques effectuées: le conditionnel, et de préférence le conditionnel passé, qui n'indique nullement ici un phantasme, mais prolonge à la fois en mode et en temps l'impersonnel

schizophrénique («l'étudiant linguistique aliéné prendrait un *e* de l'anglais *tree*, et l'intercalerait mentalement entre le *t* et le *r*, s'il n'aurait pas pensé que quand on place une voyelle après un son *t*, le *t* devient *d*...» «pendant ce temps la mère de l'étudiant aliéné l'eût suivi et fût arrivée à son côté où elle disait de temps à autre quelque chose de bien inutile...»).

...tampouco cientffica

Le livre de Wolfson n'est pas davantage une œuvre scientifique, malgré l'intention réellement scientifique des transformations phonétiques opérées. C'est qu'une méthode scientifique implique la détermination, ou même la formation et la production de totalités formellement légitimes. Les conditions de telles totalités, là encore, forment un champ symbolique (en un second sens du mot symbole); et les transformations à l'intérieur d'une totalité, ou d'une totalité à une autre, doivent être rigoureusement définies dans ce champ symbolique lui-même. Or il est évident que la totalité de référence de l'étudiant en langues est formellement illégitime; non seulement parce qu'elle est constituée par l'ensemble indéfini de tout ce qui n'est pas anglais, véritable tour de babil comme dit Wolfson, mais parce que nulle règle syntaxique ne vient définir cet ensemble en y faisant correspondre les sens aux sons, et y ordonner les transformations de l'ensemble de base pourvu de syntaxe et défini comme anglais. C'est donc de deux manières que l'étudiant schizophrène manque d'un symbolisme (tant à l'égard de la totalité que de la continuité): d'une part, par la subsistance d'un écart pathogène que rien ne vient combler; d'autre part, par l'émergence d'une fausse totalité que rien ne peut définir^[2] Ce pourquoi il vit ironiquement sa propre pensée comme un double simulacre, simulacre du Beau et du Vrai, simulacre d'un système poétique-philosophique et d'une méthode logique-scientifique. Encore cette puissance du simulacre ou de l'ironie fait-elle du livre de Wolfson un livre extraordinaire, illuminé de la joie spéciale et du soleil propre aux simulations, où l'on sent germer cette santé très particulière du fond de la maladie. Comme dit l'étudiant, «qu'il était agréable d'étudier les langues, même à sa manière folle, sinon imbécilique». Car «non pas rarement les choses dans la vie vont ainsi: un peu du moins ironiquement».

Toute cette entreprise de l'étudiant, avec cet écart qui la creuse, cette totalité mal formée qui l'inspire, signifie quelque chose. On dirait quelle symbolise quelque chose, au sens vague et courant du mot symbole cette fois. Et en effet il s'agit très clairement de détruire la langue maternelle. La traduction, impliquant une décomposition phonétique du mot, et ne se faisant pas dans une langue déterminée, mais dans un magma qui réunit toutes les langues contre la langue maternelle, est une destruction délibérée, une annihilation concertée, un désossement, puisque les consonnes sont l'os du langage. La traduction se confond donc avec une linguistique générale; mais l'étudiant peut assigner comme motif de toute linguistique générale le désir de tuer la langue maternelle — «un désir peut-être vague, sinon subconscient et refoulé, de ne pas devoir sentir la langue naturelle comme une entité comme la sentent les autres, mais par contre de pouvoir la sentir bien différemment, comme quelque chose de plus, comme exotique, comme un mélange, un pot pourri de divers idiomes».

**La linguistique, comme meurtre rituel et propitiatoire de la langue maternelle
(Linguistica como assassinato ritual e propiciatório da lingua materna)**

Tout part de là: que l'auteur ne supporte pas, ne peut pas supporter d'entendre sa mère parler. Chaque mot quelle prononce le blesse, le pénètre, et résonne, rebondit en échos dans sa tête. Le problème est donc d'apprendre des langues pour pouvoir convertir les mots anglais en mots étrangers, mais aussi d'apprendre ces langues sans passer par l'anglais, par voie de dictionnaires interlangues.

Les moyens de défense sont complexes, puisqu'il doit se protéger de toutes les façons possibles à la fois contre la voix de la mère: dès que sa mère approche, il «mémorise» dans sa tête une phrase d'une langue étrangère; il a sous les yeux un livre étranger; il produit des grognements de gorge et des crissements de dents; il a sa radio portative près de lui; il a deux doigts prêts à boucher ses oreilles; ou bien un seul doigt, l'autre oreille étant remplie par l'écouteur de la radio, la main libre pouvant alors servir à tenir et feuilleter le livre étranger. Car c'est encore un nouvel aspect qui s'enchaîne avec l'impersonnel et le conditionnel schizophréniques: cette disjonction, ce goût d'étaler toutes les possibilités disjonctives, d'avoir une panoplie de toutes les combinaisons possibles, si bien que toutes les formes de ce qui arrive n'entraînent qu'un changement de place insignifiant, une permutation minuscule dans les éléments locaux de la parade toute prête (Beckett fait souvent le prodigieux tableau de cette disjonction

schizophrénique, de cette litanie des disjonctions).^[3] Et la mère, de son côté, mène aussi le combat: soit pour le bien de son méchant fils dément, comme il dit, soit par agressivité naturelle et autorité, soit pour quelque raison plus obscure, tantôt elle remue dans la pièce voisine, fait résonner sa radio anglaise, et entre bruyamment dans la chambre du malade qui ne comporte ni clef ni serrure, tantôt elle marche à pas de loup, ouvre silencieusement la porte et crie très vite une phrase en anglais. Il va de soi que tout son arsenal et ses attitudes de défense, l'étudiant doit les tenir prêts dans la rue, dans les lieux publics, puisqu'il est sûr d'y entendre de l'anglais et risque même d'être interpellé. L'agoraphobie est chez lui étroitement déterminée par la misologie et l'écholalie.

A mãe

La mère le tente ou l'attaque encore d'une autre façon. Soit dans une bonne intention, soit pour le détourner de ses études, soit pour pouvoir le surprendre, tantôt elle range avec bruit des boîtes d'aliments dans la cuisine, tantôt elle vient les lui brandir sous le nez, puis s'en va, quitte à rentrer brusquement au bout d'un certain temps. Alors, pendant son absence, il arrive que l'étudiant se livre à une orgie alimentaire, déchirant les boîtes, les piétinant, en absorbant le contenu sans discernement. Le danger est multiple, parce que ces boîtes présentent des étiquettes en anglais qu'il s'interdit de lire (sauf d'un œil très vague, pour y trouver des inscriptions faciles à convertir comme «vegetable oil»), parce qu'il ne peut donc pas savoir si elles contiennent une nourriture qui lui convient, parce que manger le rend lourd et le détourne de l'étude des langues, enfin parce que les morceaux de nourriture, même dans les conditions idéales de stérilisation des boîtes, charrient des larves, de petits vers et des œufs rendus plus nocifs encore par la pollution de l'air, «trichine, ténia, lombric, oxyure, ankylostome, douche, anguillule». Sa *culpabilité* n'est pas moins grande quand il a mangé que quand il a entendu sa mère parler anglais. C'est la même culpabilité. Pour parer à cette nouvelle forme du danger, il a grand-peine à «mémoriser» une phrase étrangère apprise au préalable; mieux encore, il fixe en esprit, il investit de toutes ses forces un certain nombre de calories, ou bien des formules chimiques correspondant à la nourriture souhaitable, intellectualisée et purifiée, par exemple «les longues chaînes d'atomes de carbone non saturées» des huiles végétales. Il

combine la force des structures chimiques et celle des mots étrangers, soit en faisant correspondre une répétition de mots à une absorption de calories («il répéterait les mêmes quatre ou cinq mots vingt ou trente fois tandis qu'il ingérait avec avidité un montant de calories égal en centaines à la deuxième paire de numéros ou égal en milliers à la première paire de numéros»), soit en identifiant les éléments phonétiques qui passent dans les mots étrangers à des formules chimiques de transformation (par exemple les paires de phonèmes-voyelles en allemand, et plus généralement les éléments de langage qui se changent automatiquement «comme un composé chimique instable ou un radio-élément d'une période de transformation extrêmement brève»).

L'équivalence est donc profonde, d'une part entre les mots maternels insupportables et les nourritures vénéneuses ou souillées, d'autre part entre les mots étrangers de transformation et les formules ou liaisons atomiques instables (dans ces deux derniers cas, la machine apparaît, soit comme dictionnaire interlangues, soit comme appareil physico-chimique de transformation ou même distributeur automatique d'aliments aseptisés). Le problème le plus général, comme fondement de ces équivalences, est exposé à la fin du livre: Vie et Savoir. Nourritures et mots maternels sont la vie, langues étrangères et formules atomiques sont le savoir. Comment justifier la vie, qui est souffrance et cri? Comment justifier la vie, «méchante matière malade», elle qui vit de sa propre souffrance et de ses propres cris? La seule justification de la vie, c'est le Savoir, qui est à lui seul le Beau et le Vrai. Il faut réunir toutes les langues étrangères en un idiome continu, comme savoir du langage ou philologie, contre la langue maternelle qui est le cri de la vie; il faut réunir les combinaisons atomiques en une formule totale ou table périodique, comme savoir du corps ou physiologie, *contre le corps vécu, ses larves et ses œufs, qui sont la souffrance de la vie. Seul un «exploit intellectuel» est beau et vrai, et peut justifier la vie. Mais comment le savoir aurait-il cette continuité et cette totalité justifiantes, lui qui est fait de toutes les langues étrangères et de toutes les formules instables, où toujours un écart subsiste qui menace le Beau, et où n'émerge qu'une totalité grotesque qui renverse le Vrai? Est-il jamais possible de «se représenter d'une façon continue les positions relatives des divers atomes de tout un composé biochimique passablement compliqué... et de démontrer d'un seul coup, instantanément, et à la fois d'une façon continue, la logique, les preuves pour la véracité de la table périodique des éléments?» Peut-être faut-il être*

plus modeste: faire de toutes les langues étrangères un moyen de revenir à la langue maternelle désamorcée, faire de la table périodique un moyen de revenir au corps et à ses nourritures purifiées. Non plus opposer le Savoir à la Vie, dans une double figure qui renvoie de part et d'autre à la mort, mais dégager lentement, douloureusement, à travers les mots et les formules, quelque chose qui unit la vie au savoir. «Et il y a même de l'espérance qu'après tout... le jeune homme malade mentalement sera un jour capable, de nouveau, d'employer normalement cette langue, le fameux idiome anglais».

Equações de Deleuze (equivalências simbólicas)

Soit donc l'équation de fait mots maternels / langues étrangères = nourritures / structures atomiques = (vie / savoir)

Si nous considérons les numérateurs, nous voyons qu'ils ont en commun d'être des «objets partiels». Les objets partiels ont plusieurs caractères, qui en font les fragments d'une déesse redoutable, et qui expliquent le rôle essentiel qu'ils ont dans la schizophrénie: ils sont essentiellement menaçants, bruyants, toxiques, vénéneux. Ils ne sont pas partiels au sens où ils viendraient d'un tout et vaudraient pour lui: cest en eux-mêmes et directement qu'ils sont fragments impossibles à totaliser, éclats primordiaux qui ne témoignent d'aucun tout, morceaux naturels éclatés contenus dans des boîtes et qui menacent de faire exploser ce dans quoi ils entrent. Ils sont rebelles à toute transformation, précisément parce qu'ils ne s'intègrent dans aucun tout et ne passent pas dans autre chose: ils peuvent «signifier» plusieurs choses à des degrés divers, sein, nourritures, excréments, enfants, pénis; mais le terme «signifier» convient mal, et ils n'ont pas de «sens» à proprement parler, puisqu'ils n'entrent dans aucun système de transformation qui leur donnerait telle ou telle détermination d'après le tout dont ils seraient supposés être extraits, ou auquel ils seraient supposés appartenir. Ils sont donc rebelles à la symbolisation: ils ne doivent pas leurs caractères à ce qu'ils représentent, mais au contraire imposent à tout ce qu'ils représentent l'état d'objets partiels par quoi ils ne se distinguent ni numériquement ni spécifiquement, mais sur un mode très particulier de multiplicité non numérique. C'est cela le plus difficile à décrire: ils ne sont pas les morceaux d'un sein, d'un pénis, d'un enfant... etc., pas davantage le sein n'est lui-même un morceau de corps, le pénis, un autre morceau (de telles hypothèses

réintroduiraient forcément des totalités préalables); mais les objets partiels sont eux-mêmes des morceaux numériques qui se disputent les morceaux organiques de ce qu'ils représentent, chaque morceau emportant de son côté un morceau du représenté, chaque morceau ayant pour son compte un morceau de pénis, un morceau de sein, un morceau d'excrément, un morceau d'enfant. C'est ce rapport «morceaux sur morceaux» qui exclut toute totalité, transformation ou symbolisation: l'objet partiel implique un phénomène essentiel d'écart où chaque morceau, inséparable de la multiplicité qui le définit, s'écarte pourtant des autres et se divise en lui-même, en étant composé, non pas simplement d'objets hétéroclites, mais de morceaux hétéroclites d'objets hétéroclites. Enfin, dernier caractère, l'objet partiel concerne le système bouche-anus, et renvoie au corps de la mère, non pas comme totalité, mais comme type de la multiplicité formelle où ce corps a lui-même le rôle de boîte et de réceptacle. La logique de l'objet partiel n'en est qu'à ses débuts; et elle n'est nullement favorisée par les auteurs qui invoquent la notion vague et fautive de dissociation, et prétendent expliquer par là les bribes ou fragments qui constituent les «propriétés» du schizophrène.

Suivant l'étudiant en langues, sa mère ne lui adresse pas la parole en anglais sans un accent de triomphe: elle le gave de nourritures et le pénètre de paroles anglaises. Elle prétend faire vibrer l'oreille de son fils à l'unisson de ses cordes vocales, à elle: «sa voix très haute et perçante, et peut-être également triomphale»; «ce ton de triomphe qu'elle aurait en pensant pénétrer son fils schizophrène de mots anglais»; «semblant si remplie d'une espèce d'une joie macabre par cette bonne opportunité d'injecter en quelque sorte les mots qui sortaient de sa bouche dans les oreilles de son fils, son seul enfant ou, comme elle lui avait de temps en temps dit, son unique possession, en semblant si heureuse de faire vibrer le tympan de cette unique possession, et par conséquent les osselets de l'oreille moyenne de ladite possession, son fils, en unisson presque exacte avec ses cordes vocales à elle et en dépit qu'il en eût». Les rapports de la mère avec ses deux maris, dont l'un a une existence fluidique, l'autre, une existence «sournoise», lui donnent un rôle de femme phallique. Borgne, elle a un œil en moins, mais cet œil en moins est plutôt un objet partiel en plus, un pénis en plus, représenté par l'œil artificiel qu'elle retire chaque soir. L'étudiant en langues décrit lui-même le pénis comme organe féminin: «le vrai organe génital féminin lui semblait être, plutôt que le vagin, un tube en caoutchouc graisseux, prêt à être inséré par la main d'une femme dans le dernier segment de l'intestin, de son intestin». Son goût des thermomètres, des irrigateurs et des lavements, tout son érotisme

anal joint à sa phobie des vers et des larves, s'inscrivent dans le même tableau: le plaisir affreux d'être possédé fémininement par la mère aux multiples pénis, la Méduse borgne, et avoir des enfants d'elle. (Il y a là une inversion proprement schizophrénique, renvoyant aux objets partiels, indépendamment des thèmes homosexuels qui interviennent au contraire nécessairement dans la paranoïa; de même on distinguera les cérémoniaux ou rites compulsifs de la schizophrénie et ceux de la névrose obsessionnelle, en ce que les premiers portent sur des objets partiels asymboliques).

Si donc nous considérons les deux numérateurs de l'équation de fait, nous voyons qu'ils entrent eux-mêmes en rapport suivant la loi des objets partiels, morceaux sur morceaux. Ce sont les mots maternels qui viennent assumer les morceaux numériques de première espèce, tandis que les nourritures assument les morceaux organiques de deuxième espèce (sein, pénis, enfant, excrément = larves). On ne dira pourtant pas que les mots se mettent à désigner des nourritures, ni qu'ils trouvent leur sens dans ce que les nourritures cachent. Car suivant les règles formelles de l'objet partiel, les mots ont littéralement éclaté dans leurs éléments phonétiques, et particulièrement dans les éléments durs que sont les consonnes. Ils ne sont plus que des sons pénétrants, ou des lettres blessantes qui se détachent et se désarticulent sur les affiches publiques, sur les étiquettes des boîtes alimentaires ou sur le bloc où la mère écrit. Ils sont écartelés, leurs éléments mêmes sont écartés. Tout le drame se passe bien loin de la désignation et de l'expression. Et de leur côté, les nourritures ne sont pas davantage des objets désignés, ni ce qu'elles cachent (sein, pénis, enfant, excrément), des sens exprimés ou voilés. Les nourritures sont à leur tour des morceaux organiques, dont chacun a lui-même un morceau de sein, un morceau d'excrément, un morceau d'enfant, un morceau de pénis, larves nombreuses. Et le rapport des deux sortes de morceaux, verbaux et organiques, n'est pas de désignation ni d'expression, mais d'*imbrication* violente, les uns dans les autres, les uns sur les autres, comme dans un puzzle dont il faudrait forcer les pièces. Le rapport entre les numérateurs de la grande équation donne donc une équation subordonnée: mots éclatés / nourritures morcelées = vie injuste et douloureuse (morceaux de sein, de pénis...).

Il est tout à fait insuffisant de dire que le schizophrène traite ou appréhende les mots comme des choses. En vérité choses et mots sont soumis au processus primaire, qui ne les confond nullement, mais leur donne à chacun un rôle spécifique oral conforme aux règles formelles de l'objet partiel, en tant que celles-ci les distribuent de force, les

imbriquent, les emboîtent les uns dans les autres, en suspendant tout rapport de désignation et de signification possibles.

Objeto Parcial, Corpo despedaçado

Que fait le schizophrène ou comment réagit-il? Aux objets partiels et au corps morcelé, l'étudiant en langues oppose un corps complet, clos, lèvres serrées, oreilles bouchées, corps de musique fluide et immortel, organisme sans organes et sans parties, radio-fermé. Aux mots éclatés qui sont la passion douloureuse du schizophrène, il oppose des mots entiers, idéalement indécomposables, à la fois liquides et continus, cimentés et totaux, venus de toutes les autres langues, et qui forment son action, son «exploit» ^[4]. Mais tout le problème est celui de la transformation: comment va-t-il passer de la passion à l'action? Comment va-t-il transformer les mots anglais, les intégrer dans une totalité étrangère, eux que les règles de l'objet partiel constituent comme intransformables, non totalisables, frappés d'un écart maternel irréductible? Il faudrait qu'un principe de totalité et de transformation vienne d'ailleurs. Et sans doute on voit que pour étendre son champ de langues étrangères, l'étudiant peut organiser un double circuit qui ne passe pas par l'anglais: soit grâce à un dictionnaire de deux langues étrangères, soit en «mémorisant» d'abord une phrase d'une langue, puis en essayant d'en retrouver les sons sur disque. C'est qu'il appartient toujours à la totalité comme objet complet de se construire sur deux circuits, à deux vitesses ou suivant deux directions à la fois, comme les deux cercles du ciel en sens inverse, ou comme les deux dimensions d'un espace du tout et d'un temps de la totalisation. Le cercle intérieur, ou plutôt les multiples cercles intérieurs constituent les règles de transformation, de permutation, d'inversion sans lesquelles les éléments ne seraient pas les parties d'un tout; mais le tout lui-même ne subsume et ne s'approprie ses parties que par le cercle extérieur, qui introduit une commune mesure dans toutes les règles et impose une période à tous les éléments (la logique de l'objet complet troublerait une de ses plus parfaites expressions dans le *Timée*). C'est bien ainsi dès lors, par l'existence corrélatrice d'un double circuit, que des éléments rebelles en soi sont déterminés de force à surmonter leur résistance. Les mots anglais phonétiquement éclatés «voient» leurs éléments passer dans des termes étrangers suivant des règles de transformation organique interne, à condition que celles-ci soient rapportées à un tableau numérique externe qui en fixe idéalement la période. Le

problème schizophrénique, ici, est indissolublement de transformation et de totalisation. Le rapport de désignation du mot anglais, son «sens» courant, suspendu sur lui comme une nuée au-dessus des éléments éclatés, sert vaguement d'indicateur pour l'introduction de ces éléments dans le système à double piste qui va les transformer et les totaliser. De même que la logique de l'objet partiel distinguait les mots maternels comme morceaux verbaux et les nourritures comme morceaux organiques, étroitement pris les uns dans les autres, la logique de l'objet complet distingue un ensemble organique transformationnel (cette fois, les mots étrangers) et un ensemble périodique totalisateur (les structures atomiques et la table des éléments): les deux, étroitement liés, co-mouvants. D'où la nécessité absolue pour l'étudiant de mettre les mots étrangers en rapport avec des formules chimiques et des radioéléments périodiques.

Palavras estrangeiras, estruturas atômicas, saber

Et certes, les mots anglais ne *désignaient* pas les nourritures et ne signifiaient pas ce que les nourritures cachaient (les pénis maternels, l'inversion et la castration). Mais toutes ces espèces de morceaux entraînent dans un rapport beaucoup plus intime et plus complexe, imbriqués de force les uns dans les autres, emboîtés. De même ici, dans la logique de l'objet complet, les mots étrangers comme circuit intérieur et la table périodique comme cercle extérieur entrent dans un rapport intime et complexe: les mots étrangers ne se mettent pas à désigner des formules chimiques ou des structures atomiques, pas plus qu'ils ne signifient ce que ces formules cachent (le phallus, le redressement et la restitution). Mais les deux flux, le flux organique des mots étrangers et le flux périodique des formules, sont de force insufflés l'un dans l'autre, «mémorisés» l'un dans l'autre. A la loi de l'objet partiel «morceaux sur morceaux», répond le principe du tout comme objet complet ce flux dans flux». Si bien que, de la grande équation de fait, nous pouvons extraire une seconde équation subordonnée comme rapport des dénominateurs: mots étrangers / structures atomiques = savoir (reformation et restitution de l'objet complet).

Ce principe de totalité et de transformation, capable de conjurer l'inversion ou l'écart maternels irréductibles, il est naturel de le chercher du côté du père. Quoi de plus «naturel»? D'autant plus que l'étudiant dispose de deux pères: le réel, premier mari, et un beau-père. Mais c'est ici (non pas pour cette raison psychosociale) qu'intervient l'obstacle

radical empêchant l'étudiant de former dans l'ordre du symbole une totalité paternelle légitime, tout comme il était incapable de combler symboliquement l'écart maternel. Et si l'œil en moins de la mère était plutôt un œil en trop, les deux pères effectuent plutôt l'absence symbolique de père, la fameuse forclusion lacanienne. C'est que les deux pères ont une existence tellement fluide dans «l'esprit pervers du malade», comme dit Wolfson, que les deux flux, les deux circuits se mélangent irrémédiablement, sans que l'un puisse servir de mesure périodique totalisante, ni l'autre, de règle opératoire transformationnelle, aucune coagulation ni sédimentation, et inversement aucune précipitation ni liquéfaction n'étant assignables, mais seulement des transformations à éclipses, des bonds désordonnés, des occlusions douloureuses dans une totalité glissante, hémophilique, parfaitement inconsistante inutilisable. De son beau-père, cuisinier, l'étudiant dit: ses positions de cuisinier dans les gargottes «étaient en quelque sorte comme les chances de survie d'une particule donnée d'élément radioactif de périodicité de 45 jours, c'est-à-dire qu'il serait passablement improbable que l'emploi durerait 9 mois, tout comme la particule aurait moins qu'une chance sur 65 d'exister encore au bout du même temps». Et cette accusation vaut plus encore contre le père, qui mène une vie nomade, dans diverses chambres meublées, et ne rencontre son fils que dans des lieux publics, tous deux ayant hâte aussitôt de se quitter.

O Todo

Ainsi l'assimilation explicite des pères à des formules chimiques et radio-éléments dénonce le caractère illégitime du tout. Comment l'étudiant éviterait-il de former une fausse totalité de tout ce qui n'est pas anglais, sans principe syntagmatique ni règle syntaxique? Tout comme, dans la vision de l'étudiant, la mère est incapable de combler l'écart pathogène qu'elle creuse, le père est incapable de redresser la totalité illégitime qu'il forme. (Le père ne prétend-il pas ridiculement savoir les langues étrangères?) C'est la loi même de la totalité, *flux dans flux*, qui la rend illégitime, tout comme c'est la loi de l'écart, *morceaux sur morceaux*, qui le rend incomblable. Et la fausse totalité paternelle laisse subsister, bien plus entraîne jusque dans les langues étrangères et les essais de traduction l'écart qui brisait les mots de la langue maternelle (ainsi la fêlure transportée dans la traduction de *the* en *eth hè*. Les mots étrangers n'arrivent pas à former des blocs indécomposables et continus, La raison en est simple.

C'est que nous avons fait comme si l'écart, et la tâche de le combler (continuité) revenaient à la mère, et comme si le tout, et la tâche de le redresser (totalité) revenaient au père; mais en vérité il n'y a pas de fonction idéale, et toute introduction de la *Natur-philosophie* dans la psychanalyse est absurde. En règle dite normale, le père et la mère ne sont pas trop de deux pour former la totalité comme pour combler l'écart. Mais s'il n'y a pas de fonctions naturelles idéales, il y a des positions symboliques. C'est lorsque le symbolisme du tout et des parties est affecté dans son essence subjective, que se produit une répartition aberrante asymbolique, et que, dans le cas précis de l'étudiant en langues, la mère est posée comme responsable d'un écart nécessairement pathogène, et le père, d'une totalité nécessairement mal formée. Aussi bien n'est-ce pas nous qui faisons comme si... Et chaque fois que se pose le problème de l'écart, le père a disparu, ce par quoi l'écart est incomblable. Et chaque fois que se pose le problème du tout, la mère a disparu, ce par quoi la totalité n'est pas formable (l'étudiant l'éprouve quand il veut convertir le mot anglais *lady*, et ne peut le transformer que dans l'allemand *leute* ou le russe *loudi*, qui signifient «les gens», court-circuitant précisément la partie féminine). Il serait vain de dire à l'étudiant qu'il suffit de réunir le père et la mère, de les accepter tels qu'ils sont... etc. pas plus que la constellation familiale n'est la cause du trouble, son aménagement ne peut être thérapeutique. Et la psychologie sociale ne rend pas plus compte de la maladie que du retour à la santé: toutes ses informations au contraire doivent passer à travers la grille qui les filtre, et qui est la logique formidable de la santé comme de la maladie (grammaire générale psychotique).

Verdade e saber

Il semble pourtant, à la fin, que l'étudiant «se fasse» à ses parents, et que ses parents fassent un pas vers lui. «Possiblement le schizophrène devrait bien modifier certaines du moins de ses conclusions péjoratives au sujet de ses parents», car la mère consent de plus en plus à lui parler yiddish, le père aussi, et le beau-père, français. Et le livre s'achève sur un chant sombre encore, mais d'espoir, où s'ébauche l'éventualité de supporter l'anglais, de supporter la vie, de retrouver la liberté perdue. Mais justement en quoi consiste cette véritable révélation finale, qui ne se réduit évidemment pas à l'acceptation mutuelle du fils et des parents? Dans les pages brûlantes de la fin, Wolfson expose la certitude qui le

traverse un jour, «la vérité des vérités». D'une part, le savoir ne peut pas s'opposer à la vie parce que, même quand il prend pour objet la formule chimique la plus morte de la matière inanimée, les atomes de cette formule sont encore de ceux qui entrent dans la composition de la vie organique, et qu'est-ce que la vie sinon leur aventure? Le savoir ne peut pas davantage justifier la vie, parce qu'il n'a pas la continuité ni la totalité nécessaires. D'autre part, la vie ne s'oppose pas non plus au savoir, car qu'est-ce que le savoir sinon l'aventure de la vie dans le cerveau des grands hommes (le cerveau ressemblant d'ailleurs à un irrigateur plié)? Et la vie n'a pas à être justifiée par le savoir, car les plus grandes douleurs sont déjà justifiées par ceux-là mêmes qui les éprouvent, et qui en tirent un merveilleux enseignement de martyre, d'intelligence et de charité; quant aux plus petites douleurs, celles que nous nous donnons «pour» nous prouver que la vie est supportable, c'est elles qui nous apprennent un jour que la vie se dérobe à toute justification. Ainsi l'étudiant, familier de conduites masochistes (brûlures de cigarettes, asphyxies volontaires, aspersions glacées), rencontre la «révélation», et la rencontre précisément à l'occasion d'une douleur très modérée qu'il s'infligeait, et à un moment où cette douleur est fort supportable: il lui est révélé à la fois que la vie est absolument injustifiable, et cela d'autant plus qu'elle n'a pas à être justifiée! Combien nous aurions tort de voir en tout cela les rudiments d'une mauvaise philosophie. Et pour arriver à l'idée que la vie n'a pas à être justifiée, combien de pensées débiles, de délires et de balbutiements psychotiques faut-il à chacun de nous. Et tant de nous qui n'y arrivent jamais. Ce que l'étudiant saisit dans la révélation, c'est que, des deux côtés de son équation fondamentale, il n'y a que la mort, du côté de la mère et du côté du père, du côté du savoir et du côté de la vie, qu'on les mette dans un rapport d'opposition ou de justification, ou même de réunion tant bien que mal. La mort comme pathologie de l'écart, ou comme malformation du tout. Mais cela, il n'a pu le saisir que comme le résultat dans sa «conscience aliénée» d'une aventure plus profonde, d'une compréhension plus profonde, d'où résulte aussi l'aspect plus supportable et plus humain pris par ses parents: «vérité des vérités...».

Aventura das palavras... Linguagem

Cette aventure, c'est l'aventure des mots. Le langage tout entier traîne avec lui une histoire de sexe et d'amour. Mais il y a plusieurs façons d'en approcher. Au niveau le plus bas les porcs de l'humanité, c'est-à-dire les «bons vivants», sont ceux qui se plaisent aux histoires obscènes, gauloises, contrepèteries..., etc. on peut dire pourtant qu'ils

appréhendent quelque chose de l'histoire sexuelle du langage, et qu'ils mettent en œuvre des «procédés» proprement linguistiques, mais ils ne le font qu'en général, et cessent de rire dès qu'ils rencontrent dans le silence des mots leur propre castration, à eux, leur propre inversion, à eux. Ils se servent laborieusement du langage pour désigner la sexualité et ses événements. On sait qu'un comique autrement puissant se déchaîne quand «l'esprit» est inconscient. Et qu'un lapsus met en jeu toutes les forces de la Nature en un joyeux chaos, et qu'un mot d'esprit n'est supportable que quand il mime l'inconscient. Et que, bizarrement, c'est quand on ne l'a pas fait exprès qu'on commence à être personnellement concerné. Alors commence l'humour, qui est l'esprit en nous, non pas celui que nous faisons, mais celui qui nous fait, auquel nous nous offrons en holocauste. C'est que le rapport du langage et de la sexualité a cessé d'être de désignation, il est devenu de *signification*, et se déploie sous cette forme dans tout le champ névrotique (le rapport de signification étant lui-même très complexe, et comportant plusieurs couches qui vont d'une simple psycho-pathologie de la vie quotidienne à la psychanalyse des névroses). Mais au-delà encore, La psychose et l'ironie psychotique: tous les mots racontent une histoire d'amour, mais cette histoire n'est plus ni désignée ni signifiée par les mots. Elle est prise dans les mots, indésignable, insignifiable. Et c'est là l'aventure du langage psychotique. Le caractère fondamental de ce langage n'est pas de traiter les mots comme si c'étaient des choses, mais d'une part d'imbriquer les choses dans les mots suivant la loi *morceaux sur morceaux* de l'objet partiel ou du mot éclaté), d'autre part d'insuffler le savoir dans les mots (suivant la loi *flux dans flux* de l'objet complet ou du mot indécomposable). Le savoir n'est plus signifié, mais insufflé dans le mot; la chose n'est plus désignée, mais imbriquée, emboîtée dans le mot. La sexualité, c'est-à-dire Eros, est ce savoir à l'état insufflé, cette chose à l'état emboîté. Autant dire que la psychose et son langage sont inséparables du «procédé linguistique», d'un procédé linguistique. C'est le problème du procédé qui, dans la psychose, a remplacé le problème de la signification et du refoulement. Comme Thésée, s'y retrouve seulement celui qui se retrouve dans le procédé. C'est en lui que se jouent la maladie et la guérison. La guérison du psychotique, c'est non pas prendre conscience, mais vivre *dans les mots* l'histoire d'amour qu'ils imbriquent et qui les insufflent, Eros singulier. Non pas désigner quelque chose, ni signifier un savoir, mais vivre insufflé et emboîté, dans le procédé lui-même. Alors le procédé cesse de réunir et de distribuer les figures de la mort, et libère cet Eros, cette histoire sexuelle qu'il cachait dans ses lois. Encore faut-il que le psychotique découvre lui-même le procédé personnel précis qui le met en scène, et redécouvre l'histoire malheureuse d'un amour que son procédé murmure et retient, plus cachée que si elle était refoulée. Car, imbriquée et insufflée dans les mots, il faut la retrouver comme dans une devinette, non plus la traduire comme un signifié. Le livre de Wolfson est une des plus grandes expérimentations dans ce domaine. C'est en ce sens que tout dans la psychose passe par le langage, mais sans que rien concerne jamais la signification ni la désignation des mots.

Gilles Deleuze.

Notes

[1] Raymond Roussel expose son « procédé » dans *Comment j'ai écrit certains de mes livres*. Sur la nature et le rôle du procédé, sur le rôle analogue des machines, et sur la persistance d'un « accroc » devenu créateur, cf. les analyses de Michel Foucault, *Raymond Roussel*, éd. Gallimard, 1963.

[2] En règle générale, l'analyse psycho-sociale des familles de schizophrènes ne peut être menée qu'à travers les règles formelles instaurées par la pensée schizophrénique, et non l'inverse. L'étude de ces règles formelles n'est certes pas favorisée par les anciens lieux communs sur la pensée prélogique, la participation, l'identification, la dissociation, les mécanismes du rêve: au contraire. L'étude du formalisme schizophrénique, et des « non-sens » où il se déploie pour lui-même et positivement, trouve déjà un certain développement dans les travaux de G.

Bateson et de son école: cf. *Toward a theory of schizophrenia*, Behavioral Science, 1966 (et le compte-rendu qu'en donne Pierre Fédida, *Psychose et Parenté*, Critique, octobre 1968). Il est certain que la théorie lacanienne, concernant la position du schizophrène dans l'ordre symbolique, est susceptible de donner à ces recherches de nouvelles bases.

[3] Les exemples les plus nets en sont dans *Watt* et dans un conte admirable de *Têtes-mortes*, «Assez». Cf. *Malone meurt*: «tout se divise en soi-même».

[4] Chez Wolfson, la différence entre les deux sortes de mots est d'autant plus évidente que les uns sont par nature anglais, les autres, de langues étrangères. Mais la corrélation des deux sortes de mots se retrouve partout: dans le langage schizophrénique sommaire et caricatural des bandes dessinées (où des éclats phonétiques s'opposent à des blocs toniques inarticulés), ou bien dans la grande œuvre poétique d'Artaud (où les mots déboîtés s'opposent aux mots-souffles). L'analyse de la seconde sorte de mots, mots-souffles ou blocs indécomposables, doit marquer deux caractères inséparables: ils sont à la fois liquides et cimentés (par exemple on remarquera les vertus que Wolfson donne au «signe mou ou mouillé» en russe). Nous essayons plus loin d'expliquer ce double caractère par la logique du tout qui régit de tels mots.

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DE RADIODIFUSÃO DO JORNAL L'HUMANITÉ

Cette transcription, due à l'obligeance de Nicolas Mouton, garde le caractère parlé de l'entretien enregistré pour l'émission de France-Culture, les Idées et l'Histoire. Disponible en: <http://www.humanite.fr/2006-02-28_Cultures_Jean-Ristat-entretien-avec-Gilles-Deleuze-France-Culture-2>. Accès en: 12 out. 2008.

Jean Ristat: entretien avec Gilles Deleuze (France-Culture, 2 juillet 1970)

Jean Ristat. L'auteur de ce livre, Louis Wolfson, s'appelle «l'étudiant de langue schizophrénique», «l'étudiant malade mentalement», «l'étudiant d'idiome dément». Je crois que ces quelques expressions suffisent à mettre le lecteur du Schizo et les langues dans une situation d'étrangeté à la fois par la douleur, le tragique et l'humour qui traversent ce livre. Wolfson est américain, et il écrit en français. Mais il refuse sa langue maternelle, et il emploie un procédé linguistique dont vous dites dans votre préface, Gilles Deleuze, qu'il présente des analogies frappantes avec le célèbre procédé lui-même schizophrénique du poète Raymond Roussel. Analogie, mais aussi une différence. Et toute la question me semble-t-il est là: Wolfson n'écrit pas une oeuvre littéraire et pourtant, dire cela nous autorise-t-il à considérer son livre comme un ouvrage de malade mental ? Alors, tout d'abord, voulez-vous nous expliquer son procédé ?

Gilles Deleuze. Le procédé en effet est très frappant. Il faudrait même, peut-être, pour mieux comprendre une telle situation mettre en parallèle deux mouvements. Un mouvement qui serait le processus de la maladie même, et un mouvement qui serait le procédé par lequel le sujet réagit à ce processus pathologique. Le procédé lui-même peut être de nature littéraire, esthétique, artistique. Or, si l'on envisage Wolfson, le cas Wolfson, il est certain que son procédé peut être rapproché de procédés qui furent utilisés dans les langages ésotériques ou les langages de type secret de la littérature. Prenons un exemple simple. La mère de Wolfson, qui est américaine, ou du moins qui parle anglais, lui dit la phrase simple suivante: « Ne trébuche pas sur le fil » (à propos d'un fil électrique qui traverse la pièce). Don't trip over the wire. Le problème de Wolfson, mais sans doute est-ce que déjà la position d'un tel problème implique une longue expérience, une longue fréquentation de sa propre maladie, une longue recherche, le problème du procédé de Wolfson consiste en ceci: si l'on assigne comme processus pathologique dont Wolfson souffre, le caractère insupportable que la langue maternelle et sa mère ont pour lui (il ne supporte pas d'entendre sa mère, et d'entendre sa mère parler anglais). Si c'est bien là que consiste dans le cas qui nous occupe le processus pathologique, le procédé inventé par Wolfson est d'immédiatement dissoudre la langue maternelle. Il faudra qu'à chaque mot anglais correspondent des mots d'une autre langue qui vont

ressembler aux mots anglais à la fois par le sens et le son, et qui vont pouvoir immédiatement remplacer les mots anglais que Wolfson juge insupportables. Ainsi Do not va être transformé en un terme allemand Du nicht, trip va être transformé en tréb-, préfixe français de trébucher, over va devenir über, thé va devenir les éléments hébreux [et é], wire va devenir Zwiirn. Et toute la phrase, l'ensemble de la phrase anglaise, va être immédiatement convertie, et bien plus que convertie, va être annulée, supprimée, recouverte par un équivalent issu de toutes les langues et empruntant ses éléments à toutes les langues à la fois.

Jean Ristat. Il y a là une analogie évidente avec le procédé de Raymond Roussel, et malgré tout une différence puisque Raymond Roussel écrit une oeuvre littéraire, ce qui n'est pas le cas de Wolfson puisqu'on peut considérer que son procédé linguistique est un moyen de défense.

Gilles Deleuze. Son procédé linguistique est un moyen de défense sans doute, vous avez tout à fait raison, parce qu'il laisse à l'extérieur, si indéterminé qu'il soit, le processus auquel il réagit, c'est-à-dire le processus proprement schizophrénique. La différence, la frontière, entre une oeuvre proprement littéraire et un procédé pathologique, un procédé maladif, ne vient sûrement pas de la différence peu fondée entre normal et pas normal, normal et anormal. Peut-être la différence reposerait-elle beaucoup plus sur ceci que dans une oeuvre littéraire, il n'y a pas seulement un procédé de défense, mais il y a comme une espèce, non pas compréhension, non pas traduction, mais une espèce de reprise dans l'oeuvre esthétique elle-même du processus, du processus général auquel le procédé répond. Tandis que, dans le cas de Wolfson, le processus comme processus de la folie reste extérieur au procédé lui-même comme réaction de défense à cette folie.

Jean Ristat. Oui, il ne peut s'agir pour lui que de se saisir du dehors sous une espèce anonyme et de rapporter exactement ce qu'il fait. Ce n'est donc pas l'exposé d'un délire qui nous est donné ici.

Gilles Deleuze. Ce n'est pas l'exposé d'un délire. C'est l'exposé d'un système de comportements, d'actions, d'un système d'occupations, mais qui précisément en vertu de ses caractères schizophréniques ne peut pas avoir un sujet personnel. Je veux dire qu'il y a à proprement parler un impersonnel schizophrénique, ce qui ne veut pas dire du tout un indifférencié. Ce qui ne veut pas dire du tout que le sujet serait simplement anonyme, serait indéterminé mais ce qui signifie plutôt que le sujet de toutes ces activités s'appréhende lui-même comme une instance impersonnelle qui à chaque instant entre dans des disjonctions. Par exemple, être homme et femme à la fois, être petit et grand à la fois. À chaque instant, si vous voulez, un sujet impersonnel s'engage dans des branches, divergentes, dans des directions disjointes, et il est des deux côtés à la fois.

Jean Ristat. Sur ce problème de la disjonction schizophrénique, je crois qu'il y a des passages tout à fait extraordinaires du livre où Wolfson se décrit, sa radio à ses côtés, les doigts prêts à boucher ses

oreilles, ou bien, je cite ici votre phrase: « un seul doigt, l'autre oreille étant remplie par l'écouteur de la radio, la main libre pouvant alors servir à tenir et à feuilleter le livre étranger ».

Gilles Deleuze. C'est cela, c'est cela ! C'est aussi ce genre de très longue disjonction où un même sujet saisi ou posé comme impersonnel est de tous les côtés à la fois, c'est cela par exemple que l'on retrouve constamment dans les romans de Beckett. Je pense à un autre cas très impressionnant de schizophrénie: le sujet établissait de très longs comptes, de très longues litanies, il y avait un côté femme un côté homme, et à chaque instant il se mettait des deux côtés à la fois comme s'il survolait dans une espèce de bond indivisible les deux branches de la disjonction. Il avait comme contracté l'expression « matricule » et d'un côté, le côté gauche féminin, il écrivait Ricu la sultane pour se désigner lui-même en tant que femme, de l'autre côté Ricu le sultan pour se désigner en tant qu'homme. Il me semble qu'appartient à l'expérience schizophrénique cette espèce de disjonction, et la raison pour laquelle elle y appartient peut-être nous ferait mieux comprendre ce qu'est cette instance impersonnelle de la schizophrénie. Je veux dire que le schizophrène, à un pôle de son expérience au moins se vit réellement comme une sorte de corps plein, opaque, yeux fermés, nez fermé, bouche fermée, un corps catatonique.

Jean Ristat. Ce corps plein, ce corps opaque s'oppose, si je comprends bien, aux objets partiels. Et c'est sur cette question des objets partiels que j'aimerais que nous venions maintenant, cela peut-être par le détour du problème de la nourriture. Parce que c'est un problème qui est lié à celui des mots maternels et des aliments souillés. Il y a des passages où Wolfson décrit la véritable boulimie qui s'empare de lui à certains moments. Alors vous posez une équation que je vais me permettre de citer et je vous demanderai de l'explicitier: « mots maternels sur langues étrangères = nourriture sur structure atomique-vie sur savoir ». Les numérateurs sont partiels. Ils sont, dites-vous, rebelles à la symbolisation. Ces objets partiels, est-ce par exemple un sein, considéré comme morceau d'un corps éclaté, ou bien est-ce un morceau de sein ?

Gilles Deleuze. Sans doute les deux à la fois. Peut-être faut-il ramener là encore l'expérience schizophrénique à ces deux pôles. Si vous m'accordez d'un côté ce pôle du corps plein, opaque et fermé, étroitement fermé, il n'en reste pas moins que ce corps n'est pas indifférencié comme tel. Ce corps catatonique ne doit pas être pris pour un corps simplement indifférencié, parce que tout se passe comme si sur ce corps, sur ce corps opaque, sur ce corps sans organes s'accrochait en tintant, pas du tout en épousant ou en s'ajustant dans ce corps, mais vraiment posé sur, les organes comme autant d'objets partiels. À la fois ce corps sans organes, puis un peu comme des médailles sur un maillot, il y a les organes dispersés, les organes disjoints. Et ces organes disjoints dans l'expérience schizophrénique, accrochés sur le corps plein sans organes forment, il me semble, comme autant de

lignes de disjonction. Et alors, il est bien forcé qu'en tant qu'habitant son corps plein opaque, le schizophrène se vive, au niveau des objets partiels accrochés sur ce corps comme étant dans toutes les directions de la disjonction. Par exemple, prenons la bouche comme objet partiel: la bouche est comme accrochée sur ce corps plein, et en elle-même elle est disjointe. Je veux dire qu'elle est à la fois comme une petite machine à avaler l'air, une petite machine à retenir et à absorber les aliments, une petite machine à vomir. Et tout cela, notamment, que l'on rencontre dans tous les cas d'anorexie liés à la schizophrénie ; tout cela fonctionne ensemble, se court-circuite dans des séries de disjonctions constantes. Or, l'aspect anorexique et aussi bien l'aspect boulimique de Wolfson apparaissent nettement. Tout cela, il me semble, ne peut se comprendre qu'à partir d'une expérience schizophrénique qui maintient à la fois les objets partiels sur le corps opaque et le corps opaque comme corps sans organes.

Jean Ristat. Pour terminer, je voudrais vous demander ce que veut dire cette phrase: « le langage tout entier est une histoire de sexe et d'amour ». Qu'est-ce qui caractérise donc le langage psychotique et par là la sexualité du psychotique ?

Gilles Deleuze. Peut-être faudrait-il insister sur ceci: de plus en plus, la psychiatrie renonce à ce qu'il y ait une entité schizophrénique. Il faudrait peut-être plutôt dire que les processus schizophréniques, qui d'ailleurs ne nous appartiennent pas, sont aussi bien des processus sociaux, des processus collectifs, des processus historiques, et que ces processus schizophréniques à tel endroit, à tel moment, produisent un individu que l'on nommera plus ou moins arbitrairement un schizophrène. Je crois que le problème de la schizophrénie ne pourra être bien posé que si l'on renonce tout à fait à l'idée d'une entité malade qui s'appellerait la schizophrénie. Il faut considérer le schizophrène à la fois comme produit naturellement et historiquement par un processus qui lui seul mérite le nom de schizophrénie.

(1) Louis Wolfson, *le Schizo et les Langues*. Paris, Gallimard, 1970. Reprise révisée dans *Critique et Clinique*. Paris, Éditions de Minuit, 1993. Cette transcription, due à l'obligeance de Nicolas Mouton, garde le caractère parlé de l'entretien enregistré pour l'émission de France-Culture, les Idées et l'Histoire.